

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO

**NATASHA ROSE DAVIDA MAIDANA**

**PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DAS GINÁSTICAS COMPETITIVAS  
NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL:**  
uma análise de teses e dissertações

Florianópolis,  
2022

Natasha Rose Davida Maidana

**PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DAS GINÁSTICAS COMPETITIVAS  
NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL:**  
uma análise de teses e dissertações

Trabalho de conclusão de curso de Graduação em Educação Física - Bacharelado do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Juliana Pizani

Coorientadora: Ms. Lara Vinholes

Florianópolis,

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Maidana, Natasha Rose Davida  
Produção de conhecimento acerca das ginásticas  
competitivas nos programas de pós-graduação em EF no Brasil  
: uma análise de teses e dissertações / Natasha Rose Davida  
Maidana ; orientador, Juliana Pizani, coorientador, Lara  
Vinholes, 2022.  
98 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Ginástica. 3. Mestrado. 4.  
Doutorado. 5. Revisão. I. Pizani, Juliana. II. Vinholes,  
Lara. III. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Educação Física. IV. Título.

Natasha Rose Davida Maidana

**PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DAS GINÁSTICAS COMPETITIVAS  
NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL:**  
uma análise de teses e dissertações

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 10,0.

Florianópolis, 15 de dezembro de 2022.

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Pizani  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michele Caroline de Souza Ribas  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Castilho Teixeira Breschilliare  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

Por fim aproxima-se o momento de finalização da minha graduação em educação física, um percurso longo que trouxe consigo obstáculos no caminho, jornadas longas de trajeto para momentos de escolhas decisivas para a carreira profissional, mas sobretudo momentos de descoberta e aprendizagem profissional. Tenho somente a agradecer aos professores que compõem o corpo docente do Centro de Desportos – UFSC, pois embora a pandemia e os cortes de verbas destinadas a universidade tenham afetado a produção científica que busca melhorar a qualidade de ensino, seguem dando apoio aos alunos que buscam recorrer a ciência, valorizando a importância da educação física e seu impacto na saúde.

Gostaria de agradecer a minha família, colegas e amigos que tornaram essa jornada mais prazerosa, ouviram minhas tribulações e celebraram minhas conquistas ao longo do caminho. Agradeço principalmente aos colegas que iniciaram o curso junto comigo e com os quais tive a honra de cursar disciplinas e realizar trabalhos juntos, por tornarem a experiência acadêmica mais acolhedora. Obrigado Alessandro Miranda, Artur Dilli, Lucas Lanzarini, Murilo Henrique, Marina Duarte, pelas colaborações, pelos elogios, pelos momentos que passamos juntos até aqui, as risadas, a correria e todo o apoio que fez muita diferença.

Gostaria de fazer um agradecimento especial à Lays Matias, que viu minha curiosidade acerca da ginástica e que prontamente me acolheu e convidou a fazer parte desse mundo de profissionais apaixonados pela ginástica. Obrigado também à família da Ritmos Gym: Bruna Paz, Anelise Cunha, Nadine Oliveira, Trisyha Luana, amei trabalhar e aprender com vocês. Obrigada também às professoras do Taizi Gym Kids, à Taizi principalmente, por me ensinar tudo o que eu sei sobre a ginástica artística e por confiar no meu trabalho.

Obrigado aos membros do Grupo de Pesquisa em Atividade Física e Saúde (NUPAF), principalmente aos professores Kelly Silva e Marcus Weber, por me proporcionar diferentes experiências no ambiente da pesquisa, tanto no campo quanto no laboratório. Vocês me mostraram o quanto pode ser agradável ser pesquisador, ainda que seja um trabalho enorme que nem sempre é reconhecido, conseguimos construir um

ambiente positivo e acolhedor em que se aprende de forma informal, em conversas e em coletas.

Por fim e não menos importante, um muitíssimo obrigado a professora doutora Juliana Pizani, pela orientação na elaboração deste trabalho, sem seu apoio em todo o processo não seria possível concluí-lo. Obrigada por me ensinar a olhar criticamente aos resultados de um estudo, a enxergar e refletir sobre a forma que escrevemos a pesquisa direcionando-a para o objetivo que queremos responder. Obrigada Lara Vinholes por me apoiar nos processos de coleta e extração de dados, pelas inúmeras reuniões e respostas as minhas dúvidas.

Foi um longo processo na construção deste trabalho, e fico contente por finalizar este curso com um trabalho que une a pesquisa científica e as modalidades de ginástica competitiva, pelas quais tenho um carinho especial, haja vista que as experiências vividas com elas foram muito positivas e espero futuramente poder contribuir para uma realidade favorável para o desenvolvimento da ginástica, especialmente do ponto de visto pedagógico.

## RESUMO

Temos como ginásticas competitivas aquelas modalidades de ginástica que se manifestam por meio de apresentações realizadas por indivíduos de ambos os sexos, utilizando aparelhos ou não, utilizando elementos técnicos e expressão corporal nas coreografias criadas para competir em eventos buscando a melhor performance. Tendo em vista a complexidade do esporte, torna-se necessário refletir e pesquisar sobre diferentes faces e formas de vivenciar e perceber o esporte. Logo, este trabalho tem como objetivo analisar a produção de conhecimento da pós-graduação, acerca das ginásticas competitivas, verificando os principais temas, características metodológicas, público-alvo, subáreas de pesquisa e metodologias de ensino-aprendizagem, com vistas à compreensão das ginásticas de competição como campo investigativo e suas respectivas lacunas. Para tanto, foi realizada um mapeamento de teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação stricto sensu em Educação Física no Brasil, relacionados ao campo da ginástica competitiva, por meio de uma revisão bibliográfica utilizando os indicativos da análise de conteúdo de Bardin (2016), para interpretação e discussão dos estudos encontrados. Os resultados apontam que há uma diversidade ampla de temas no campo das ginásticas competitivas, com maior número de estudos provenientes das regiões sul e sudeste do Brasil onde há maior desenvolvimento de certas modalidades. No que se refere às características metodológicas, a abordagem qualitativa foi mais utilizada, bem como o delineamento descritivo, tendo a entrevista como principal instrumento de coleta. Em relação às subáreas de pesquisa, a maior representatividade concentrou-se nos estudos pedagógicos, em que mencionaram diferentes métodos de ensino-aprendizagem, mas nem todos conseguiram retratar o método de forma sistematizada, indicando uma tendência de continuar a utilizar métodos tradicionais hierárquicos. A modo de conclusão, indicamos que ainda são necessárias investigações que tornam os modelos de ensino-aprendizagem protagonistas, intencionam a disseminação de novas formas de ensino-aprendizagem e sua aplicação prática, bem como reflexão sobre os modelos já existentes. Também apontamos como lacuna investigativa a necessidade de pesquisas que tratem das modalidades ginásticas competitivas que não são consideradas tradicionais no cenário nacional, podendo ser um contributo para a ampliando da oferta de modalidades gímnicas no contexto a prática.

**Palavras-chave:** Ginástica. Mestrado. Doutorado. Revisão bibliográfica.

## **ABSTRACT**

We have as competitive gymnastics those gymnastics modalities that are manifested through presentations performed by individuals of both sexes, using equipment or not, using technical elements and body expression in the choreographies created to compete in events seeking the best performance. Bearing in mind the complexity of the sport, it becomes necessary to reflect and research on different faces and ways of experiencing and perceiving the sport. Therefore, this work aims to analyze the production of postgraduate knowledge about competitive gymnastics, verifying the main themes, methodological characteristics, target audience, research subareas and teaching-learning methodologies, with a view to understanding gymnastics of competition as an investigative field and its respective gaps. For that, a mapping of theses and dissertations produced in the stricto sensu postgraduate programs in Physical Education in Brazil, related to the field of competitive gymnastics, was carried out through a bibliographical review using the indicatives of Bardin's content analysis (2016), for interpretation and discussion of the studies found. The results indicate that there is a wide diversity of themes in the field of competitive gymnastics, with a greater number of studies coming from the south and southeast regions of Brazil, where there is greater development of certain modalities. With regard to methodological characteristics, the qualitative approach was most used, as well as the descriptive design, with the interview as the main collection instrument. Regarding research subareas, the greatest representation was concentrated in pedagogical studies, in which different teaching-learning methods were mentioned, but not all managed to portray the method in a systematized way, indicating a tendency to continue using traditional hierarchical methods. In conclusion, we indicate that investigations are still needed that make teaching-learning models protagonists, intending to disseminate new forms of teaching-learning and their practical application, as well as reflection on existing models. We also point out as an investigative gap the need for research that deals with competitive gymnastic modalities that are not considered traditional in the national scenario, which can be a contribution to expanding the offer of gymnastic modalities in the context of practice.

**Keywords:** Gymnastics. Master's. Doctorates. Revision.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 OBJETIVOS.....	14
<b>1.1.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>14</b>
1.2 JUSTIFICATIVA.....	15
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>17</b>
2.1 GINÁSTICAS COMPETITIVAS .....	17
2.2 FASES DE APRENDIZAGEM.....	21
2.3 METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM .....	26
<b>2.3.1 Metodologias de ensino-aprendizagem utilizadas nas ginásticas competitivas .....</b>	<b>28</b>
<b>3. MÉTODOS.....</b>	<b>30</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>34</b>
4.1 PÚBLICO INVESTIGADO .....	34
4.2 NATUREZA DOS ESTUDOS .....	41
4.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	43
4.4 LOCAIS DE ORIGEM E COLETA DE DADOS.....	45
4.5 SUBÁREAS DE PESQUISA.....	48
4.6 METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM .....	59
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>70</b>
<b>APÊNDICE A – Identificação da amostra de teses/dissertações .....</b>	<b>90</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A prática de ginástica já acontece há muito tempo, desde a Grécia antiga, e semelhante a outros esportes, não iniciou buscando a competição, mas como atividade cotidiana com outros objetivos: educacionais, saúde, condicionamento, demonstrativo (FRANZTOPOLOU *et al.*, 2011; QUITZAU, 2015). Atualmente, parte considerável das modalidades de ginástica estão voltados para competição visando o alto rendimento, tanto com jovens como com adultos. A competição pode ser uma experiência muito positiva para jovens, pois a preparação permite um desenvolvimento e evolução individual, construção de valores, persistência, autocontrole e respeito (NUNOMURA; OKADE; TSUKAMOTO, 2009). A visibilidade das ginásticas competitivas acarretada pela tradicionalidade e o atrativo inerente dessas modalidades chama a atenção não só para os praticantes, mas também para os pesquisadores da área da educação física, fazendo com que se torne tema de investigação, sujeito à evolução assim como o esporte (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

A ginástica competitiva é um esporte que demonstra muita habilidade técnica, domínio do corpo, e envolvimento com aparelhos específicos ou com colegas de apresentação. A evolução e apresentação do esporte é composto por diversos elementos acrobáticos, giros e saltos que requerem potência, flexibilidade e coordenação (ROOT *et al.*, 2019). O participante tem a possibilidade de escolher entre diversas modalidades, cada qual com suas especificidades e diferentes níveis de competição, que permitem o crescimento do esporte e a participação de diferentes públicos. Este esporte envolve movimentos de habilidades complexas, e requer muitas horas de treinamento específico para melhorar a técnica exigida para avançar no esporte de alto rendimento, que compõem as apresentações que vemos nas Copas Mundiais e Jogos Olímpicos (NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009; ROOT *et al.*, 2019).

Ginastas normalmente atingem seu pico de performance ainda na adolescência ou final da adolescência, competindo em eventos nacionais e internacionais. Isso pode ser explicado, em parte pelo regulamento da modalidade e pelo alto volume de treinamento que é exigido para se atingir resultados significativos no esporte, que é desgastante para o corpo do atleta, tornando-o difícil para suportar por longos períodos

de anos (ANTUALPA *et al.*, 2015). Por estes motivos, ela torna-se um esporte em que o atleta passa pelo processo de especialização esportiva numa idade mais jovem, já que o tempo de aprendizagem é longo e realizado de forma contínua e repetitiva (LOPES; NUNOMURA, 2007). A produção de conhecimento acerca dessa temática reforça que o processo de ensino-aprendizagem tem correlação significativa com a motivação e o engajamento com a aprendizagem de um determinado elemento (ALEIXO; MESQUITA, 2016; MENEGALDO; BORTOLETO, 2017). Por conseguinte, torna-se importante questionarmos qual ou quais métodos são mais eficientes para o desenvolvimento completo do aluno, compreendendo estímulos físicos e cognitivos de forma individualizada coerentes com a fase de aprendizagem em questão.

Porém, como em outros esportes, nenhum atleta inicia sua carreira esportiva já realizando piruetas e saltos de grande dificuldade. A apresentação do esporte na infância e adolescência se dá por meio da iniciação esportiva, e na ginástica não é diferente. Cada criança chega no ginásio com uma história de vivências corporais diferentes, e o professor responsável deve conhecer e aplicar métodos eficientes para ensinar a ginástica otimizando a aprendizagem de cada aluno, e não somente visando treinar futuros atletas de rendimento (CAÇOLA, 2007). A aprendizagem perpassa diversas fases, desde a iniciação esportiva, a fase de aperfeiçoamento, e a fase de alto rendimento, pois os objetivos da prática são diferentes (SOARES, 2009). Tendo em vista que os objetivos diferem, a prática normalmente ocorre em ambientes diferentes. A iniciação esportiva pode ser realizada em escolas como atividade extracurricular, utilizando materiais não oficiais e aparelhos adaptados, permitindo que mais alunos pratiquem a modalidade (COSTA, 2016). Já quando a prática busca exclusivamente a performance, normalmente os atletas praticam sua modalidade em clubes ou instituições esportivas específicas (PEREIRA *et al.*, 2012).

Em ambos os contextos a vivência do esporte, além de permitir a aquisição de habilidades ginásticas específicas, também pode contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora, da lateralidade e consciência corporal, possibilitando o maior controle e domínio corporal para realizar diversas atividades (MACHADO; FERREIRA FILHO, 2010). Todavia, como observado no estudo de Costa (2016), as modalidades de ginásticas competitivas ainda não são amplamente divulgadas e conhecidas, ocupando

um lugar de esportes não muito comuns na sociedade (COSTA, 2016). Isso afeta a distribuição de pesquisas realizadas por modalidade de ginástica competitiva, pois o desconhecimento ou falta de interesse pelos grupos de pesquisadores são motivos que explicam a carência de estudos em modalidades mais recentes e menos praticadas (OLIVEIRA *et al.*, 2021). Atualmente, as modalidades mais praticadas e conhecidas são as ginásticas artística e rítmica, que também ocupam lugar de destaque nas produções científicas nacionais (PEREIRA; ANDRADE; CESÁRIO, 2012).

Entretanto, isso não quer dizer que as outras modalidades são menos importantes, logo, a presente pesquisa torna-se necessária como indicadora da realidade das pesquisas sobre as diferentes ginásticas competitivas no contexto da pós-graduação no Brasil, apresentando lacunas investigativas e as características do quem sendo produzido. Nesse sentido, ainda defendemos que o investimento em pesquisas com as diversas modalidades gímnicas de competição contribui para o desenvolvimento esportivo na área, pois veicula evidências científicas que podem envasar a prática do esporte.

Em todos os cenários, a participação em qualquer atividade de ginástica competitiva engloba fatores sociais e culturais. Pais ou familiares, por exemplo, podem ser fundamentais para a permanência e o engajamento do ginasta no esporte, por representarem uma grande influência na motivação e nas emoções das crianças. Além disso, têm papel decisivo importante, podendo ser o motivo pelo qual a criança começou a praticar ginástica e o motivo para a permanência em tal prática (CARBINATTO *et al.*, 2010; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014). Outra figura que possui grande influência sobre o sucesso esportivo e a permanência esportiva é o treinador, pois está sempre presente durante os treinamentos, que compõem grande parte do dia a dia do ginasta (LOPES, NUNOMURA, 2007). A qualidade da conexão treinador-atleta é importante, porque ainda que o treinador tenha o papel de disciplinar e ensinar ao atleta, deve também ouvir e buscar entendê-lo, para que o trabalho seja realizado como uma equipe. Todavia, ainda é possível observar que muitos técnicos de ginástica atuam de forma autocrática, gerando estresse nos atletas e criando uma cultura de hierarquia no ginásio (OLIVEIRA; BORTOLETO; NUNOMURA, 2017).

A ginástica é um esporte que tem alto potencial para desenvolvimento motor e cognitivo, porém precisa de maior visibilidade na ciência, principalmente voltado para algumas modalidades que não são muito pesquisadas, logo, ainda tem muito a se estudar para que se tenha uma rota organizada para percorrer. Este trabalho busca fazer um agrupamento dos estudos que têm sido desenvolvidos até o presente momento, permitindo uma comparação entre modalidades e a formulação de novos caminhos de pesquisa tendo em mente os conteúdos negligenciados. Dessa forma, busca-se sugerir o que necessita ou não ser investigado, e sintetizando os principais resultados dos conhecimentos científicos até agora elaborados buscando auxiliar profissionais na prática pedagógica.

Os estudos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado refletem os interesses e lacunas percebidas pelos discentes, além das áreas de estudo dos docentes que os orientam. Como o número de programas de pós-graduação, de docentes e discentes no campo de Educação Física está aumentando, torna-se importante averiguar quais áreas de conhecimento começam a ser investigadas (CIRANI; CAMPANARIO; SILVA, 2015; NETO, 2010). Observando as pesquisas acerca dos esportes como um todo, as áreas estudadas parecem ser em maior parte da biodinâmica, por ser mais tradicional e de interesse internacional, e por consequência menor quantidade das áreas socioculturais, pedagógicas e outras (SOUZA; CUNHA, 2022). Similarmente, as pesquisas voltadas para uma modalidade da ginástica competitiva apresentam um número expressivo de estudos cujas temáticas são o treinamento esportivo e biológicos (BARROS *et al.*, 2016; FERREIRA; ALMEIDA; FRANCO, 2019). A prática e visibilidade da ginástica contribui nas oscilações dos interesses e pesquisas da área, pois embora identifique-se tendências de investigação de certas modalidades ou áreas de conhecimento, não é um campo estável, e, portanto, buscamos clarificar quais lacunas se destacam, para que futuras pesquisas passem a englobar, promovendo novos rumos para o campo de atuação das ginásticas competitivas que constituem um campo organizacional dinâmico.

Tendo em vista o exposto, este trabalho busca responder a seguinte pergunta: Quais os temas dos estudos nacionais de pós-graduação acerca das ginásticas competitivas e que resultados e informações práticas/resultados esses estudos trazem à

produção de conhecimento e aos profissionais da área? A resposta a estes questionamentos preencherá as lacunas investigativas relacionadas às ginásticas competitivas, especialmente no que se refere ao predomínio de áreas, modalidades e regiões de desenvolvimento de pesquisa, público investigado, tipos de métodos e instrumentos de coleta... isso nos leva a uma mapeamento de como a ginástica tem sido caracterizada na prática por meio das investigações feitas no interior dos programas de pós-graduação em Educação Física no país, nos mostrando um cenário recheado de barreiras e facilitadores para o desenvolvimento das ginásticas competitivas. Diante disso, certamente teremos possibilidades de fazer indicações sobre os vieses investigativos que merecem maior atenção, bem como a constatação das modalidades “esquecidas” pelo universo acadêmico-científico.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a produção de conhecimento da pós-graduação, acerca das ginásticas competitivas, verificando os principais temas, características metodológicas, público-alvo, subáreas de pesquisa e metodologias de ensino-aprendizagem, com vistas à compreensão das ginásticas de competição como campo investigativo e suas respectivas lacunas.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar e agrupar os estudos acerca das ginásticas competitivas por modalidade, fase de aprendizagem e área de estudo;
- Organizar os estudos identificando seus objetivos e principais resultados, intuindo apresentar subsídios que possam aproximar a teoria da prática;
- Identificar a presença de estudos acerca das metodologias de ensino-aprendizagem;
- Identificar a existência de falta de estudos em alguma modalidade ou área dentro da modalidade, e discutir possíveis causas/barreiras/limitações observadas.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

O campo da ginástica competitiva se torna cada vez mais parte da cultura brasileira, desde a sua presença em escolinhas esportivas até o alto nível. Com a conquista de medalhas olímpicas em diversas modalidades, o esporte passa a ser mais divulgado, levando crianças e adolescentes a conhecer e criar curiosidade por essas práticas. Em decorrência do crescimento do campo de prática da ginástica competitiva, pesquisadores têm desenvolvido estudos acerca dessas modalidades, em diversas áreas do conhecimento, uma vez que é uma prática mundial cujas características abrem possibilidades de descobertas e análises. É preciso mapear e organizar esses estudos para refletir sobre o que está sendo produzido de informação científica e que resultados estão sendo observados, para identificar consensos, discrepâncias ou lacunas nos estudos acerca do mesmo tema.

A escolha por esse tema de pesquisa ocorreu pelo interesse da pesquisadora pela ginástica, salientado a partir do contato formal durante a faculdade, em que se teve maior contato com manifestações dessa categoria esportiva, seja por meio de disciplinas, projetos de extensão ou estágio. Mas foi por meio do estágio em escolinhas de iniciação esportiva nas modalidades de ginástica rítmica e artística, que a curiosidade epistemológica foi despertada, pois aprendemos muito sobre movimentos técnicos, mas as ginásticas em si vão muito além disso, demanda essa que a formação inicial não dá conta de atender.

Ressaltamos que de modo geral a prática esportiva contribui para a formação do aluno, por meio da convivência com outros alunos e professores, além da aprendizagem gradual dos elementos técnicos, aprendem-se valores como empatia, respeito e resiliência (GALATTI; PAES, 2016). Mas é notório que há uma atenção maior ao componente técnico das modalidades ginástica, talvez isso é resquício de um processo histórico no aumento de exigências e complexidades técnicas derivadas da prática e dos códigos de pontuação, o nível sobe e para acompanhar se faz necessário também o aumento do volume de treinamento em decorrência do nível competitivo. Desse modo fatores ligados à preparação física e psíquica do atleta, devem receber maior atenção

para evitar lesões e garantir permanência no esporte (LOPES; NUNOMURA, 2007; NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009).

Então, se existem múltiplos fatores que englobam a prática da ginástica competitiva, desde a iniciação ao treinamento de alto nível, estudos voltados para o treinador ou voltados para o atleta, estudos antropológicos e estudos da biodinâmica, podemos supor que nem todos esses campos recebem igual atenção (BARROS *et al*, 2016).

A ginástica é um esporte antigo, e embora suas características se modificaram muito ao longo do tempo, a essência da prática é a mesma. Diante disso, torna-se necessária a compreensão dos conhecimentos científicos que baseiam as ações de profissionais e contribuem para o desenvolvimento e transformação do esporte. Dentro da ginástica temos encontrado revisões específicas dos estudos em algumas modalidades de ginástica, mas não combinando os saberes das diferentes modalidades competitivas, fato que justifica a originalidade e significância da presente pesquisa.



## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 GINÁSTICAS COMPETITIVAS

Nesse tópico trataremos especificamente das ginásticas competitivas, as quais contemplam manifestações das práticas gímnicas<sup>1</sup> que têm destaque no cenário esportivo, pois está presente em eventos esportivos de grande importância, em que os ginastas realizam diferentes elementos corporais e acrobáticos em uma sequência de forma artística, podendo ser em aparelhos, com aparelhos ou sem aparelhos (SOUZA, 1997). Dentre as principais manifestações competitivas que são regidas pela FIG, podemos citar as ginásticas: artística (GA), rítmica (GR), acrobática (GACRO), aeróbica (GAE), e de trampolim (GT) (SOUZA, 1997).

Os ginastas são avaliados segundo o código de pontuação elaborado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) para cada modalidade específica, ganhando nota pela dificuldade e execução dos movimentos (FIGUEIREDO et al., 2010). O código de pontuação não é fixo ou definitivo, mas sofre alterações ao longo dos anos, garantindo a evolução e o desenvolvimento do esporte, motivo pelo qual vemos como as apresentações têm características diferentes, e tanto atletas como treinadores devem estar atentos para adaptar a elaboração das séries (SIERRA-PALMEIRO et al., 2019).

Os atletas competem individualmente ou coletivamente (dupla, trio, quinteto), em que não há interação com o oponente nem há ambientes instáveis (GONZALEZ et al., 2004), ou seja, é um esporte previsível em um espaço padronizado e sem interferência direta do adversário. As ginásticas competitivas têm em comum a necessidade de se desenvolver habilidades motoras complexas, e durante a carreira esportiva os ginastas são levados a desenvolver força, flexibilidade, postura, coordenação e equilíbrio (ROOT et al., 2019). Essas habilidades são fundamentais para executar os movimentos obrigatórios que compõem a série com maior facilidade e melhor execução, que é um componente da nota final (SILVA et al., 2016). O outro componente da nota é a

---

<sup>1</sup> As práticas gímnicas referem-se às atividades psicomotoras e/ou sociomotoras que unem elementos corporais à equipamentos, música e ritmo, manipulação de objetos, composição de movimentos, características dos elementos da GAM, GAF, GR, GAE e GT (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020; MINCIOTTI; FURTADO, 2012).

dificuldade do elemento, ou seja, quanto maior a dificuldade, maior a pontuação (FIG, 2021).

Cada modalidade tem sua especificidade, mas como todas requerem que o atleta aprenda a executar tarefas motoras complexas, normalmente opta-se por iniciar a prática esportiva mais cedo, pela crença de que nesse período é mais fácil potencializar as capacidades físicas necessárias para o desenvolvimento no esporte (NUNOMURA *et al.*, 2010). Técnicos argumentam que esta também é uma limitação imposta pela federação que rege a ginástica, e eles se adaptam ao mesmo tempo que querem participar das competições (NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009). Quando o aluno ainda está na infância, ele está na fase de conhecimento e formação das habilidades motoras que irá utilizar durante a vida, logo as vivências corporais nesse período são de grande valor para sua trajetória no esporte (MILETIÉ; KATIÉ; MALES, 2004).

A iniciação esportiva nas ginásticas competitivas normalmente acontece dentro de clubes ou até mesmo na escola como atividade extracurricular, que contribui para propagar a modalidade. Se o atleta é detectado como talento durante a iniciação esportiva, ele pode ser transferido para uma equipe cujo treinamento é especificamente voltado para desempenho em competição, especializando o atleta numa idade jovem comparado a outros esportes (ROOT *et al.*, 2019). Isso pode acontecer devido à maior facilidade de se desenvolver algumas qualidades fundamentais, como a flexibilidade e coordenação, ou por possuírem vantagens biomecânicas (NUNOMURA *et al.*, 2010).

Quando o objetivo do treinamento passa a ser a competição, o planejamento do treinamento levando em conta a alteração do volume e intensidade de treino, é essencial, pela modificação do significado dado à prática, ultrapassando o desenvolvimento de habilidades motoras básicas e técnicas num contexto mais lúdico e informal (LOPES; NUNOMURA, 2007). É comum observar a mudança de moradia para um local próximo ao centro de treinamento para facilitar o deslocamento do atleta, e isso impacta a forma como organiza seus estudos, seu tempo de lazer, seu convívio com a família, fazendo com que passe a criar maior responsabilidade tanto no ginásio como fora dele (PEREIRA *et al.*, 2012). Uma equipe multidisciplinar seria ideal para garantir a evolução do processo de aprendizagem do atleta sem a presença de lesões ou outros transtornos, porém nem

todos os centros de treinamento contam com esse tipo de equipe (TRICOLI V.; SERRÃO J., 2005 *apud* NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009).

Em seguida veremos algumas características gerais de cada modalidade competitiva, para melhor entender os conteúdos a seguir.

- A ginástica artística (GA) é uma modalidade praticada por ambos os sexos, com alguns aparelhos em comum, e alguns específicos por sexo. A modalidade exige força, velocidade, potência, flexibilidade, e agilidade, fatos observados durante as séries que duram em média 1 minuto e 30 segundos (FIG, 2021). Os ginastas realizam acrobacias e elementos obrigatórios em aparelhos, ou seja, os aparelhos são fixos no espaço, partindo de notas maiores quando apresentam elementos corporais de maior dificuldade, e sofrendo deduções pelas falhas na execução dos movimentos ou por falta de elementos obrigatórios. Os aparelhos utilizados no naipe masculino são: solo, cavalo com alças, paralelas simétricas, salto sobre a mesa, argolas, e barra fixa. No naipe feminino usam-se os seguintes aparelhos: solo, salto sobre a mesa, paralelas assimétricas e trave de equilíbrio (FIG, 2021).
- A ginástica rítmica (GR) é reconhecida pela FIG somente para mulheres, embora seja praticada por homens em alguns países, e é uma modalidade que faz uma união harmônica entre música, aparelho e corpo. As ginastas se apresentam num tablado individualmente ou em conjunto de cinco ginastas, no qual realizam colaborações e surge a necessidade de sincronizar alguns movimentos. As atletas agora precisam manipular os aparelhos com as mãos e outras partes do corpo, mantendo-os em constante movimento para realizar movimentos obrigatórios dos aparelhos e corporais, como giros, saltos, equilíbrios, acrobáticos e passos de dança (FIG, 2021). A cada ciclo olímpico são utilizados diferentes aparelhos, sendo eles: corda, bola, arco, maçãs e fita (FIG, 2021).
- Na ginástica acrobática (GACRO) não são utilizados aparelhos, os ginastas e as ginastas apresentam em duplas, trios e quartetos, e podemos observar a presença de diferentes biotipos nos grupos de atletas, sendo que essa

diferença de estrutura física permite a construção de pirâmides humanas, um elemento de equilíbrio obrigatório da modalidade (MÉRIDA; NISTA-PICCOLO; MÉRIDA; 2008). Também são elementos obrigatórios nas séries os movimentos dinâmicos, tanto na forma de acrobacias como nos lançamentos, na qual um atleta é projetado para realizar movimentos como piruetas (FIG, 2021). É importante a exploração da parte artística, buscando originalidade para valorizar sua apresentação, contribuindo para a composição da nota, junto com a dificuldade e execução dos elementos.

- Na ginástica aeróbica (GAE), temos muitas classificações, pois há apresentações individuais e em grupos de diferentes tamanhos, para ambos os sexos e na forma mista. Nela também não são utilizados aparelhos, as apresentações são realizadas no solo, e é a única modalidade em que os atletas utilizam calçados para a apresentação. São obrigatórios a realização de passos de dança característicos da modalidade, além de elementos corporais executados em sincronia e cooperação com os parceiros, seguindo o ritmo da música escolhida (FIG, 2021).
- A ginástica de trampolim (GT), utiliza exclusivamente o trampolim para sua apresentação, é constituída de um número de saltos acrobáticos realizados em sequência, tanto por homens e mulheres, individualmente ou em dupla de forma sincronizada. Utilizam-se o trampolim ou dois no caso do sincronizado, o trampolim duplo, e a pista de *tumbling* (FIG, 2021). Na GT, temos um novo componente que é valorizado na composição da nota, o tempo de voo. A forma corporal durante os voos é muito importante para não ser descontado na nota, e deslocamento horizontal, ou seja, o local de aterrissagem entre os saltos (FERREIRA *et al.*, 2021).

Podemos observar que o esporte em suas diversas subdivisões valoriza a técnica, a dificuldade de movimentos e a execução artística, que torna a apresentação bela e atrativa ao público.

## 2.2 FASES DE APRENDIZAGEM

Quando pensamos na relação de um atleta com o esporte, entendemos que ele perpassa diversas fases, que compõem uma progressão de aprendizagem dentro da modalidade, desde a experimentação da iniciação até o treinamento de atletas de elite. A literatura traz diferentes classificações quanto às fases de aprendizagem, com suas respectivas divisões, normalmente identificados por faixas etárias, variando de acordo com cada autor (SOARES, 2009). Em geral podemos observar uma tendência de divisão em três fases, que coincide com a divisão de Almeida (1996, *apud* Longo *et al.*, 2017): iniciação esportiva, aperfeiçoamento esportivo e introdução ao treinamento.

Na primeira fase (7 a 9 anos), comumente chamada de iniciação esportiva, o objetivo é a diversão, a liberdade, a experimentação e o desenvolvimento de habilidades psicomotoras. É uma fase que valoriza o lúdico, a aprendizagem com os erros, e as regras das brincadeiras podem ser manipuladas pelo profissional para estimular diversas capacidades físicas e sociais. Na fase de aperfeiçoamento (10 a 12 anos), há o início da orientação sobre as regras e técnicas da modalidade, e os alunos continuam a desenvolver habilidades motoras, sendo valorizado a parte social que o esporte propicia. Por fim, a fase de introdução ao treinamento (12 a 13 anos) tem como objetivo melhorar a parte técnica, física, e intelectual, para preparar o atleta para uma futura carreira esportiva.

Temos como iniciação esportiva o primeiro contato de uma pessoa com o esporte de maneira formal e sistematizada, em que ele vivencia práticas corporais características de uma ou mais modalidades esportivas. Esse processo comumente acontece nas horas extracurriculares, em escolas ou clubes, em esferas públicas e privadas (GRECO, 2012). A prática esportiva estimula o desenvolvimento das habilidades motoras da criança ou adolescente, particularmente o sistema esquelético e muscular, proporcionando melhora na saúde física e mental (PAPALIA *et al.*, 2013; SCHRUBER; AFONSO, 2007). Nesse período o aluno deve ser submetido a estímulos diversificados para ampliar sua base motora, e o profissional responsável deve proporcionar aos alunos aulas divertidas e coerentes, respeitando as fases do desenvolvimento motor e cognitivo de cada aluno (LONGO *et al.*, 2017).

Gregório e Silva (2014) mencionam vários benefícios advindos de uma boa iniciação esportiva: estimulação de capacidades físicas, formação de uma base de movimentos, conhecimento e domínio do corpo, estimulação da autonomia e valores sociais, além de ser um passo importante para alcançar sucesso no alto rendimento. Ou seja, a iniciação é o primeiro passo no esporte, e é importante que não seja confundido com um treinamento reduzido de um atleta já adulto, ou muito específico, direcionando a criança para a perfeição tático-técnica. Não há problema quando há uma especialização da técnica, mas isso não deve preceder ou ocorrer concomitantemente com a aprendizagem esportiva inicial, que abrange diversas fases de acordo com suas necessidades motoras (GREGÓRIO; SILVA, 2014).

Além de ser uma prática que busca ampliar o repertório motor das crianças, ela é uma forma de introduzir modalidades diversas ao aluno, e após essas vivências corporais pode tomar gosto por alguma delas. É importante ressaltar que a escolha, ou o direcionamento, idealmente acontece após experienciar vários esportes, com caráter lúdico e voltada para o desenvolvimento motor da criança (GREGÓRIO; SILVA, 2014). Para potencializar o mesmo, a iniciação esportiva ideal deve incorporar habilidades específicas do esporte como também habilidades motoras globais, utilizando métodos lúdicos para permitir autonomia e criatividade do aluno, em que ele pode além de aprender, criar e se divertir (LONGO *et al.*, 2017). O aluno precisa aprender movimentos locomotores básicos como correr, saltar, girar, equilibrar, arremessar, chutar, mas não se limitar à prática seletiva de alguns deles (GREGÓRIO; SILVA, 2014). É nesse momento que acontece a criação de vínculo, e se as aulas não fomentarem interesse e desenvolverem o potencial do aluno, ele pode perder o interesse e desistir do esporte (CAÇOLA, 2007).

Nas ginásticas competitivas, a iniciação geralmente começa quando a criança tem de 5 a 6 anos, no final da primeira infância, período em que ainda está em crescimento e há um aumento visível no desenvolvimento de habilidades motoras (ROOT *et al.*, 2019; SENADO FEDERAL, 2006). Isso acontece porque a ginástica é caracterizada por exigência técnica, e a perfeição exige um longo período de treinamento (ROOT *et al.*, 2019). Quando os atletas iniciam numa idade mais jovem, eles aproveitam a fase de desenvolvimento das habilidades motoras e capacidades coordenativas para aplicar no

contexto da modalidade (LOPES; NUNOMURA, 2007). As habilidades esportivas realizadas na iniciação são compostas por um combinado de movimentos básicos, então é importante que na iniciação o aluno seja introduzido primeiro à diversas formas básicas de locomoção, para depois passar a aprender movimentos mais complexos e sequências de elementos (GREGÓRIO; SILVA, 2014).

Na iniciação, o aluno é primeiro ensinado a dominar o corpo, por meio de elementos corporais como corridas, saltos, giros, equilíbrios, ondas, balanços e rotações, contribuindo simultaneamente para o desenvolvimento de capacidades físicas como força e flexibilidade (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005; SOUZA, 1997). Quando os alunos já passaram por uma fundamentação de movimentos utilizando somente o corpo, começam a ser introduzidos exercícios básicos dos aparelhos. Muitas vezes os professores e técnicos se limitam à exploração da técnica para evoluir o nível de treinamento, que pode se tornar um conteúdo chato e repetitivo, levando a desistências nos alunos que querem se divertir além de aprender (MENEGALDO; BORTOLETO, 2017). O sucesso de uma iniciação está nas mãos do profissional e que ele deve conhecer estratégias e metodologias que oportunizam a permanência e o desenvolvimento, não só no esporte, mas também como indivíduo (OLIVEIRA E PAES, 2004). A iniciação deve acontecer de forma prazerosa, explorando diversas possibilidades corporais, sem limitar-se somente à prática de habilidades corporais a serem aprendidas para passarem a outro nível de treinamento (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005).

Antes da criança passar para uma equipe competitiva, passa por uma fase “intermediária” em que ela começa a aperfeiçoar a técnica e a tática específica, dando continuidade na aprendizagem motora do esporte (ALMEIDA; 1996, *apud* Longo *et al.*, 2017). Autores chamam essa fase de “orientação”, “direção”, “aperfeiçoamento”, “início da especialização”, “treinamento específico”, ou seja, uma fase dedicada à integralização do aluno utilizando-se vivências corporais que provocam melhoria na sua performance (SCHRUBER; AFONSO, 2007). No entanto, a literatura indica falta de estudos sobre os ocorridos nessa fase nos esportes em geral, pela falta de vivência dessa fase pelos atletas, que ao decorrer do tempo acarretou a carência de estudos voltados para essa etapa de aprendizagem (PERES; LOVISOLO, 2006). O aumento do volume de

treinamento interfere diretamente na habilidade de gerenciamento de tempo dos atletas, devido ao fato que a maioria ainda está cursando a escola ou faculdade e assim, precisam encontrar formas de se dedicarem tanto ao treinamento quanto aos estudos (COSTA *et al.*, 2010). Ainda segundo Costa e colaboradores (2010), a sensibilidade dessa fase é maior porque o apoio dos pais, amigos e do técnico é fundamental para a evolução e resiliência exigida do atleta para se adaptar às demandas físicas e cognitivas do treinamento.

Pouco se sabe sobre a sistematização dessa fase nas ginásticas competitivas, dado que é vista uma transição rápida da iniciação para o treinamento, sendo uma lacuna na área da pesquisa, e possivelmente uma fase pouco usada ou inexistente (NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009; SCHIAVON, 2009). Muitas vezes são atletas jovens em períodos de desenvolvimento que precisam ter um apoio profissional e familiar para motivá-los, portanto, os obstáculos enfrentados, sejam relacionados ao volume de treinamento ou às relações sociais envolvidas, precisam ser estudadas para que essa fase seja desenvolvida com maior qualidade visando a continuidade no esporte (PERES; LOVISOLO, 2006).

Já quanto à etapa de treinamento de alto rendimento, a passagem de uma criança ou adolescente para uma equipe cujo fim principal é a competição, normalmente perpassa uma etapa de seleção, pois buscam-se atletas que tenham desenvolvido ou potencial de desenvolver atributos físicos e técnicos necessários para o sucesso esportivo de alto rendimento. Nessa fase são verificados a fase de aprendizagem do atleta, seu nível técnico, a situação familiar e socioeconômica, dificuldades e/ou barreiras existentes, para analisar quem estará mais apto a iniciar um treinamento de alto nível (BÖHME, 2000).

Nas ginásticas competitivas, a seleção de talentos para o treinamento geralmente ocorre de forma subjetiva, quando técnicos observam e analisam o desenvolvimento da criança em apresentações ou durante as aulas. Capacidades técnicas e físicas são avaliadas, assim como fatores psicológicos, haja vista que esse filtro busca prever se atleta tem potencial para o alto rendimento (LANARO FILHO; BÖHME, 2001). Essa forma de seleção não é sistematizada, podendo excluir atletas que não realizam sua melhor performance no dia de seletiva. Por este motivo, alguns treinadores têm um processo de



seleção mais longo, para poderem observar o comportamento ao longo de alguns dias (LANARO FILHO; BÖHME, 2001).

A idade de início no treinamento de alto nível na ginástica normalmente ocorre de forma precoce comparado à outras modalidades, já que as categorias competitivas compreendem idades jovens, e torna-se necessário preparar os atletas numa idade ainda mais jovem (ARENA; BÖHME, 2000). A preparação envolve longas sessões de treinamento, divididas em partes, contemplando a preparação física e técnica, elementos específicos de aparelhos ou com companheiros. Compreendendo que cada modalidade dá maior ênfase para atributos importantes à prática, como o balé na ginástica rítmica, força para o atleta base na ginástica acrobática, flexibilidade para o atleta volante na ginástica acrobática (AVELINO *et al.*, 2019; BATISTA *et al.*, 2018).

Os componentes do treinamento de ginástica são: (a) preparação técnica: que envolve elementos de aparelhos específicos, elementos individuais e coletivos; (b) preparação física: para aprimorar as capacidades físicas de flexibilidade, força, potência, agilidade, equilíbrio, coordenação, resistência aeróbia; (c) preparação artística/dança: para aprimorar a expressão corporal e percepção de ritmo, parte importante das apresentações e que é avaliado nas competições (AVELINO *et al.*, 2019; NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009). A combinação destes componentes é programada para compor as sessões de treinamento, para cada atleta de forma específica, e nos casos de apresentação em grupo, coletivamente. Ainda dentro disso, os treinos são realizados de forma progressiva, treinando primeiro elementos isolados, elementos em grupo, partes da série, até a série completa. No treinamento é comum observar a constante repetição de movimentos, gerando um alto volume de treinamento, isto acontece porque o número de repetições realizadas para cada habilidade tem grande influência na nota da série (FERNÁNDEZ-VILLARINO *et al.*, 2018).

Pensando na parte de composição coreográfica das séries, os técnicos devem possuir conhecimento acerca dos códigos de pontuação das modalidades, que são compostas pela FIG. Assim, sabendo da valorização da dificuldade do elemento é possível organizar a ordem de execução para enriquecer a nota do atleta.

## 2.3 METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Segundo Caçola (2007), já no primeiro contato com o esporte o aluno inicia a trajetória de aprendizagem, em que é preciso usar uma metodologia atraente e divertida que permite criação e liberdade durante o processo, pois afinal queremos que os alunos gostem e permaneçam no esporte. Go Tani, Basso e Corrêa (2012) agrupam três componentes como centrais nos métodos de ensino: aluno, professor e conteúdo, sendo que a forma de interação entre esses três é o que determina o método. Para Mosston (1996), os métodos de ensino estão baseados na interação entre o professor e o aluno, em que as escolhas podem ser realizadas em maior ou menor quantidade por um desses componentes, ou seja, a autonomia de tomar decisões pode ser maior ou menor dependendo do método escolhido.

A decisão de utilizar uma metodologia deve primeiramente levar em consideração o nível cognitivo e motor do aluno, para que a aprendizagem possa ocorrer de forma coerente com a habilidade dele, também considerando o objetivo almejado. Galatti e Paes (2006) destacam que a importância da metodologia vai além da aplicação durante as aulas do esporte, mas que práticas envolvendo o aluno como centro da aprendizagem são fundamentais para a formação do indivíduo como cidadão. Podemos dizer que existem métodos de ensino-aprendizagem tradicionais e contemporâneos, sendo que os tradicionais podem ser subdivididos em analíticos, global-funcionais, ou uma combinação dos dois (BIBBÓ, 2014; TANI, BASSO, CORRÊA, 2012). Os métodos contemporâneos têm diferentes denominações, como aprender jogando, e estão mais centrados no aluno como componente principal. Visto que o presente trabalho está voltado a modalidades em que não há interação com oponente, diferente dos esportes coletivos, iremos explicar em maior detalhe os métodos de forma aplicada a esse conteúdo.

Os métodos tradicionais para ensino do esporte defendem uma organização do simples ao complexo, ou seja, havendo uma organização do processo de aprendizagem de acordo com a dificuldade da tarefa (TANI, BASSO, CORRÊA, 2012). Esses métodos tendem a ser analíticos em sua natureza, pois desconstruem uma habilidade complexa em movimentos menores, e quando os alunos os dominam, podem começar a aprender a habilidade complexa com maior facilidade (BIBBÓ, 2014). Para isso, normalmente a

atividade realizada é demonstrada ou explicada pelo professor, e os alunos devem realizar a tarefa como pedido (MOSSTON, 1996). Nesse sentido, há pouca flexibilização do conteúdo e espaço para criatividade dos alunos. No primeiro contato do aluno com a modalidade, empregar esse método em algumas atividades normalmente é desejável, porque permite maior concentração do aluno e do professor (BORGES, 2016). Todavia, está propenso a distanciar-se da essência do esporte, se não for transferido para o contexto intencionado. Pode tornar-se necessário uma combinação com o método global-funcional, que insere as habilidades dentro de um contexto que imita uma situação típica de competição, ou seja, a habilidade em questão não é realizada isoladamente, mas quando a regra do jogo demandar sua execução (BIBBÓ, 2014). Este último pode ser conhecido também pelo princípio de aprender jogando, usando estruturas que nem sempre precisam ser oficiais do esporte, e pode ser utilizado de forma exclusiva ou em conjunto com o método analítico.

Os métodos contemporâneos, ou ativos, são uma nova forma de ensinar dando importância à iniciativa do aluno e sua habilidade de interagir com o ambiente e atividades propostas. Esse método se afasta da instrução direta do entre professor e aluno, e permite que a aprendizagem esteja centrada no aluno, utilizando diferentes estratégias: os alunos ensinam uns aos outros, aprendem juntos, descobrem formas de aprender (ALEIXO; MESQUITA, 2016). Outra abordagem utilizada que forma alunos mais autônomos e favorece a aprendizagem de novas habilidades, pela formação de um clima que valoriza os alunos durante cada etapa da aprendizagem, utilizando dicas e estratégias cooperativas, é o método do clima motivacional para a maestria (SAMPAIO; VALENTINI, 2015). O jogo é uma característica dos novos métodos de ensino, remetendo à ludicidade e a aprendizagem através de atividades atraentes e diversificadas. Segundo Pereira e Dias (2020), os alunos podem agir de forma independente e criativa quando são estimulados pelas brincadeiras, que podem ser adaptados segundo as habilidades e necessidades cognitivas e físicas dos alunos.

A escolha de utilizar uma metodologia depende muito dos métodos conhecidos pelo professor e os objetivos que ele estabelece para a aula. Não é necessário recorrer somente a uma metodologia, mas pode-se utilizar tanto das tradicionais como das contemporâneas, para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra da melhor forma.

Uma atividade utilizando o método tradicional pode ser mais eficaz corrigir padrões incorretos de movimento que possam prejudicar o desenvolvimento motor do aluno. Já uma atividade utilizando o método contemporâneo pode ser uma forma de desenvolver autonomia, criatividade, trabalho em equipe e elementos fundamentais dos esportes de forma divertida e diversificada.

### **2.3.1 Metodologias de ensino-aprendizagem utilizadas nas ginásticas competitivas**

Dentro da literatura podemos encontrar dois métodos principais de ensino-aprendizagem dos esportes: tradicionais e contemporâneos (BIBBÓ, 2014; TANI; BASSO; CORRÊA, 2012). O treinamento da ginástica é caracterizado pelo formato tradicional, que utiliza majoritariamente exercícios analíticos durante a aprendizagem inicial e para o refinamento do movimento. Baseia-se na figura do professor como figura central, que explica e/ou demonstra as habilidades técnicas, para que o aluno possa então tentar replicá-lo (SAMPAIO; VALENTINI, 2015). Segundo Menegaldo e Bortoletto (2017), atividades no estilo comando são comuns e já fazem parte da cultura da ginástica, porém nem sempre se mostram eficientes num contexto de iniciantes, e podem desmotivar os participantes, limitando sua criatividade e envolvimento com o conteúdo.

Os autores perceberam que a utilização de métodos não verticalizados que valorizavam a liberdade e criação permitiram que os alunos fomentassem um interesse pela ginástica que não era visto anteriormente. Os métodos que valorizam a participação ativa do aluno, o envolvimento com o conteúdo ginástico por meio de jogos, adaptações e aprendizagem coletiva, podem ser chamados de contemporâneos, e tem sido uma aplicação pedagógica de grande valor no contexto do processo de ensino-aprendizagem (ALEIXO; MESQUITA; 2016; PEREIRA; DIAS; 2020; SAMPAIO; VALENTINI, 2015). Porém, cabe ainda à literatura estudar em maior profundidade tais métodos aplicados às ginásticas competitivas, e ainda a possibilidade de outros métodos, para destacar o que realmente funciona, em determinados públicos e contextos.

Muitas vezes os professores e técnicos se limitam à exploração da técnica para evoluir o nível de treinamento, que pode se tornar um conteúdo chato e repetitivo, levando a desistências nos alunos que querem se divertir além de aprender (MENEGALDO;

BORTOLETO, 2017). A iniciação deve acontecer de forma prazerosa, explorando diversas possibilidades corporais, sem limitar-se somente à prática de habilidades corporais a serem aprendidas para passarem a outro nível de treinamento (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005).

Nessas modalidades competitivas, parece que há uma tendência de empregar métodos tradicionais, utilizando atividades analíticas na aprendizagem inicial, haja vista o esporte em sua forma mais elevada tem pouca margem de liberdade na execução de movimentos (CORREIA *et al*, 2019). Durante as aulas, os alunos realizam pequenos segmentos do movimento durante a aprendizagem, colocando valor em cada pedacinho do movimento, para depois unir as partes que compõem o elemento em si (CAÇOLA; LADEWIG, 2007). Essa estratégia pode parecer eficaz porque economiza tempo e valoriza a repetição, porém, segundo as autoras, traz algumas dificuldades de aprendizagem na etapa de união dos segmentos, e a longo prazo o movimento é desaprendido com maior facilidade. O uso de sistemas com características analíticas pode ser reflexo de características históricas, culturais e políticas, entretanto, são pouco pesquisadas na área da ginástica, sendo uma lacuna na ciência que merece mais atenção (MOY; RENSHAW, 2009).

### 3. MÉTODOS

Esta pesquisa baseia-se nas abordagens de pesquisa quanti-qualitativo de revisão bibliográfica, pois irá descrever e analisar os achados por meio de um texto, possuindo caráter exploratório e descritivo, consistindo em um estudo inicial para conhecer as produções sobre o tema, e para que outros estudos possam ser construídos a partir dele (GÜNTHER, 2006; NEVES, 1996). A justificativa desse delineamento de estudo dá-se pela característica da amostra compor publicações previamente desenvolvidos, possibilitando abarcar uma quantidade vasta de temas relacionadas ao objetivo geral do estudo (GIL, 2002). Desta forma, a revisão bibliográfica torna-se a mais adequada para conhecer as contribuições científicas acerca do fenômeno estudado (TRUJILLO, 1982).

Com o intuito de caracterizar a produção de conhecimento científico dos programas de pós-graduação em Educação Física no Brasil recorreremos à pesquisa do tipo documental. Este tipo de pesquisa busca sintetizar as informações achadas nos documentos e relacionar com questões sociais e econômicas que se relacionem com o tema de interesse, resultando numa análise crítica da coletânea de estudos (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). A amostra foi composta por teses e dissertações produzidas no período de 1980 até 2021. O início desse recorte temporal coincide com as primeiras defesas de mestrado dos PPGEF no Brasil e o fim diz respeito ao lento processo de alimentação dos bancos de dados *online*, em que o ano de 2022 ainda não foi finalizado, e, portanto, atualizado (BRACHT *et al.*, 2012).

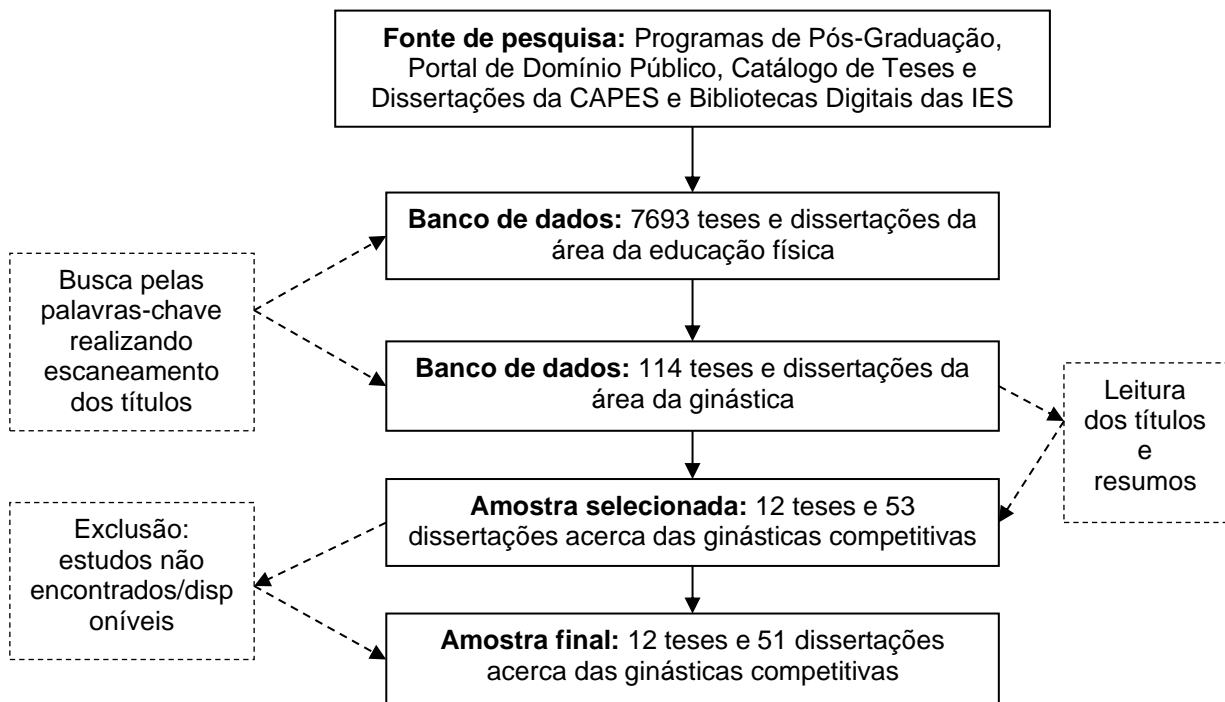
Para a constituição da amostra, foi realizado um levantamento dos PPGEF em nível de mestrado e/ou doutorado reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na grande área das Ciências da Saúde, totalizando 36 programas, sendo 36 cursos de mestrado e 20 de doutorado acadêmicos. (CAPES, 2021). Entretanto, em 6 deles não foi possível realizar a coleta das teses e dissertações, em virtude da recente criação dos programas, não havendo ainda resultados concluídos ou disponibilizados para acesso. Reconhecendo que as bases de dados que disponibilizam de forma coletiva as teses e dissertações produzidas nacionalmente apresentam um déficit na atualização, decidiu-se realizar uma busca complementar nos seguintes bancos de dados: Portal Domínio Público, Catálogo de

Teses e Dissertações da CAPES e nas Bibliotecas Digitais das instituições de ensino superior responsáveis pela oferta dos PPGEF. Com isso, organizou-se o banco de dados no *software Microsoft Excel* com informações sobre: autor da produção, ano de defesa, título da tese/dissertação, nome do PPGEF e da IES. Ao todo, o banco de dados geral da Educação Física foi composto por 1588 teses e 6105 dissertações.

Para selecionar os estudos, foi necessário elaborar um banco de dados com todas as pesquisas encontradas, para depois selecionar os documentos relacionados à ginástica competitiva, pelo motivo de nem todas as plataformas permitirem a utilização de pesquisa como descritores e palavras-chave. Para a seleção dos estudos relacionados à ginástica dentro do banco de dados elaborado, foi realizado um escaneamento dos títulos e resumos utilizando a ferramenta “localizar” do Excel, com as palavras-chave: “ginástica”, “ginásticas”, “gímnica”, “gímnicas”, “gímnico”, “gímnicos”, “ginasta”, “ginastas”, “ginástico” e “ginásticos”, “fitness” e “academia”. Após essa etapa, foi realizada a leitura dos títulos e resumos para identificar aqueles relacionadas às modalidades da ginástica competitiva, excluindo estudos de revisão, ponto de vista, incompletos, estudos que não foram encontrados para *download* e duplicatas. Os estudos que contemplavam tanto uma modalidade de ginástica competitiva e outra modalidade esportiva qualquer que não fosse ginástica não foram incluídos na amostra.

Na figura 1 está ilustrado as etapas percorridas para chegar na amostra final de 63 estudos.

**Figura 1** - fluxograma representativo da busca e seleção dos estudos



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Para a análise dos dados recorreremos aos indicativos da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), cuja finalidade é utilizar procedimentos sistemáticos para descrever objetivamente os dados. Essa análise foi desenvolvida em três etapas: pré-análise, exploração do material e a inferência e interpretação dos dados. Na fase de pré-análise realizamos algumas etapas: (1) leitura “flutuante” dos manuscritos coletados, ou seja, foi realizada uma leitura inicial dos títulos que compõem o banco de dados de teses e dissertações sobre ginástica para conhecer os textos sem impressões pré-estabelecidas; (2) escolha dos textos a partir da compreensão de que realmente representam o tema sem omissão de estudos, e escolhendo estudos adequados ao objetivo da pesquisa; (3) referenciação dos índices e elaboração de indicadores, para organizar os tópicos dentro do tema, facilitando a extração dos dados. (4) preparação do material, uma preparação formal reunindo todo o material encontrado sobre o tema investigado; (5) tratamento dos dados e interpretação, foi realizada a síntese e a interpretação dos dados de acordo com os resultados encontrados nas teses e



dissertações analisadas. A fase de exploração do material é identificada por Bardin como a fase mais longa, em que foi realizada a análise propriamente dita da forma como foi estabelecido para a extração dos dados.

Para a elaboração das categorias elegemos a análise categorial, por esta ser a mais contributiva na descoberta de núcleos de sentido representativos para a pesquisa em questão. Ressaltamos que nessa etapa, os dados foram extraídos a partir de categorias elaboradas *a priori*, a saber: público investigado (praticantes, não praticantes, pais/responsáveis, discentes universitários do curso de graduação em educação física, não descrito), natureza dos estudos (qualitativo, quantitativo, qualitativo-quantitativo, não descrito), delineamento dos estudos (bibliográfica, caso-controle, descritivo, etnográfico, estudo de caso, experimental, exploratório, fenomenologia, história do tempo presente, história oral, narrativa biográfica, pesquisa-ação, pesquisa de campo, transversal, quase experimental, não descrito), instituições de origem e locais de coleta de dados (Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e uma cidade na Alemanha), *setting* (centro de treinamento, escola, laboratório, não descrito, não se aplica), sexo (feminino, masculino, misto, categorias competitivas (pré-infantil, infantil, juvenil, adulto, ex-ginasta, não descrito, não se aplica) e a *posteriori*: instrumentos de coleta, subáreas de pesquisa e metodologias de ensino aprendizagem.

Na última fase (5) elaboramos as inferências que vão de acordo com os objetivos do estudo e que são apresentadas na seção de resultados. Também empregamos a estatística descritiva para analisar a produção de teses e dissertações, em que se utilizou como parâmetro a frequência acumulada em cada uma das categorias empregadas.

A extração de dados de identificação e características das publicações foi realizada por dois pesquisadores, em casos de conflito a resolução ocorreu por meio de um terceiro pesquisador. O banco de dados foi elaborado contendo informações como: autor, ano, instituição de ensino, título, objetivo, características metodológicas, subáreas de conhecimento, local de origem e coleta dos estudos, principais resultados. Para inclusão final da análise de metodologias de ensino-aprendizagem foram selecionados os estudos da subárea pedagógica que identificaram a presença de métodos de ensino-aprendizagem sistematizadas.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico são apresentados os dados que foram extraídos dos estudos para responder aos objetivos da pesquisa, buscando detalhar as características metodológicas e procedimentais dos estudos. Foram sintetizados os principais achados, iniciando pela apresentação do público investigado e da natureza dos estudos, e em seguida informações sobre o local de origem e coleta e subárea de estudos. Por fim será apresentados as metodologias de ensino-aprendizagem identificados nos estudo da subárea pedagógica.

### 4.1 PÚBLICO INVESTIGADO

Na tabela 1 verificamos que dos 63 estudos mapeados, a maior parte investigou temas relacionadas aos atletas/praticantes da modalidade (n=30) e profissionais (n=22). A classificação de praticantes e não praticantes contemplou a amostra de alunos (n=4), atletas (n=30), ex-atletas (n=7) e não-atletas (n=1). Dentro da classificação dos profissionais, observamos um número de estudos realizados com técnicos (n=20), ex-técnicos (n=1), indivíduo representativo no histórico da modalidade (n=1), professores (n=7), pesquisadores (n=1), discentes universitários (n=1), árbitros (n=5), responsáveis pela elaboração dos regulamentos (n=1), gestores (n=1), dirigentes (n=1) e coordenadores (n=1).

As categorias competitivas mais investigadas foram pré-infantil (n=14), infantil (n=14), juvenil (n=13) e adulto (n=13), sendo estas categorias presentes em todas as modalidades de ginástica competitiva (FIG, 2022). Ainda, uma proporção significativa (n=26), não se encaixava nesta classificação, como estava voltada para os profissionais, microcultura do ambiente de prática, mídias, etc.

O *setting*<sup>2</sup> mais prevalente foram os centros de treinamento (n=19) e escolas (n=10). Um número menor de estudos (n=4) ocorreu dentro de laboratórios.

---

<sup>2</sup> O *setting* refere-se ao local onde são coletados os dados do estudo, seja no campo ou em outros locais (HOPPEN; LAPOINTE; MOREAU, 1996).

**Tabela 1** - Apresentação do público investigado

		<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	Feminino	35	55,5
	Masculino	4	6,3
	Misto (masculino e feminino na mesma modalidade)	7	11,1
	Feminino e masculino (combinado)	2	3,1
	Não descrito	1	1,2
	Não se aplica	14	22,2
<b>Público Investigado</b>	Praticantes e não praticantes <sup>1</sup>	28	44,5
	Profissionais <sup>2</sup>	22	35
	Profissionais e praticantes/não-praticantes <sup>3</sup>	7	11,2
	Praticantes/não-praticantes e pais/responsáveis	1	1,5
	Discentes universitários do curso de graduação em Educação Física	1	1,5
	Não se aplica	3	4,7
<b>Setting</b>	Centro de treinamento	16	25,3
	Centro de treinamento e escola	3	4,7
	Escola	7	11,2
	Laboratório	4	6,3
	Não descrito	1	1,5
	Não se aplica	32	50,8
<b>Categoria competitiva</b>	Pré-infantil	4	6,3
	Infantil	2	3,1
	Juvenil	2	3,1
	Adulto	7	11,2
	Juvenil e adulto	3	4,7
	Adulto e ex-ginasta	1	1,5
	Pré-infantil, infantil, pré-juvenil, juvenil, adulto <sup>4</sup>	5	8
	Pré-infantil e infantil	4	6,3
	Infantil, juvenil, adulto	1	1,5
	Pré-infantil, infantil, juvenil	1	1,5
	Infantil e Juvenil	1	1,5
	Não se aplica	26	41,2
Não descrito	6	9,5	

Legenda: <sup>1</sup> Praticantes e não-praticantes: alunos, atletas, ex-atletas, não-atletas; <sup>2</sup> Profissionais: professores, docentes universitários, técnicos, ex-técnicos, árbitros, dirigentes, coordenadores, responsáveis pela elaboração dos regulamentos técnicos, gestores, indivíduos representativos da modalidade, pesquisadores; <sup>3</sup> Profissionais e praticantes: professores, docentes universitários, técnicos, ex-técnicos, árbitros, dirigentes, coordenadores, responsáveis pela elaboração dos regulamentos técnicos, gestores, indivíduos representativos da modalidade, pesquisadores; e alunos, atletas, ex-atletas, não-atletas; <sup>4</sup> Combinado de categorias.

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Como trata-se de modalidades competitivas, é de se esperar que haja uma proporção significativa voltada para estudar os atletas de rendimento, porém, uma boa parte dos praticantes constitui as etapas de iniciação esportiva, indicando que as principais áreas de estudo devem contemplar também este público nas suas pesquisas. Essa proporção fica mais evidente quando refere-se à amostra voltada para o *setting* laboratório, uma vez que visualiza-se uma predominância desse *setting* para pesquisa com atletas de alto rendimento (BATISTA *et al.*, 2018; GATEVA, 2015). Contudo, há de se convir que nem todos os praticantes de modalidades competitivas se enquadram no contexto do alto rendimento, portanto, justifica-se uma redução de número de estudos de caráter laboratorial considerando um menor quantitativo do público-alvo predominante.

Dos estudos que se referem aos praticantes, foi interessante observar que no ambiente escolar, foram realizados propostas de ensino voltados para a prática da ginástica competitiva nas aulas de educação física, podendo gerar curiosidade e interesse dos alunos de praticar esse esporte também fora da escola. A prática de ginástica no âmbito educacional, além de contribuir para a propagação do esporte, permite a participação de todos sem exclusões, sejam alunos habilidosos ou não (NUNOMURA, 1998). Nesse sentido, a introdução à ginástica pode gerar curiosidade e interesse em praticar esse esporte para além da escola, seja de forma formal (prática em programas sistematizados) ou informal (em espaços e momentos de lazer) (BARBANTI, 2006).

A iniciação esportiva, além de ser abordada na escola, é praticada em entidades esportivas que buscam engajar alunos para o alto rendimento (GREGÓRIO; SILVA, 2014). Porém, nesta amostra, apenas um estudo contemplou a amostra de iniciação fora do âmbito escolar. Schiavon (2009) aponta que é preciso aumentar a oferta para prática de ginástica nas categorias de base, utilizando uma metodologia que permita aumentar o número de praticantes, posto que quanto melhor o ensino e maior o número de praticantes, amplia a possibilidade de compor uma equipe competitiva com número maior de atletas de forma que não seja necessário esgotar fisicamente os poucos atletas existentes.

Assim que entra em questão a competição, os treinamentos passam a exigir mais do atleta em decorrência do aumento de volume e intensidade necessários para atingir

um bom desempenho, e por conta disso ocorre um afunilamento do número de praticantes (STRINGHINI, 2010). Na nossa amostra, atletas de todas as categorias participaram nos estudos, desde a categoria pré-infantil até o adulto, sugerindo que há uma participação e fomento nas diversas categorias. Uma razão pela qual atletas desistem da modalidade competitiva é o aumento de lesões e reincidência de lesões, frequentemente provocado pela sobrecarga do treinamento e pela recuperação inadequada (ZETARUK *et al.*, 2006). Se há um número maior de atletas com bom nível técnico, aqueles que se lesionam podem ter mais tempo para se recuperar completamente e voltar a treinar no mesmo nível de forma progressiva, sem a pressão de performance na próxima competição (GOULART *et al.*, 2016). Alguns estudos retrataram a história do atleta com o esporte e no período de transição que ocorre ao fim da carreira, e nota-se uma certa pressão, não apenas individual pensando no atleta e seus desejos e sonhos voltados para o esporte, mas também pela representatividade esportiva do país (COSTA, 2018; SCHIAVON, 2009).

Desse modo, instaura-se uma reflexão para os profissionais da área: será que a oferta para atletas está sendo realizado para todas as categorias, incluindo nessa classificação a oferta da iniciação esportiva fora do ambiente escolar, e da mesma forma turmas de transição para o treinamento, para cada uma das categorias? Talvez o desconhecimento sobre as fases de transição, como destacado na revisão de literatura, influencia nesse acontecimento, mas ainda não justifica a falta de sua existência, visto que é uma fase muito importante para o desenvolvimento do atleta e é uma fase difícil, quando há uma série de mudanças na prática que merecem devida atenção (COSTA *et al.*, 2010; PERES; LOVISOLO, 2006). Nessa direção podemos traçar duas hipóteses que podem constituir um problema investigativo no futuro: 1) a fase de transição é negligenciada na prática e não gera demanda à ciência; 2) a ciência não se debruçou em responder problemas sobre a fase de transição no treinamento esportivo na ginástica e isso não fornece subsídios para mudanças reais no campo da prática.

A classificação dos profissionais como segundo público mais investigado também não é um resultado inesperado, pois são figuras principais para que a prática esportiva aconteça. Suas atitudes são fundamentais para determinar o rumo que a ginástica brasileira irá tomar, e muitos estudos estão voltados para conhecer estes profissionais,

como elaboram seus objetivos e traçam caminhos para atingi-los (NUNOMURA *et al.*, 2012). Muitas vezes são ex-atletas tornados profissionais que tomam a iniciativa de trabalhar com esse esporte ao público escolhido, seja na escola como parte da disciplina de educação física, ou nos clubes e instituições de ginástica (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007).

A prática profissional é altamente influenciada pelas próprias experiências, então torna-se importante conhecer como ela acontece, para assim entender uma das variáveis que reflete no cenário da prática atual (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003). Observamos que nas pesquisas os profissionais foram consultados para informações tanto da sua formação, quanto à atitudes que envolvem os atletas, destacando que a figura do treinador/professor vai além de passar as instruções no ginásio/escola. Ele tem influência nos fatores psicossociais da prática esportiva, como a construção do ambiente de prática, as interações entre colegas, com os pais, tendo importância na motivação do atleta para permanecer na prática (KOUUMPOULA *et al.*, 2011).

Na nossa amostra, apenas um estudo incluiu os pais na pesquisa, indicando que os atletas e treinadores ainda são as pessoas às quais os pesquisadores recorrem para colher dados acerca da prática. O mesmo avaliou o comportamento dos pais durante a trajetória esportiva dos atletas, constatando que o incentivo e apoio dos pais favorecia a permanência da criança na prática, sendo o suporte emocional o comportamento parental mais adequado (NAKASHIMA, 2013). A literatura respalda os resultados desse estudo, indicando que a participação e apoio dos pais, com grande frequência é o motivo pelo qual os atletas ingressam no esporte, realizando as funções de motorista, torcedor, apoiador financeiro, além de ser uma fonte de incentivo (COSTA *et al.*, 2017; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014).

Além disso, a visão dos pais acerca de temáticas voltadas para os fatores psicossociais é fundamental, pois cada um estabelece diferentes expectativas relacionadas ao aspecto físico, do resultado em competições, da formação de valores, que influenciam o comportamento e desempenho das crianças (KUNJEŠIĆ, 2012; VERARDI; MARCO, 2008). Nakashima (2013) verifica que o tipo de suporte e a modelagem parental reflete no comportamento das crianças, levando-os a desenvolver mais ou menos autonomia, resiliência e esforço.

Verardi e Marco (2008), ao analisar o comportamento de atletas de futebol e a influência dos pais, identificaram que nem sempre há uma relação racional no comportamento dos pais, dado que embora os pais incentivassem a prática esportiva, poucas vezes acompanhavam a participação dos filhos em eventos e competições. Tendo em vista que segundo Nakashima (2013), o envolvimento parental em competições pode ser uma fonte de motivação e encorajamento, observa-se que as informações acerca deste tema ainda precisam ser investigados em maior detalhe nas modalidades de ginástica em específico, para entender a relação social que os pais têm com os filhos e também com os treinadores.

A influência que os pais exercem sobre o desenvolvimento do atleta no esporte dialoga com as teorias da visão ecológica, que diz respeito à interação do ambiente, do indivíduo, e da tarefa para o desenvolvimento humano (SANTOS *et al.*, 2019). Além das influências do local de prática, o comportamento dos pais e o que eles exigem dos filhos refletem-se na formação da identidade da criança, nas mudanças de comportamento e a visão deles acerca das relações sociais, que por sua vez influencia o nível motivacional e a autonomia desenvolvida (DOMINGUES; CAVICHIOLLI; GONÇALVES, 2014).

Os fatores que afetam o desenvolvimento motor da criança são múltiplos, como o local de moradia e segurança do mesmo e dos arredores, que por sua vez afetam as oportunidades de práticas esportivas e jogos em ambientes extra-escolares (NOBRE; VALENTINI, 2016), As condições socioeconômicas dos pais e a liberdade que dão aos filhos são apenas exemplos que reforçam os princípios da teoria ecológica, que articula sobre a importância das relações sociais e ambientais no desenvolvimento (NOBRE; VALENTINI, 2016). Há se refletir como a investigação e o conhecimento dessas questões na área da ginástica, por meio do olhar parental, podem contribuir para uma visão mais íntegra do impacto do esporte na vida dos ginastas e também sobre os atributos que os atletas trazem à prática em decorrências das suas experiências e situações de vida.

Dentro da categoria dos profissionais, reparamos um número menor de estudos realizados com árbitros, responsáveis pela elaboração dos regulamentos técnicos, gestores e coordenadores, que são figuras essenciais para que a competição possa acontecer. Os árbitros e responsáveis pela elaboração dos regulamentos foram questionados acerca dos fatores que influenciam a arbitragem, como a subjetividade na

análise artística, a influência das experiências pessoais no julgamento, o olhar sobre a competição como instrumento de formação, a análise de competições de ginástica, além da sua visão acerca dos saberes necessários para atuação como técnico. Observa-se que há uma preocupação com a forma que são realizadas as competições e o sistema de julgamento, devido à participação de praticantes em idades jovens, o tempo de apresentação e as exigências dos árbitros, além da subjetividade na interpretação de expressão corporal e artísticidade (DEBIEN *et al.*, 2014).

Assim que o esporte é praticado por um número maior de praticantes e as competições tornam-se eventos frequentes atraindo um número maior de espectadores, a indústria esportiva começa a movimentar mais recursos financeiros, acarretando na necessidade de estabelecer associações encarregadas de gerenciar as atividades do esporte (ROCHA; BASTOS, 2011). Nesse sentido, os gestores e coordenadores foram consultados para verificar o desenvolvimento e estruturas de programas de ginástica, e também para reconstrução histórica do desenvolvimento de modalidades em locais específicos. O gerenciamento do esporte é essencial para que possam se desenvolver programas de formação a longo prazo e dar o suporte necessário para que os atletas tenham uma estrutura e equipe de profissionais adequado (OLIVEIRA, 2010). Porém, nem sempre os profissionais que atuam nessa área possuem a devida formação administrativa, dificultando o gerenciamento das atividades das entidades e federações. Nas ginásticas é possível reparar que o conhecimento da realidade social acerca da modalidade facilita a organização, e que os gestores realizam diversas funções administrativas e operacionais, devido à paixão que tem pelo esporte e o desejo de contribuir (MÁXIMO *et al.*, 2021).

Isso posto, a atenção para a gestão é um tema que merece ser mais estudado, principalmente para aquelas modalidades menos praticadas e conhecidas, para que os profissionais possam ter acesso de forma mais ampla às políticas de incentivo que são a base para as ações desenvolvidas pelo governo brasileiro. Além disso, como mencionado anteriormente, sugestões para projetos de gestão esportiva podem ser de grande valia para os profissionais independentes que buscam aprimorar as relações com o seu cliente, ressaltando as qualidades indispensáveis para as ocasiões relacionadas a administração (VIEIRA; STUCCHI, 2007). Ainda, pesquisas sobre a formação do



profissional de educação física voltado para a gestão seriam de grande valia para reconhecer até onde as informações adquiridas no curso de graduação auxiliam de fato o profissional na prática.

Identificamos que a maior parte do público investigado nos estudos selecionados foi do sexo feminino (55,5%), possivelmente explicado porque no Brasil há uma cultura maior para a prática da ginástica pelo universo feminino, isso pode ser confirmado pela oferta e organização da própria ginástica (FIG, 2022). Temos como exemplo a Ginástica Rítmica, uma das mais tradicionais no país tem campeonatos nacionais somente voltado para a categoria feminina, o que também não incentiva a prática pelo sexo masculino. Apenas 2 estudos utilizaram amostras exclusivamente masculinas, sendo uma análise sobre a participação dos meninos na ginástica rítmica, e outro sobre os efeitos de suplementação em atletas de ginástica artística. Embora não tenham tantos praticantes de ginástica no naipe masculino, o Brasil ainda conseguiu ser destaque no cenário competitivo. Uma pesquisa com os atletas da seleção masculina de ginástica artística relata que foi difícil encontrar locais que oferecessem a modalidade e tivessem estruturas adequadas para a prática, embora morassem em locais de concentração de entidades filiadas e organizações esportivas de ginástica (VARGAS, 2021).

## 4.2 NATUREZA DOS ESTUDOS

Quanto à metodologia aplicada, exposta na tabela 2, identificamos que a maior parte (60,3%) dos estudos possui cunho qualitativo. Sobre o delineamento dos estudos, pode-se constatar uma predominância de estudos descritivos (34,9%).

**Tabela 2 – Caracterização da natureza dos estudos**

<b>Natureza do estudo</b>		<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Abordagem</b>	Qualitativa	38	60,3
	Quantitativa	12	19
	Qualitativa e quantitativa	7	11,2
	Não consta	6	9,5
<b>Delineamento</b>	Descritivo	22	34,9
	Experimental	6	9,5
	Transversal	5	7,9
	Exploratório e descritivo	4	6,3
	História oral	4	6,3
	Não descrito	4	6,3
	Pesquisa de campo	4	6,3
	Caso-controle	2	3,1
	Pesquisa-ação	2	3,1
	Quase experimental	2	3,1
	Bibliográfica e estudo de caso	1	1,5
	Bibliográfica e pesquisa de campo	1	1,5
	Estudo de caso	1	1,5
	Etnográfica	1	1,5
	Exploratória	1	1,5
	Fenomenologia	1	1,5
	História do tempo presente	1	1,5
Narrativa biográfica	1	1,5	

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

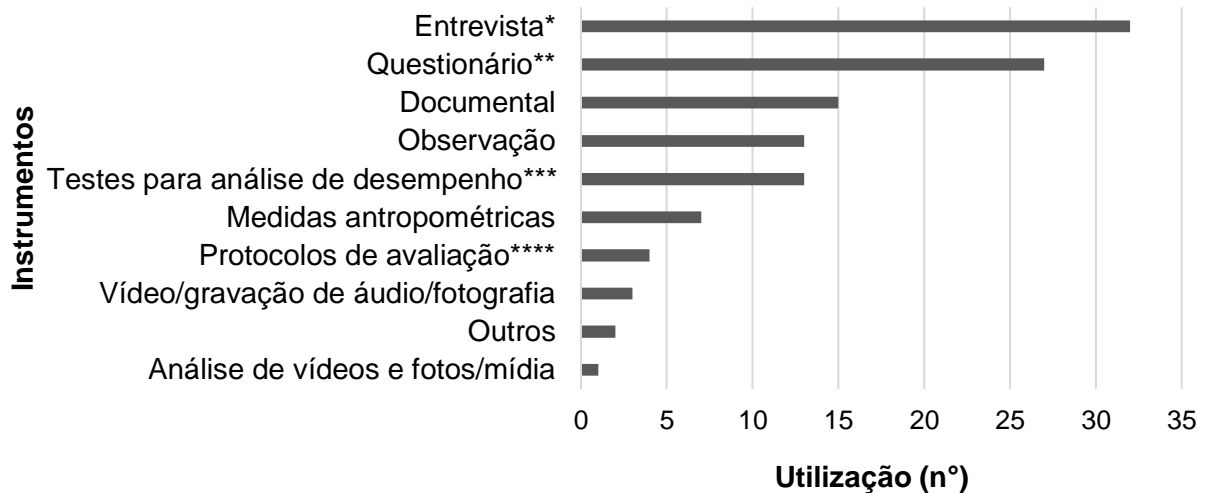
O caminho da pesquisa qualitativa para os estudos em ginástica satisfaz a necessidade de resolver problemas complexos, permitindo enxergar a realidade e construir teorias para explicar as relações existentes (GÜNTHER, 2006). Os estudos que escolheram esta abordagem (n=45) estavam relacionadas com a descrição de fenômenos por meio da perspectiva dos sujeitos da amostra, sendo atletas, profissionais e árbitros. Identificamos a presença dos três tipos de estudo qualitativo: documental, estudo de caso, e etnografia, na amostra, sendo em maior número os que realizaram análise de documentos e estudos de caso (GODOY, 1995). Nestes casos, os estudos que fazem análises para melhor conhecer o sujeito-alvo utilizaram delineamentos descritivos, exploratórios, história de caso, história oral e narrativa biográfica. Há uma barreira quando se utiliza este tipo de pesquisa, devido à dependência da memória do sujeito e da experiência do pesquisador, porém, as conclusões dos estudos acerca do desenvolvimento e experiências com a ginástica foram semelhante, logo podemos

concluir que o nível de habilidade dos pesquisadores é semelhante e/ou as respostas extraídas dos sujeitos são realmente válidas (MUSSI *et al.*, 2019).

A pesquisa quantitativa (n=12) foi utilizada para análise de variáveis relacionadas ao treinamento de rendimento, no momento que o interesse parte para o coletivo em vez do singular, utilizando dados numéricos para chegar à conclusões generalizadas do grupo estudado (MUSSI *et al.*, 2019). Estes estudos são importantes principalmente para o planejamento do treinamento, nas pesquisas investigadas o foco eram temas acerca da carga de treinamento, fadiga muscular, suplementação, características antropométricas e assimetrias, foco de atenção na aprendizagem, motivação, e comparações entre atletas de diferentes modalidades.

### 4.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Em seguida observamos a figura 2, que ilustra os instrumentos, sendo que uma parte considerável utilizou mais de um instrumento, logo abaixo constam a contagem da utilização total dos instrumentos. Foram utilizados em maior número a entrevista (n=32) e questionário (n=27), seguidos pela análise de documentos (n=15), observação (n=13) e testes de análise de desempenho (n=13).

**Figura 2 – Instrumentos de coleta de dados**

Legenda:

\*Entrevista: entrevistas, história/depoimento oral;

\*\*Questionário: questionários, escalas, inventários, linha do tempo;

\*\*\*Testes para análise de desempenho: testes para análise cinemática/movimento, testes de campo, testes laboratoriais, testes psicométricos;

\*\*\*\*Protocolo de avaliação: avaliação motora, avaliação escrita e protocolos de avaliação específicos elaborados para a pesquisa.

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

A utilização de questionários deu-se principalmente para conhecer inicialmente o sujeito, por meio de perguntas objetivas em que o sujeito não precisa responder utilizando longas respostas. Na maioria dos casos foi utilizada para traçar um perfil do sujeito e seu tempo de prática/atuação, itens que não precisam de outro instrumento, como a entrevista, para responder de forma precisa (BATISTA *et al.*, 2021). Houveram algumas exceções, quando pediram ao sujeito para preencher linhas do tempo, mas estes também foram complementados pela entrevista.

Por sua vez, a entrevista foi utilizada para perceber a interpretação dos sujeitos acerca de um conteúdo ou de uma realidade vivida, guiada pelo entrevistador por meio de perguntas abertas que direcionam o entrevistado a responder de forma a atingir o objetivo do estudo. Os pesquisadores tomaram o cuidado de realizar as entrevistas em locais onde o sujeito tinha familiaridade, como o local de trabalho ou na própria

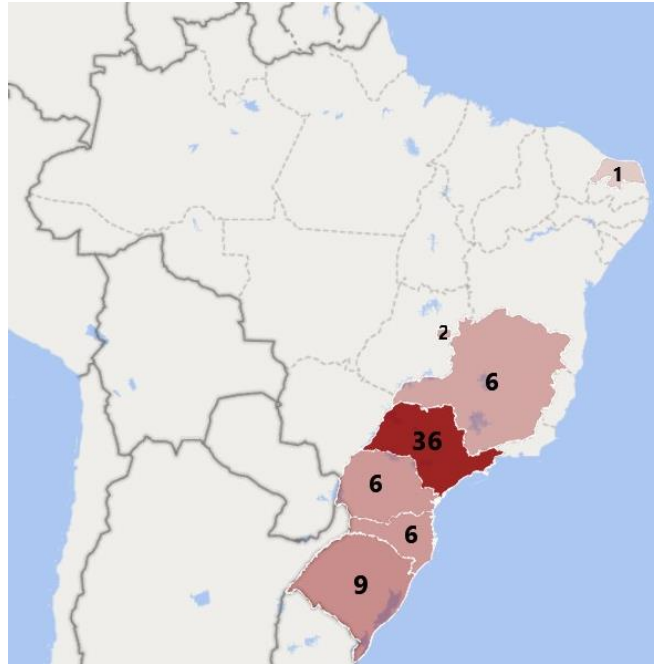
residência, para que não sofra desconforto durante a entrevista, destacando a profissionalidade no trabalho em pesquisa dos pós-graduandos (DUARTE, 2002).

A análise de documentos como fonte de dados também foi amplamente utilizada, quando queria-se conhecer o histórico de atletas e acompanhar uma evolução da modalidade, realizando uma fundamentação histórica para entender quadros atuais da prática. Ela é uma forma não-invasiva e de baixo custo para obter informações acerca dos fenômenos estudados, mas é importante ter cuidado com a interpretação das informações, pois deve-se considerar quem e para que foram produzidos aqueles documentos (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). Todavia, é uma ferramenta muito interessante para reconstruir experiências vividas, contribuindo enormemente para os estudos de natureza histórica e socicultural (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2015).

#### 4.4 LOCAIS DE ORIGEM E COLETA DE DADOS

A figura 3 ilustra o quantitativo de estudos originados em cada estado, sendo que na maioria dos estados foi identificada apenas uma instituição de origem, exceto o estado de São Paulo, na qual observou-se a presença de mais de uma instituição de ensino superior cujos estudos encaixavam-se na amostra. Foi o estado de São Paulo (n=36) que produziu a maior parte das publicações científicas, seguido pelo Rio Grande do Sul (n=9), Minas Gerais (n=6), Paraná (n=6) e Santa Catarina (n=6).

**Figura 3** – Instituições de origem dos estudos

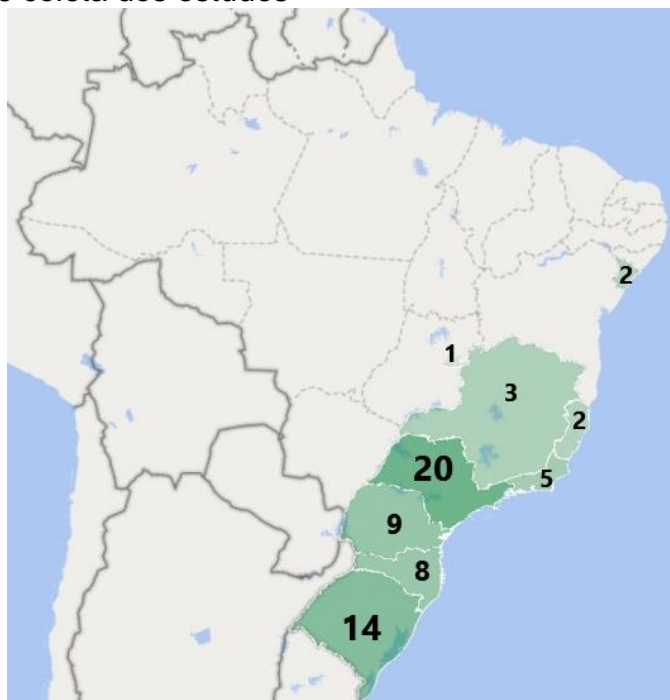


Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Nota-se que a maior parte dos estudos foi proveniente das regiões sul e sudeste do Brasil, com destaque para o estado de São Paulo, corroborando com os resultados de Carbinatto et al. (2016), que indicam a existência de maior número de instituições que oferecem cursos de pós-graduação nessas regiões. O número de programas de pós-graduação no Brasil sofre limitações relacionadas à distribuição geográfica e pelas condições econômicas e sociais, estabelecendo uma diferença significativa no número de programas e na qualidade dos mesmos (MOROSINI, 2009). Segundo Quadros *et al.* (2013), foram as universidades do sul do país pioneiras na oferta de cursos de especialização, consolidando esses programas e atraindo pesquisadores para essas regiões, que influencia diretamente a nota de conceituação segundo a CAPES e o número de publicações científicas, as quais são condições para manutenção dos programas.

Na figura 4 podemos ver os locais onde foram coletados dados, e quantos estudos coletaram dados naquele estado. Boa parte coletou dados em mais de um estado, sendo os estados mais investigados: São Paulo (n=20), Rio Grande do Sul (n=14), Paraná (n=9) e Santa Catarina (n=8).

**Figura 4 – Locais de coleta dos estudos<sup>3</sup>**



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

A figura 4 permite observar que as regiões de coleta continuam dando destaque para as regiões sul e sudeste, tendo apenas uma coleta na região nordeste e duas na região centro-oeste. Alguns fatores são responsáveis pelo desenvolvimento da ginástica nesses locais, como por exemplo, a presença de federações com maior número de entidades filiadas, além de serem os locais de onde originaram grande parte dos atletas da seleção brasileira de ginástica (ANTUALPA, 2011; NAKASHIMA; NASCIMENTO JUNIOR; VISSOCI; VIEIRA, 2018). Olhando por um viés histórico, foi na região sul que a ginástica se introduziu no Brasil, dando um destaque inicial para os estados do Rio Grande do Sul e São Paulo (OLIVEIRA, 2010; SAGAWA, 2011). É possível que como estes locais oferecem a prática há bastante tempo, já conseguiram obter estruturas melhores para treinamento, atraindo atletas que estão se especializando na modalidade (LIMA, 2020).

<sup>3</sup> Observação: 16 estudos não descreveram o local exato da coleta, em 5 estudos esta classificação não se aplica (coleta em documentos), em 1 estudo os dados foram coletados no país da Alemanha.

Além disso, se há uma quantidade maior de entidades e clubes que oferecem o ensino e o treinamento esportivo da ginástica competitiva nas mesmas regiões das instituições de ensino, dá uma vantagem geográfica para os pós-graduandos, diminuindo o tempo e as despesas necessárias para se deslocar até o local de coleta. Porém, segundo o site da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), há federações de ginástica presentes em estados das regiões Norte (Amazonas, Pará), Centro-oeste (Mato Grosso, Goiás, Rondônia, Roraima e Tocantins) e Nordeste (Alagoas, Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte), logo, supõe-se que existem entidades voltadas para o ensino e a prática de ginástica nesses locais. Isso abre a possibilidade de investigação e conhecimento desses espaços, pois como a realidade socioeconômica e as características geográficas e aspectos políticos são diferentes, as características da prática esportiva podem ser muito diferentes da realidade do sul e sudeste.

O estado de São Paulo destaca-se por originar a maior parte dos estudos selecionados, e por ser o que mais coletou dados em outros estados também. Esse fato pode estar relacionado com o investimento nas instituições públicas voltadas para projetos de pesquisa, cujo principal responsável é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), direcionar uma grande parte dos recursos para o estado de São Paulo (CHIARINI; VIEIRA, 2012). Entretanto, mesmo recebendo um capital diferenciado comparado a outros estados, ela não parece ter investigado características relacionadas à ginástica nos estados mais isolados do país.

#### 4.5 SUBÁREAS DE PESQUISA

Na tabela 3, verificamos uma das principais ramificações dentro das pesquisas com as ginásticas competitivas, que são as subáreas de pesquisa, sendo que a maior parte dos foi classificado como estudos pedagógicos (n=21), seguido por estudos da biodinâmica (n=12) e socioculturais (n=12). Esse dado diverge dos estudos de Barros *et al.* (2016) e Moraes *et al.* (2019), que encontraram que o maior número de pesquisas estava relacionado à subárea do treinamento e biodinâmica, evidenciando uma mudança nas tendências investigativas dos pesquisadores e o preenchimento da falta de estudos



voltados à subárea pedagógica. Os objetivos e principais resultados de cada estudo estão descritos em maior detalhe no apêndice 1. Em seguida apresentaremos as subáreas de estudo, deixando por último os estudos da subárea pedagógica, que serão discutidos mais para frente em conjunto com as metodologias de ensino-aprendizagem identificadas.

**Tabela 3** – Relação das modalidades compreendidas em cada subárea de pesquisa.

<b>Subárea de pesquisa</b>	<b>Modalidade</b>	<b>n</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>Estudos pedagógicos</b>	Ginástica Artística	10	<b>21</b>	<b>33,4</b>
	Ginástica Rítmica	7		
	Ginástica Artística e Ginástica Rítmica	2		
	Ginástica Acrobática	1		
	Roda Ginástica	1		
<b>Estudos da biodinâmica</b>	Ginástica Artística	5	<b>12</b>	<b>19</b>
	Ginástica Rítmica	5		
	Ginástica Acrobática	1		
	Ginástica Artística e Ginástica Rítmica	1		
<b>Estudos socioculturais</b>	Ginástica Rítmica	8	<b>12</b>	<b>19</b>
	Ginástica Artística	4		
<b>Estudos psicológicos</b>	Ginástica Rítmica	4	<b>7</b>	<b>11,2</b>
	Ginástica Artística	3		
<b>Formação profissional</b>	Ginástica Artística	3	<b>6</b>	<b>9,5</b>
	Ginástica Rítmica	3		
<b>Aprendizagem e controle motor</b>	Ginástica Artística	2	<b>3</b>	<b>4,7</b>
	Ginástica Aeróbica	1		
<b>Gestão e políticas do esporte e lazer</b>	Ginástica Artística	2	<b>2</b>	<b>3,1</b>

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Os estudos da subárea de biodinâmica (19%) contemplaram os temas relacionadas ao monitoramento de carga, relações entre carga interna e externa, risco de lesão e desempenho, lesões agudas no esporte, efeitos de programa de relaxamento no desempenho, fadiga muscular e informação sensorial no controle postural, *tapering* e respostas hormonais e desempenho, efeitos de desidratação numa sessão de treinamento, diferenças estruturais e funcionais de atletas de diferentes modalidades, desequilíbrios e assimetrias, estatura de ginastas, comparação de tipos de creatina sobre

composição corporal. Observa-se um interesse principalmente na carga de treinamento e recuperação para o desempenho, variáveis que interferem na motivação dos atletas para permanecer na prática, destacando a importância do planejamento individual e específico. Uma quantidade considerável de atletas estudados foi das categorias pré-infantil e infantil, fase em que os atletas já executam elementos de dificuldade corporal alta e os técnicos tendem a desejar resultados imediatos, negligenciando um pouco o desenvolvimento de talentos a longo prazo, que pode causar desmotivação e abandono (LOPES; NUNOMURA, 2007).

De acordo com os princípios do treinamento esportivo de Barbanti (1997), que abrangem a condição física, psíquica, técnica e tática, conclui-se que esta amostra investigou mais sobre as variáveis da condição física e psíquica, do que estudos investigando a técnica. Este fato é curioso em virtude que uma grande parte do esporte é definido pela técnica (ROOT *et al.*, 2019). É possível que os pesquisadores estejam se preocupando com as variáveis relacionadas à lesão no contexto esportivo, e desejam oferecer aos profissionais mais informações sobre a preparação física, que por sua vez, permite que os atletas aprendam a técnica com maior facilidade. A análise técnica, por sua vez, é um pouco mais complicada de avaliar, devido ao olhar técnico que ela exige para identificar a execução correta e/ou erros na execução, ou utilizando aparelhos sofisticados de análise biomecânica para avaliação (BORIN; PRESTES; MOURA; 2007).

Nota-se que a atração para os estudos relacionados à biodinâmica não deixa de estar presente, principalmente pela sua tradicionalidade, o que reflete a prevalência de docentes, linhas e grupos de pesquisa nessa área (MANOEL; CARVALHO, 2011). Ressalta-se que a predominância de indivíduos e pesquisas voltados para uma determinada área afeta os estudos que os discentes vão conduzir, fazendo com que os alunos de pós-graduação procurem as instituições cujo corpo docente já tenha produzido conhecimento ou tenha interesse sobre esse tema (CARDOSO *et al.*, 2022). Além disso, esses estudos tendem a ser de interesse universal e utilizar metodologias que podem ser replicadas por pesquisadores de outros países cujos interesses, voltados ao alto rendimento, são similares (SOUZA; CUNHA, 2022).

Os estudos socioculturais (19%), por sua vez, discorreram sobre a evolução histórica e a visualização do esporte pela mídia, como ocorre a arbitragem dentro do

esporte e sua subjetividade, o ambiente construído no esporte e o perfil de atletas e treinadores, a significância da dor no esporte, e no caso da GR, a participação dos meninos nesta modalidade. Houve estudos que realizaram uma retratação histórica da evolução de uma modalidade em um determinado local, permitindo refletir sobre as realidades vividas e as ações que moveram o esporte por meio das narrativas dos sujeitos, e as consequências das transformações no atual cenário de prática (RHODEN; ZANCAN, 2020; SAROA; 2005, SAGAWA; 2011).

A ginástica é um esporte que se adaptou à diferentes períodos históricos, e assim podemos observar para quem a prática foi e continua sendo direcionada, em relação ao poder aquisitivo, à participação social e a visão cultural (CORREIA, 2018). O estudo sobre a participação dos meninos na modalidade de ginástica rítmica vai ao encontro com essa observação, pois como essa prática é pouco difundida no Brasil, há um menor incentivo e poucas oportunidades de participar em eventos e competições comparado às meninas (COELHO, 2016).

Os estudos voltados para a arbitragem também mostram que houve uma modificação do código de pontuação ao longo do tempo, como a valorização da parte artística e expressão corporal, e por consequência a estruturação do treinamento precisou se modificar (LOURENÇO, 2003). Mack e colaboradores (2019) afirmam que a avaliação busca tentar ser o mais objetivo possível, porém ainda podem ocorrer variações de acordo com a memória cognitiva e as experiências passadas do árbitro. Se há dificuldade ao estabelecer uma nota correta quando se trata dos critérios mais objetivos, imaginemos quando se trata daqueles subjetivos? A dissertação de Bortoleto (2000) conclui que a análise da parte subjetiva ainda precisa ser conceituada melhor, porque ela difere da objetividade que se utiliza para avaliar a parte técnica, para que assim os técnicos, árbitros e atletas possam compreender e explorar esse aspecto.

Os estudos psicológicos (7%) investigaram temas sobre a motivação, medo, resiliência frente a lesões, desistência, autodeterminação, e influência da música em situações do treino. O estudo de Lavoura e Machado (2008), analisou como o medo permeou nas práticas esportivas nos esportes de aventura, e viu que inicialmente não havia nenhuma sensação de insegurança ao praticar a modalidade de forma informal e lúdico, porém, assim que a prática foi sistematizada e começaram ser exigidos mais

disciplina e responsabilidade com os treinamentos e competições, aumentou a sensação de tensão e insegurança, ambas manifestações do medo, tanto relacionadas com o medo de lesão e de não realizar uma performance desejada.

Os dados da nossa amostra corroboram com esses dados e resultados de outros estudos na área de ginástica, que identificam as causas do medo na ginástica como relacionados ao risco de se lesionar, dos sistemas avaliativos, do desconhecido, e que as próprias ginastas encontram formas de lidar com seus medos durante os treinos e nas competições, sem que haja um profissional específico para as ajudarem a lidar com isso (DUARTE, 2008).

Ginastas comumente procuram amigas e familiares para conversarem sobre seus medos, e estes podem oferecer suporte emocional ao atleta, por estarem envolvidos e vivenciarem as mesmas experiências, mas o auxílio de um psicólogo pode ser mais educativo, já que o mesmo deveria possuir conhecimento sobre técnicas para diminuir a tensão deixando os atletas mais relaxados permitindo uma maior concentração (DUARTE; FERREIRA FILHO; NUNOMURA, 2008; DUARTE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2015; VARGAS *et al.*, 2021). Porém, como a situação estrutural e de equipes multiprofissionais no Brasil ainda não permite essa divisão de tarefas, cabe ao profissional técnico se preocupar em criar um ambiente de prática e treinamento no qual se sintam motivados e seguros (LOURENÇO, 2015; MAZZEI *et al.*, 2012). Há de se imaginar a qualidade desse suporte psicológico, tendo em vista a formação profissional dos técnicos, que costumeiramente ocorre de forma generalista, assim, fazendo com que recorram às próprias experiências para atender aos alunos (BELÃO; MACHADO; MORI, 2009; NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013).

A comunicação entre o treinador/professor e atletas/praticantes deve ser encorajada, para que os objetivos de ambos sejam conhecidos e assim, permitindo desenvolver ações para manter um vínculo positivo com o esporte (LOPES, 2009). Segundo Karageorghis (2008), a motivação tem relação direta com os estados de ânimo, que vai ao encontro dos resultados de uma dissertação que utilizou música durante as aulas, afirmando que era uma forma de deixar o clima mais “leve”, “alegre” e menos “pesado” (KARAGEORGHIS, 2008; MORI, 2003). A resiliência e o combate a sensações e experiências negativas como estresse e lesões também se torna mais fácil quando o

ambiente é motivador, dando aos atletas uma fonte maior de autoestima (CODONHATO, 2017, FONTANA, 2010; WHITE; BENNIE, 2015). Concluindo, vários estudos mostraram a importância da comunicação, do suporte emocional, da influência de fatores externos na motivação, assim, oferecendo uma forma de diretriz para estabelecer uma prática em que o atleta se sinta alegre e motivado para praticar, tanto no contexto do alto rendimento quanto na prática em escolinhas.

Quanto aos estudos sobre aprendizagem e controle motor, encontramos apenas 3 estudos, cujos temas abordaram sobre as contribuições de uma modalidade para melhora do controle motor, foco de atenção na aprendizagem de uma habilidade, e o efeito do treinamento da imaginação na execução de uma habilidade. Os exercícios característicos da ginástica são conhecidos por melhorar as habilidades motoras, tendo que seus princípios abrangem a exploração e desenvolvimento da percepção espacial, corporal e temporal, dando aos praticantes experiências corporais que aumentam o repertório motor (MITCHELL; DAVIS; LOPEZ, 2002). Deste modo, a ginástica não precisa ser praticada somente tendo em vista fins competitivos, mas também de forma participativa para melhorar o desenvolvimento motor de crianças em fases de desenvolvimento, posto que ela permite o desenvolvimento significativo em habilidades como locomoção, equilíbrio e saltos (FALLAH; NOURBAKHS; BAGHERLY, 2015; OLIVEIRA, 1996). A amostra selecionada conteve apenas estudos relacionados à ginástica artística, que não tem muita influência sobre as habilidades manipulativas, características de outras modalidades, como a ginástica rítmica (ŠALAJ; MILČIĆ; ŠIMUNOVIĆ, 2019). Se considerarmos as modalidades como um conjunto, poderíamos dizer que elas constroem um leque de habilidades motoras de forma uniforme.

Uma técnica que foi identificada na amostra foi a prática mental, que melhorou a eficiência do gesto técnico observado, comprovando que ela é uma ferramenta útil para aprimoramento do gesto técnico, mas que deve ser combinada com uma preparação física adequada (OLIVEIRA, 2007). O estudo de Ferreira et al. (2021) observou que a prática mental e a prática física apresentam valores semelhantes no nível de esquecimento de uma tarefa motora, podendo ser utilizada na mentalização de uma nova habilidade ou durante a aprendizagem para melhorar a execução. Todavia, a literatura

neste assunto particular é antiquada e não específico à prática da ginástica, sendo um tema que deve ser investigado (FELTZ; LANDERS, 1983).

Ainda, deve-se atentar às formas com que são aprendidas as habilidades motoras, considerando que a escolha do método resulta em diferentes níveis de aprimoramento de uma habilidade (TSOPANI *et al.*, 2012). Esta afirmação traz a reflexão sobre as metodologias de ensino-aprendizagem e o cuidado que se deve ter ao escolher qual utilizar, pois além de colaborar para a construção do ambiente de aprendizagem, ela reflete diretamente na medida com que as crianças aprendem a controlar e coordenar os gestos motores. O nível de condicionamento físico também é importante, já que a melhora de valências físicas envolvidas na execução de um elemento influencia diretamente na aprendizagem do mesmo (MILETIĆ; SEKULIĆ; WOLF-CVITAK, 2004). Na nossa amostra, verificamos poucos estudos que estudam sobre técnica e aprendizagem e controle motor, sendo assuntos relacionados à características essenciais do esporte, e que podem estar também ligados às metodologias utilizadas, já que a aprendizagem está ligada ao processo de ensino-aprendizagem.

Dois estudos analisaram a gestão e políticas do esporte, um sendo sobre a representatividade da ginástica artística no estado de São Paulo, e outro sobre os fatores que influenciam o sucesso esportivo na visão de técnicos, árbitros e ginastas. Segundo Bosscher *et al.* (2007), para que haja sucesso esportivo deve-se considerar a relação entre três itens: o *input*, que engloba o financiamento, o tempo e a estrutura; o processo, englobando o financiamento de atletas e o planejamento de treinamento de elite; e o resultado, sendo medalhas, sensação de “bem-estar” e aumento do número de praticantes da modalidade. A tese da amostra concorda com esses princípios, adicionando que características do atleta e do treinador têm peso significativo no nível de sucesso, sendo que na relação deve haver cooperação, respeito, confiança, comprometimento e objetivos (LIMA, 2020; TRZASKOMA-BICSÉRDY *et al.*, 2007).

Ainda que o técnico possua influência na transformação física e psicológica do atleta, são necessárias estruturas e políticas para que um trabalho de formação esportiva aconteça. A Lei Geral sobre o Desporto, ou Lei Pelé, estabelece que a participação esportiva, seja na esfera educacional, participativa ou de alto rendimento, é um direito de todos e dever do Estado, porém, a abordagem generalizada desse regulamento gera

problemas, pela falta de especificidade sobre o investimento a ser feito ou sobre a equivalência segundo determinado esporte (CANAN; MILANI; STAREPRAVO, 2017). Já a Lei Agnelo Piva traz uma melhor sistematização da divisão de recursos, determinando que o capital dever ser destinado para: programas e projetos de fomento, manutenção da entidade, formação de recursos humanos, preparação técnica, manutenção de atletas e eventos esportivos (BRASIL, 2015). O sistema de financiamento e ações esportivas no Brasil funciona por meio de um sistema de retroalimentação, ou seja, aqueles esportes que obtiveram um nível satisfatório de sucesso internacional recebem mais recursos (MEIRA; BASTOS; BÖHME, 2012). Segundo Almeida e Marchi Júnior (2011), a confederação de ginástica está dentro das que recebem mais verbas oriundas do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), principalmente pela Lei Agnelo Piva, possivelmente pelo melhor gerenciamento das ações e propostas.

As diferentes estruturas e formas de gestão das entidades são indicativos de falhas nas ações dos órgãos gestores do COB para desenvolver programas esportivos, fazendo com atletas e organizadores dos clubes busquem iniciativas privadas para patrocínio (MAZZEI *et al.*, 2012; TEIXEIRA; MATIAS; MARCARENHA, 2013). Como a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) gerencia mais de uma modalidade dentro da mesma confederação, acaba tendo desvios para as modalidades cujo desenvolvimento tem maior visibilidade e oportunidades de patrocínios, no nosso caso são também modalidades cujo desenvolvimento histórico proporcionou uma certa supremacia (ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2011). Isso concorda com os resultados desta pesquisa, pois a ginástica artística foi justamente uma das primeiras modalidades a se desenvolver no Brasil, contudo, ainda destacou dificuldades como a organização de políticas, falta de instalações esportivas, sistemas para identificação e desenvolvimento de talentos, suporte para treinamento dos técnicos e participação no esporte de base (LIMA, 2020). Por outro lado, o processo de identificação de talentos, assim como o treinamento e a formação de técnicos, não ocorre de forma sistematizada no Brasil, fazendo com que técnicos busquem cursos e especializações formando suas próprias metodologias de ensino e seleção de talentos (FOLLE; NASCIMENTO; GRAÇA, 2015; NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003).

Segundo a classificação da tabela 3, em todas as subáreas de pesquisa, as modalidades ginásticas artística e rítmica são mais pesquisadas. A ginástica acrobática foi contemplada em apenas um estudo da área da biodinâmica e um estudo pedagógico. A ginástica aeróbica foi contemplada em apenas um estudo da aprendizagem e controle motor, e a roda ginástica em um estudo pedagógico. Há de se questionar os motivos para este fenômeno, pois o Brasil continua competindo estas modalidades a nível internacional, e, embora não tenha tanta divulgação e prática, são modalidades individuais e coletivas que podem gerar interesse nos praticantes, sendo uma lacuna a ser preenchida, tanto na ciência quanto na oferta esportiva (MACIEL; MORAES, 2008).

Os estudos sobre a formação profissional (9,5%) estão relacionados com os da subárea pedagógica, sendo que investigaram temas relacionados à formação inicial e conhecimento sobre gênero na GR, aprendizagem sobre a GA na formação inicial, formação e aprendizagem de treinadores esportivos e propostas de formação profissional.

Nazário e Guirlizoni (2020) questionaram alunos de graduação do curso em educação física sobre saberes ginásticos, e concluíram que os alunos pouco conhecem e/ou mostram interesse por esse esporte, embora já tenham visto na televisão, mas nem todos entendem como funciona. Percebe-se que o curso de graduação não aprofunda no conteúdo da ginástica, sendo apenas uma abordagem superficial, fazendo com que professores tenham que buscar conhecimentos da área em outros locais, como em cursos específicos, cursos de arbitragem, experiências de estágio e outros (BARROS, 2016). Alguns estudos indicam que há uma preocupação científica com as fontes de conhecimento e aprendizagem de treinadores de ginástica, porém, não há tanta atenção voltada para a aprendizagem de profissionais de educação física que irão atuar nos primeiros contatos do aluno com a modalidade (BARROS, 2016; SAMPAIO, 2017).

A atenção para os estudos pedagógicos (33,4%) é um fator bastante positivo na área da ginástica, já que ela é voltada para a expansão de possibilidades de prática, principalmente no *setting* escolar, contribuindo para o desenvolvimento da modalidade no país. Os principais temas investigados foram: propostas pedagógicas na iniciação/escola, mapeamento das pedagogias dos professores e técnicos, manifestações das crianças acerca de metodologias, análise de significados dados à



prática no ambiente escolar, estrutura e programas de iniciação, descrição da trajetória de atletas, utilização de competições e eventos participativos como instrumento de formação, microcultura do ambiente de treinamento, preparação artística, impacto do sistema de ensino-aprendizagem-treinamento nas valências físicas, comportamento parental.

Parece que o campo da ginástica está expandindo e tomando novos interesses, que justamente por estarem na área voltada para o ensino e aprendizagem da modalidade, irá mostrar evolução na qualidade deles. Anteriormente, a área pedagógica já se caracterizava como uma das mais pesquisadas, junto com a sociocultural e biodinâmica, porém o quantitativo de estudos não alcançava nem a metade desta última área (MANOEL; CARVALHO, 2011). O número menor de pesquisadores nessa área acaba afetando sua avaliação e os recursos destinados a esse tipo de pesquisa (SOUZA; CUNHA, 2022). Contudo, ela é uma área com alto potencial para oferecer considerações que auxiliem diretamente o profissional na prática, podendo ser um motivo para que a pesquisa nessa área tem aumentado.

No que se refere às propostas pedagógicas, citamos a pesquisa de Schiavon (2003), em que a autora, antes de elaborar a proposta, delimitou algumas barreiras que dificultam o trabalho com a ginástica em específico: falta de materiais/espço/infraestrutura para a prática, falta de conhecimento de métodos e estratégias de ensino dos elementos, e pouco conhecimento sobre as modalidades. Propostas concluíram que o conteúdo ginástico pode ser adaptado para a escola, utilizado materiais adaptados que podem ser confeccionados até pelos mesmos alunos, durante a aula ou em casa (SCHIAVON, 2003). Pensando na barreira física/estrutural, é interessante notar que algumas modalidades não exigem nenhum material para ser praticado, como no caso da ginástica aeróbica, porém como os professores não tem conhecimento dessa modalidade, às vezes não tem iniciativa e confiança para trabalhar com este conteúdo (THOMAZZO, 2006; REIS-FURTADO *et al.*, 2021).

Ainda, foi destacado pelos professores que se deve atentar aos fatores sociais e culturais da prática, como a separação sexista que muitas vezes ocorre, destacando os meninos como “mais fortes” e as meninas como “mais fracas”, e a atitude do professor pode reforçar esse preconceito (DI THOMAZZO, 2006). O mesmo autor observou que

alguns professores ainda acreditam que a prática de ginástica deve ser realizada apenas por meninas, e que os meninos podem praticá-lo, mas apenas para “melhorar habilidades motoras”, indicando uma desvalorização do esporte.

Os pais também delimitam as práticas que os alunos podem fazer, já que muitas vezes consideram a ginástica como um esporte “afeminado”, e não necessariamente por uma crença individual, mas pelos comentários gerados por amigos e colegas e da forma como a sociedade enxerga esse esporte (ANTUNES; REIS; SANTOS, 2008). Wenez e Macedo (2019) destacam que a atenção voltada para os meninos se concentra mais em como eles executam os movimentos em vez do fato de eles estarem executando ou não, indicando a possibilidade de que a visão preconceituosa esteja voltada para iniciantes e quem pratica a nível participativo de forma mais acentuada, e não tanto para os atletas de rendimento, cujo nível técnico é mais forte, acentuado, competitivo.

Furlan e Santos (2008) atestam que as políticas de incentivo têm papel importante na “aceitação” e desenvolvimento da prática por ambos os sexos, contudo, já que essas ações levarão um tempo para ser impostas, os professores devem incentivar os alunos a impor sua presença afirmando que o espaço também lhes pertence. Por outro lado, um estudo que analisou a estrutura de programas de iniciação, indicou que a prática de ginástica é de fato inclusiva embora não muito praticada (TSUKAMOTO, 2004).

Quanto à análise das pedagogias utilizadas pelos técnicos, observou-se que os professores que optam por uma iniciação mais técnica tendem a negligenciar as questões pedagógicas, já os que optaram por uma iniciação mais lúdica não (SCHAEDT, 2006). As atividades de maior envolvimento dos alunos foram aquelas que traziam uma sensação de satisfação, por meio de atividades criativas, com desafios, no qual o aluno se sentia feliz e privilegiado para estar participando (KOREN, 2004).

A competição também foi analisada sob a visão de ser uma ferramenta pedagógica, mas não foram encontradas adaptações adequadas para a idade e nível dos participantes, e as exigências desapropriadas para a fase de aprendizagem em questão (KUKAMURA, 2008). Krahenbühl et al. (2019) apresentam alguns pontos de vista diferenciados sobre a competição para jovens atletas, afirmando que ela deve ser mais fácil para que os atletas se divirtam jogando, assim atraindo um número maior de participantes. Ainda, segundo os mesmos autores, há a concepção de que não adianta

muito modificar as regras sem modificar a atitude do treinador quanto à competitividade e à pressão para vitória. Já para Furtado (2020), existem movimentos na ginástica que buscam estabelecer oportunidades competitivas para diferentes fases de aprendizagem, mas que ela acaba sendo dividida principalmente em participação e competição, sem nota ou com nota, faltando um pouco da visão para formação à longo prazo, embora seja um dos objetivos almejados. O cuidado com a utilização da competição como instrumento de formação e aprendizagem sobre o esporte, é algo positivo, principalmente posto que não há sentido em desvincular a competição de modalidades competitivas.

#### 4.6 METODOLOGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Como os estudos da subárea pedagógica foram os mais frequentes (tabela 3), buscamos detalhar um pouco mais sobre os temas destes, identificando aqueles que mencionaram ou apresentam metodologias de ensino-aprendizagem sistematizadas, que estão descritas no quadro 1. Em dois estudos foram utilizados o método dos três momentos de Mosston (1986), outros 3 estudos utilizaram métodos analíticos e parciais, outros 2 utilizaram métodos globais, e 1 utilizou alguns métodos não descritos.

**Quadro 1 – Metodologias de ensino-aprendizagem identificadas nos estudos da subárea pedagógica**

Autor/ano	Título	IES	Metodologia de ensino-aprendizagem
Afonso (2000)	Ginástica Rítmica: Construindo uma Metodologia	UNICAMP	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizaram-se os estilos de ensino propostos por Mosston (1986): descoberta dirigida e recíproco.</li> <li>- Foi utilizado o <b>método dos três momentos</b>, no 1º momento introduzia-se o tema, utilizaram-se a descoberta dirigida e recíproco para atividades de exploração de elementos corporais e manuseio dos aparelhos. No 2º momento trabalhavam a execução dos elementos corporais e dos elementos dos aparelhos e forma isolada e combinada entre si. O 3º momento tinha como característica a síntese da aula e avaliação formativa das tarefas afetivo-sociais e cognitivo-motoras, quando realizavam pequenas associações e exercícios utilizando os estilos de ensino divergente e descoberta dirigida, observando-se uma grande participação dos alunos nesta etapa e possibilitando a identificação da compreensão da atividade.</li> <li>- A proposta envolvia a criação de uma composição coreográfica pelos alunos, utilizando um aparelho de livre escolha, em que os alunos utilizaram o estilo recíproco de forma espontânea para escolher exercícios que todos conseguiram executar.</li> <li>- A professora anotava as relações afetivo-sociais a cada atividade e apresentava para as alunas no final da aula, para que elas pudessem tomar consciência de seus comportamentos e acompanhar suas evoluções.</li> </ul>
Antualpa (2011)	Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estrutura e programas	UNICAMP	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização do <b>método de ensino parcial</b>.</li> <li>- Utilização do <b>método de ensino global</b> para equipes que já possuem um nível técnico elevado.</li> <li>- Utilização de outras metodologias não identificadas pelos técnicos.</li> <li>- O autor do estudo observa que não há um padrão definido para a modalidade.</li> </ul>
Benine (2011)	Pedagogia da roda ginástica (alemã): análise de uma proposta metodológica desenvolvida no clube Bayer Leverkusen na Alemanha	UNICAMP	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pouca diferença observada no método pedagógico utilizado nas aulas dos alunos iniciantes e de rendimento.</li> <li>- Características analíticas presentes em diversas etapas da aula.</li> <li>- Identificaram a utilização de atividades lúdicas/brincadeiras no aquecimento das turmas de iniciação.</li> <li>- O <b>método analítico</b> foi predominante nos atletas de rendimento.</li> <li>- Os atletas da categoria adulta eram responsáveis pela organização da sua estrutura de treino.</li> </ul>
Botti (2008)	Ginástica Rítmica: estudo do processo de ensino-aprendizagem-	UFSC	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização do <b>método global</b>.</li> <li>- Utilização do <b>método analítico</b> (pois os técnicos acreditavam ser a melhor forma de atingir o aperfeiçoamento do gesto técnico).</li> </ul>

	treinamento com suporte na teoria ecológica		
Koren (2004)	A Ginástica vivenciada na escola e analisada na perspectiva da criança	UNICAMP	- <b>Método dos “três momentos”</b> da aprendizagem, que busca dar ênfase na exploração de movimentos corporais em todo tipo de vivência prática, permitindo que o aluno encontre as soluções dos problemas levantados.

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Observamos que, mesmo tendo uma quantidade significativa (33,4%) de estudos voltados para a subárea pedagógica, nem todos aqueles que analisaram o ambiente de treinamento e questionaram os professores e técnicos conseguiram identificar métodos sistematizados para fundamentar o processo de ensino-aprendizagem. Isso justifica-se em parte pelos próprios objetivos das pesquisas, ainda que em alguns estudos não está claro se a falta de especificidade ocorreu por conta que os treinadores e professores não foram questionados em maior detalhe ou porque o estudo não buscava aprofundar nas metodologias.

Notamos que, mesmo tendo uma quantidade significativa (33,4%) de estudos voltados para a subárea pedagógica, nem todos aqueles que analisaram o ambiente de treinamento investigaram se os professores e técnicos conseguem identificar os métodos sistematizados para fundamentar o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, constatamos que a metodologia mais recorrente nos estudos foi a dos “três momentos” que mescla elementos dos métodos mais conhecidos, como o método global, que utiliza de jogos para exploração inicial, e o método analítico, na sistematização dos conhecimentos descobertos para compor uma habilidade motora que são os movimentos próprios da ginástica (CAÇOLA, 2007; RESENDE; ROSAS, 2011)

Sobre a metodologia dos “três momentos”, os autores, Resende e Rosas (2011) salientam que ela requer do aluno criatividade, além de haver constantes estímulos cognitivos, permitindo maior desenvolvimento físico, social, emocional, cognitivo e moral, comparado com as metodologias de ensino em que o aluno deve primordialmente reproduzir o movimento apresentado (RESENDE; ROSAS, 2011).

Os estudos da amostra que utilizaram o método dos “três momentos” utilizaram jogos e elementos da cultura infantil, buscando estimular o interesse dos alunos proporcionando experiências de satisfação e diversão (AFONSO, 2000; KOREN, 2004). Dessa forma, os alunos tinham maior liberdade na criação e exploração de movimentos, e ao entender a proposta, engajavam-se mais com as atividades, com os colegas, e com os professores.

É importante destacar que o processo de seleção das metodologias de ensino-aprendizagem, requer do treinador conhecimento e domínio de sua aplicação na prática.

Isso porque, a falha em empregar diferentes métodos pode estar no desconhecimento dos técnicos e professores, posto que a formação pedagógica e técnica nem sempre está ligada, comprometendo a qualidade de ensino (NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013; NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003). Nesse sentido, o processo de formação do treinador é de suma importância, especialmente por considerarmos que a formação como técnico normalmente está ligada ao treinamento, à periodização, ao que se deve fazer para chegar numa boa performance do atleta, em detrimento do como fazer, resultando na reprodução de comportamentos de outros técnicos bem-sucedidos ou na reprodução do que outros técnicos no seu ambiente de trabalho fazem (BARROS, 2016).

Mediante o exposto, é notória a existência de lacuna sobre a formação de treinadores e do conhecimento/domínio de metodologias de ensino, principalmente pelo fato das ginásticas requererem estratégias específicas nesse quesito que se diferenciam da lógica dos esportes individuais e coletivos que possuem oponentes diretos. Dessa forma, as novas estratégias de ensino que tem surgido para ensinar os jogos coletivos de forma a compreender melhor o jogo em si na maioria dos casos não se aplica à ginástica (ARAÚJO, 2014; BOLONHINI; PAES, 2009), sendo imperante a necessidade de pesquisas que abordem o assunto atendendo as especificidades da ginástica.

Sendo assim, deveria ocorrer uma adaptação para a ginástica, mas de que forma a utilização de um método baseado na imprevisibilidade e variação pode acontecer num esporte caracterizado pela previsibilidade e o já definido? As crianças se engajam com o esporte para melhorar uma competência técnica e atingir um certo nível de sucesso ou satisfação pessoal, e a forma tradicional de ensino tenta suprir isso, mas formas que estimulariam as necessidades psicológicas poderiam potencializar a melhora física e emocional do aluno, contribuindo positivamente na evolução esportiva (BERNARDES; YAMAJI; GUEDES, 2015; RUBIO, 2004).

Observa-se que a iniciativa para tal já ocorreu, agora precisa-se encontrar uma forma de disseminar esses métodos comprovados pela ciência para que os profissionais tomem conhecimento e busquem aplicar metodologias sistematizadas, com objetivos bem claro para além da melhora de um elemento ou habilidade específica, mas para

formar o atleta como um todo e não somente restringindo sua formação ao universo da competição.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada no presente trabalho permitiu mapear as publicações das instituições de ensino superior no Brasil, colaborando para retratar o estado da arte das pesquisas acerca das ginásticas competitivas. A metodologia utilizada possibilitou a organização e análise das características metodológicas, de forma a descrever o percurso que os autores escolheram para realizar as pesquisas. Os resultados conceberam uma diversidade de temas, indicando os interesses dos pós-graduandos e também as principais áreas de pesquisa, pela influência também dos orientadores e coordenadores dos núcleos de pesquisa das universidades na criação da pesquisa. Podemos também perceber como a influência do local das instituições de ensino superior e o desenvolvimento de certas modalidades nas diferentes regiões do país refletem nas experiências e conexões que os pesquisadores têm ou tiveram, motivando possibilidades de pesquisas acerca de uma determinada modalidade ou em determinados locais.

Todavia, há se se considerar que a amostra compreende apenas um contexto de pesquisa realizadas país, em que consideramos apenas teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação em Educação Física no Brasil por entendermos que estas constituem produções primárias que podem ser veiculadas em formatos de artigos científicos, livros, trabalhos em congressos etc. Dessa forma, essa limitação se dá pelo recorte contextual da coleta e que pode ser complementado por pesquisas futuras que investiguem outros contextos de produção científica, o que permitirá olhar para o cenário com um mapeamento mais fiel da realidade das pesquisas voltados para as ginásticas competitivas no país.

A presença de um número maior de estudos qualitativos indica a possibilidade de aumento no interesse de temas mais subjetivos cujo leque de desfechos possíveis é mais amplo. Os temas investigados utilizaram em sua maioria delineamentos descritivos, exploratórios e história oral para retratar as experiências dos sujeitos de forma individualizada. Nota-se como há uma curiosidade em explorar temas em que o pesquisador tem bastante contato com o sujeito da pesquisa, que por sua vez, resulta nas reflexões acerca da proximidade geográfica e as barreiras que podem ser impostas

decorrente disso. Todavia, em alguns casos foi possível utilizar ferramentas *online* para diminuir essa distância e ainda permitir um ambiente profissional para coletar dados do sujeito. Há de se questionar se da mesma forma podem ser pensados estratégias para atingir mais praticantes e profissionais nas regiões mais isoladas do país, e assim retratar a realidade nacional ao invés de focar nos pontos do mapa onde a ginástica está mais difundida.

Quanto ao público investigado, ressaltamos que embora o foco de pesquisa não deve se distanciar dos principais envolvidos na prática, ou seja, os profissionais e os praticantes, torna-se necessário englobar também uma análise parental para conhecer como as realidades de cada família afeta o desenvolvimento das crianças. Em apenas um estudo destacou-se a importância do papel dos pais para que a prática da ginástica efetivamente seja introduzida às crianças e como desempenham funções que servem de exemplo aos filhos, formando valores que dialogam com os valores instigados pelo esporte e contribuindo para sua formação. Um aprofundamento na pesquisa voltada também para os pais é necessário para analisar a realidade das vivências na ginástica em sua totalidade, desde os atributos que os atletas trazem à prática em decorrência das suas experiências vividas e as transformações que são proporcionadas pelo esporte.

A questão de interesses também remete às modalidades que não foram tão investigados, que são os casos da ginástica acrobática, aeróbica e de trampolim. É importante ressaltar que a evolução e divisão da ginástica competitiva em diferentes modalidades têm papel fundamental, já que não tem sido praticado por tanto tempo no Brasil, e no cenário internacional sofrem com a falta de visibilidade, agente que propulsiona o desenvolvimento de uma modalidade. Todavia, isso não significa que não são praticadas no país, e sendo modalidades integrantes da Federação Internacional de Ginástica, como o trampolim acrobático, ginástica aeróbica esportiva, ginástica acrobática, *parkour*, sendo que o trampolim acrobático também é uma modalidade olímpica, seria interessante produzir estudos que se preocupassem em investigar fatores tanto relacionadas ao treinamento, bem como sobre possibilidades de desenvolver programas de iniciação esportiva ou em introduzir o conteúdo nas escolas.

Por outro lado, os estudos de cunho quantitativo que produziram conclusões ou orientações objetivas para elaboração da periodização e preparação física no trabalho para atletas de rendimento foram menos presentes, indicando uma transformação pela qual está passando os grupos de pesquisa no Brasil. A reprodutibilidade desses estudos torna-os relevantes também num cenário internacional, e, embora não foram destaque nesse trabalho, achamos um número significativo de estudos voltados para atletas e treinadores de alto rendimento. Um aspecto relacionado à formação esportiva que infere no rendimento dos atletas, é a necessidade de acompanhamento e atendimento psicológico adequado, dado que a situação econômica dos clubes nem sempre condiz com o desenvolvimento e objetivos dos treinadores, fazendo com que situações de pressão e estresse levem os atletas a buscar apoio nos colegas, pais, familiares e técnicos. O treinador por si só, muitas vezes precisa buscar conhecimento fora da graduação e dos cursos formais para estar preparado para organizar e periodizar um treino físico, artístico e técnico, sem deixar de considerar a realidade social de seus atletas. Em outras palavras, o treinador precisa dominar aspectos relacionados ao técnico-instrumental da modalidade, à saúde física e psicológica e ao desenvolvimento social dos atletas. O interessante é que essa busca fosse respaldada pelas condições de trabalho, seja dos clubes, das seleções etc. superando a barreira financeira imposta pela precariedade de investimento esportivo no país.

Tratando-se sobre o lado econômico do esporte, reparamos que não houve tantos estudos sobre propostas e visões de formatos específicos de gestão do esporte, mas que os estudos dessa área fizeram principalmente retratos históricos acerca do desenvolvimento da modalidade. Possivelmente, a organização das confederações e federações estaduais têm papel fundamental no desenvolvimento de talentos à longo prazo, pelo sistema competitivo imposto. É uma lacuna a ser investigada, para conhecer melhor quem são os profissionais por trás dessas ações e como fazer com que a ginástica possa se expandir, como ações de qualificação de profissionais para melhor gerenciar seus clubes e gerar mais adesão.

Percebe-se uma mudança na tendência de estudos por área de conhecimento, sendo uma divisão mais proporcional comparado à estudos que analisaram apenas uma

modalidade de ginástica competitiva e ainda, um aumento notável de número de publicações da área pedagógica. Esse fato consideramos como positivo, visto que as reflexões irão contribuir para a qualidade do ensino e de aprendizagem, e há expectativas de aumentar o vínculo com a ginástica a longo prazo, gerando aqui uma preocupação com a baixa de estudos que foquem o desenvolvimento técnico da ginástica, com inserção típica da subárea da biodinâmica, pois entendemos ser um equilíbrio necessário para melhorias do campo competitivo a partir dos diferentes vieses de análise.

Contudo, os alvos dos estudos pedagógicos não saciaram completamente o objetivo do presente trabalho, uma vez que esperava-se encontrar uma sistematização maior de metodologias e conhecimento por parte dos atletas e técnicos sobre as formas de conduzir as aulas ou treinamentos. Verificamos que na amostra não há uma sistematização em todos os estudos que analisaram características de métodos de ensino-aprendizagem. Nos estudos em que foi possível obter conclusões definitivas, vimos que uns utilizaram métodos parciais, globais, analíticos e o método dos três momentos, que foi explanado em maior detalhe comparado aos outros. Este último parece ser uma excelente estratégia de ensino-aprendizagem por permitir o desenvolvimento cognitivo não desvinculado do físico, garantindo uma maior satisfação dos praticantes em razão do entendimento acerca do que estão fazendo e o objetivo da atividade. Dessa forma, sentem-se mais motivados e precisam utilizar a criatividade ao desenvolver movimentos, estimulando a autonomia e cooperação entre colegas e com o professor.

Embora não havendo um detalhamento dos métodos mais tradicionais, analíticos, os sujeitos dessas pesquisas concordam com a literatura ao dizer que a anarquia imposta pela tradição do treinamento de ginástica continua sendo empregado tanto no treinamento de rendimento como nas iniciações esportivas. Torna-se necessário que os treinadores e professores reflitam sobre o que a ciência tem concluído acerca de metodologias, como foi o caso do método dos três momentos, e aplicar nos casos em que se adequa. Para a ciência, permanece a lacuna sobre a aplicabilidade desse novo método à longo prazo e a investigação de outros métodos, para que a qualidade de ensino possa evoluir junto com a prática.



## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Heloisa de Araujo Gonzalez. **Ginástica Rítmica: Construindo uma Metodologia**. 2000. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.
- ALEIXO, Ivana Montandon Soares; MESQUITA, Isabel. Impacto de diferentes estratégias de ensino no desenvolvimento do conhecimento declarativo de iniciantes na ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, p. 349-357, fev. 2016.
- ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Comitê Olímpico Brasileiro e o financiamento das confederações brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 163-179, jan./mar. 2011.
- ANTUALPA, Kizzy Fernandes et al. Carga interna de treinamento e respostas comportamentais em jovens ginastas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, p. 583-592, 2015.
- ANTUALPA, Kizzy Fernandes. **Centros de Treinamento de Ginástica Rítmica no Brasil: estrutura e programas**. 2011. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- ANTUNES, Heverton Tonani; REIS, Bruna Barros dos; SANTOS, Flávia Costa P. e. PRECONCEITO AOS MENINOS NA PRÁTICA DA GINÁSTICA ARTÍSTICA. **Movimentum**, Ipatinga, v. 3, n. 1, p.1-18, jul. 2008.
- ARAÚJO, Samuel Nascimento de. O ensino do handebol por meio de jogos reduzidos (jogo possível). In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2014, Matinhos, Paraná. **Anais [...]**. Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, 2014. p. 1-6.
- ARENA, Simone Sagres; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Programas de Iniciação e Especialização Esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 184-195, julho/dezembro 2000.
- AVELINO, Hélio et al. A influência das diferentes posições de ginastas de ginástica acrobática sobre composição corporal, flexibilidade, força, agilidade e aptidão aeróbia. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 5, n. 9, p. 10-15, 2019.
- BARBANTI, Valdir. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [s.l.] v. 11, n. 1, p. 54-58, 2006.

- BARBANTI, Valdir Júnior. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. 2. ed. São Paulo: Editora Blucher, 1997. 215 p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 141 p.
- BARROS, Thais Emanuelli da Silva *et al.* Análise das publicações científicas sobre ginástica artística. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 67-81, maio 2016.
- BARROS, Thais Emanuelli da Silva de. **Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística**. 2016. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- BATISTA, Amanda et al. TRAINING INTENSITY OF GROUP IN RHYTHMIC GYMNASTICS. **Ovidius University Annals, Series Physical Education & Sport/Science, Movement & Health**, v. 18, n. 1, 2018.
- BATISTA, Bruna F., et al. "Técnicas de recolha de dados em investigação: inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista?" *Metodologias de Investigação* (2021): 13.
- BENCK, Bruna Travassos. **Análise biomecânica dos fatores de risco de lesões na aterrissagem de jovens atletas de ginástica feminina**. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- BENDER, Natália. **A ginástica artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes**. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- BENINE, Rafaela Guerra Segalla Alves Rodrigues. **Pedagogia da roda ginástica (alemã): análise de uma proposta metodológica desenvolvida no clube Bayer Leverkusen na Alemanha**. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.
- BERNARDES, Andrea Gomes; YAMAJI, Bruna Hatsue Santos; GUEDES, Dartagnan Pinto. Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. **Motricidade**, Paraná, v. 11, n. 2, p. 163-173, 2015.
- BERNAL, Gilda Cecília Rios. **Estudo das lesões agudas da ginástica artística feminina na infância, a partir da população em treinamento em Campinas, SP**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

BERNARDI, Patrícia Silveira Fontana. **A teoria da autodeterminação e o ambiente de treino na ginástica rítmica: um modelo motivacional teórico-explicativo**. 2015. 184 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BEZERRA, Liudmila de Andrade *et al.* Ginástica na formação inicial em educação física: análise das produções científicas. **Revista Educação Física UEM**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 663-673, 4. trim. 2014.

BIBBÓ, Caroline Bertarelli. **Um Mergulho na Metodologia de Ensino dos Esportes**. 2014. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2014.

BÖHME, Maria Tereza Silveira. O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 4-10, janeiro/maio 2000.

BOLONHINI, Sabine Zink; PAES, Roberto Rodrigues. A proposta pedagógica do teaching games for understanding: reflexões sobre a iniciação esportiva. **Pensar A Prática**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 1-9, maio 2009.

BORGES, Suzelly Lira. Metodologias de Ensino dos Esportes Coletivos na Iniciação Esportiva Escolar em Atividades Extracurriculares. **Evinci - Evento de Iniciação Científica**, UniBrasil, v. 1, n. 4, p. 1-15, jun. 2016.

BORIN, João Paulo; PRESTES, Jonato; MOURA, Nélio Alfano. Caracterização, Controle e Avaliação: Limitações e Possibilidades no Âmbito do Treinamento Desportivo. **Revista Treinamento Desportivo**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 6-11, 2007.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. **O caráter objetivo e subjetivo da ginástica artística**. 2000. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BOSSCHER, Veerle de et al. **Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success: an international comparative study**. 423. ed. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2007. 176 p.

BOTTI, Marise. **Ginástica Rítmica: estudo do processo de ensino aprendizagem-treinamento com suporte na teoria ecológica**. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2008.

BRACHT, Valter et al. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte II. **Movimento**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 11-37, 2012.



BRASIL, Comitê Olímpico do. Lei Agnelo Piva 2015: Demonstração da aplicação dos recursos financeiros. Rio de Janeiro, jan./dez. 2015. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/30434d9724a35/> Acesso em 03 de dezembro de 2022.

CAÇOLA, Priscila. A iniciação esportiva na ginástica rítmica. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, [s. l], v. 2, n. 1, p. 9-15, mar. 2007.

CAÇOLA, Priscila Martins; LADEWIG, Iverson. Comparação entre as práticas em partes e como um todo e a utilização de dicas na aprendizagem de uma habilidade da ginástica rítmica. **Rev. Bras. Ciência e Movimento**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 79-86, fev. 2007.

CANAN, Felipe; MILANI, Fernanda Gimenez; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Considerações sobre o "fomento" ao esporte no Brasil. **Revista de Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte**, Curitiba. v. 8, f. 1, p. 74-88, julho 2017.

CANDOTTI, Cláude Tarragô. **Efeitos de um programa de relaxamento muscular na dor lombar de atletas de ginástica rítmica desportiva**: um estudo eletromiográfico. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

CAPES. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Cursos recomendados e reconhecidos**. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=21> Acesso em: 01 dez. 2021.

CARBINATTO, Michele Viviene et al. Motivação e ginástica artística no contexto extracurricular. **Conexões**, v. 8, n. 3, p. 124-145, 2010.

CARBINATTO, Michele Viviene *et al.* Produção do Conhecimento em Ginástica: Uma Análise a partir dos periódicos brasileiros. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1293-1308, out./dez. 2016.

CARDOSO, Renata Pereira et al. Migração estudantil: uma análise do impacto da política de cotas e do programa universidade para todos. In: **Universidade e território: ensino superior e desenvolvimento regional no Brasil do século XXI**. IPEA: Brasília, 2022. p. 429-459.

CARVALHO, Soraya. **O discurso midiático da Ginástica Artística**. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

CHIARINI, Tulio; VIEIRA, Karina Pereira. Universidades como Produtoras de Conhecimento para o Desenvolvimento Econômico: Sistema Superior de Ensino e as Políticas de CT&I. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p. 117-132, jan./mar. 2012.

CIRANI, Claudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu, SILVA, Heloisa Helena Marques da. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas. v. 20, f. 1, p. 163-187, março 2015.

CODONHATO, Renan. **Resiliência, estresse e lesões no contexto da ginástica rítmica de elite**. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

COELHO, Johanna Ermacovitch. **Inserção dos meninos no universo cultural da ginástica rítmica**: pesquisa-ação na federação riograndense de ginástica. 2016. 111 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CORRÊA, Marluce Raquel Decian; CORRÊA, Leandro Quadro; RIGO, Luíz Carlos. A pós-graduação na educação física brasileira: condições e possibilidades das subáreas sociocultural e pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, p. 359-366, 2019.

CORREIA, Vanda *et al.* Principles of nonlinear pedagogy in sport practice. **Physical Education And Sport Pedagogy**. p. 117-132. 2019.

CORREIA, Igor Massari. A ginástica e as suas relações com a educação física brasileira. In: VI congresso latino-americano de estudos socioculturais do esporte, 2018, São Paulo. São Paulo: Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte/Alesde, 2018. p. 909-925.

COSTA, Caroline Ruivo. **A arbitragem em ginástica rítmica no Brasil**: uma abordagem configuracional. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

COSTA, Rodrigo Mendes. A ginástica na escola. Uma perspectiva pedagógica na Educação Física. **Ef Deportes: Revista Digital**, [s. l.], v. 20, n. 214, mar. 2016.

COSTA, Varley Teoldo da, et al. Fases de transição da carreira esportiva: perspectiva de ex-atletas profissionais do futebol brasileiro. **Conexões**: revista da faculdade de educação física da UNICAMP, Campinas, v. 8, n. 3, p. 84-103, set./dez. 2010.

COSTA, Vitor Ricci. **O encerramento da carreira esportiva na Ginástica Artística Feminina do Brasil**. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Área de Concentração: Atividade Física e Esporte, Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

COSTA, Vitor Ricci *et al.* A motivação para as primeiras peripécias na ginástica artística: a perspectiva de praticantes iniciantes. **Pensar A Prática**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 295-305, 30 jun. 2017. Universidade Federal de Goiás.  
<http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v20i2.43614>.

DEBIEN, Paula Barreiros. **Monitoramento da carga de treinamento na ginástica rítmica: efeitos no estado de recuperação, perfil hormonal, resposta imune e desempenho físico**. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

DEBIEN, Paula Barreiros *et al.* O estresse na arbitragem de ginástica rítmica: uma revisão sistemática. **Revista Educação Física UEM** [s. l], v. 25, n. 3, p. 489-500, 3. trimestre, 2014.

DETONI FILHO, Adriano. **Efeito da desidratação em uma sessão de treino em respostas fisiológicas e perceptivas de meninas atletas de ginástica rítmica**. 63 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Ciência e Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

DIAZ, Pino; MARTINEZ, Aurora; VERNETTA, Mercedes. Análisis de la metodología en la investigación sobre gimnasia rítmica. **Efdeportes: Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n. 79, dez. 2004.

DOMINGUES, Marcio Pinto; CAVICHIOELLI, Fernando; GONÇALVES, Carlos Eduardo. Perspectiva ecológica na determinação de percursos desportivos contrastantes em jovens futebolistas. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, f. 2, p. 249-261, abr./jun. 2014.

DUARTE, Luiz Henrique. **O medo na ginástica artística feminina: estudo com atletas da categoria pré-infantil**. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DUARTE, Luiz Henrique; CARBINATTO, Michele Viviene; NUNOMURA, Myrian. Artistic gymnastics and fear: reflections on its causes. **Science Of Gymnastics Journal**. p. 7-21. 2015.

DUARTE, Luiz Henrique; FERREIRA FILHO, Raul Alves; NUNOMURA, Myrian. O medo na ginástica artística: treinamento e competição. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 51-67, 2008.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l], n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte. v. 14, f. 1, p. 9-11, jan./mar. 2014.

FALLAH, Elham; NOURBAKHS, Parivash; BAGHERLY, Jaleh. The Effect of Eight Weeks of Gymnastics Exercises on the Development of Gross Motor Skills of Five to Six Years Old Girls. **European Online Journal Of Natural And Social Sciences**. p. 845-852. 2015.

FEDERATION INTERNACIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Acrobatic Gymnastics**. 2021. Disponível em: . Acesso em: 12 dez. 2021.

FEDERATION INTERNACIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). **Men's Artistic Gymnastics**. 2021. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-mag.php>. Acesso em: 12 dez. 2021.

FELTZ, Deborah L.; LANDERS, Daniel M. The Effects of Mental Practice on Motor Skill Learning and Performance: A Meta-analysis. **Journal Of Sport Psychology**, v.5, p. 25-57. 1983.

FERNÁNDEZ-VILLARINO, María A. et al. Performance indicators in individual rhythmic gymnastics: Correlations in competition. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 13, n. 3, p. 487-493, 2018.

FERREIRA, Ana Luíza *et al.* Determinantes do desempenho esportivo na ginástica de trampolim. **Conexões**, Campinas, v. 19, n. 021035, p. 1-21, junho 2021.

FERREIRA, Bárbara de Paula et al. The role of mental practice in decreasing forgetting after practicing a gymnastics motor skill. **Science Of Gymnastics Journal**. v. 13, f. 1, p. 119-126. 2021.

FERREIRA, Diego Falce; ALMEIDA, Wallace Nascimento de; FRANCO, Neil. A ginástica artística em periódicos brasileiros (1979-2016). **Revista Arquivos em Movimento**. v. 15, f. 2, p. 194-213, jul./dez. 2021.

FERREIRA FILHO, Raul Alves. **Estudo sobre a estatura de ginastas na ginástica artística feminina de alto nível no Brasil**. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FIGUEIREDO, Juliana Francisca. **A disciplina de ginástica artística na formação do licenciado em educação física sob a perspectiva de docentes universitários**. 307

f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Motricidade, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

FIGUEIREDO, Juliana Frâncica *et al.* A Relevância do Conhecimento Histórico das Ginásticas na Formação e Atuação do Profissional de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 189-198, jan./mar. 2010.

FOLLE, Alexandra; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; GRAÇA, Amândio Braga dos Santos. Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 26, n. 2, p. 317-329, 2015.

FONTANA, Patrícia Silveira. **A motivação na ginástica rítmica**: um estudo descritivo correlacional entre dimensões motivacionais e autodeterminação em atletas de 13 a 16 anos. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FONTELLES, Mauro José *et al.* Metodologia da Pesquisa Científica: Diretrizes para a Elaboração de um Protocolo de Pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, [s. l], v. 3, n. 23, jul./set. 2009.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, [s. l], ano XX, n. 30, p. 28-43, jun. 2008.

FURTADO, Lorena Nabanete dos Reis. **Formação esportiva em longo prazo**: análise de competições de ginástica rítmica nas categorias de base. 2020. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutor em Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

FRANTZOPOULOU, Aikaterini *et al.* Acrobatic gymnastics in Greece from ancient times to the present day. **Stud Phys Cult Tour**, v. 18, n. 4, p. 337-342, 2011.

FREITAS, Elisângela Gamarano de. **Relação entre carga externa e interna de treinamento de atletas de ginástica artística feminina da categoria infantil**. 84 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

FRUTUOSO, Anderson Simas. **Desequilíbrios e assimetria em membros inferiores de atletas de ginástica rítmica**. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Fundamentos da Pedagogia do Esporte no Cenário Escolar. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 9, p. 16-23, jul./dez. 2006.

Gil, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4a edição. São Paulo: Editora Atlas S. A. 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GONÇALVES, Gabriela de Carvalho Monteiro. **O significado da dor em atletas da ginástica rítmica**. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GONZALEZ, Fernando J. *et al.* Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Efdeportes**, Revista Digital, año 10, n. 71, p. 3-4, abr. 2004.

GOULART, Natália Batista Albuquerque. **Diferenças estruturais e funcionais dos extensores do joelho entre atletas de ginástica rítmica e ginástica artística**. 72 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GOULART, Natália Batista Albuquerque et al. Injuries prevalence in elite male artistic gymnasts. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, p. 79-85, 2016.

GRECO, Pablo Juan. Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental–ensino intencional. **Revista Mineira de Educação Física**, Minas Gerais, v. 20, n. 1, p. 145-174, 2012.

GREGÓRIO, Karla Mello; SILVA, Thaise da. Iniciação Esportiva x Especialização Esportiva Precoce: Quando Iniciar estas Práticas. **Horizontes - Revista de Educação**, Dourados, MS, v. 2, n. 3, p. 49-65, jan./jun. 2014.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006.

HOPPEN, Norberto; LAPOINTE, Liette; MOREAU, Eliane. Um guia para a avaliação de artigos de pesquisa em sistemas de informação. **Read: Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 1-34, set./out. 1996.

KARAGEORGHIS, Costas I. The scientific application of music in sport and exercise. **Sport And Exercise Psychology**. p. 109-138. 2008.

KOREN, Suzana Bastos Ribas. **A Ginástica vivenciada na escola e analisada na perspectiva da criança**. 2004. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

KOUMPOULA, M. et al. Goal orientations and sport motivation, differences between the athletes of competitive and non-competitive rhythmic gymnastics. **J Sport Med Phys Fit**, v. 51, n. 3, p. 480-488, 2011.

KRAHENBÜHL, Tathiane et al. Competição de base e a formação de jovens atletas na perspectiva de treinadores de elite no handebol. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 22, n. 53089, p. 1-13, 2019.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. **CIAIQ 2015**, v. 2, p. 243-247. 2015.

KUMAKURA, Roberta Santos. **O sistema competitivo da ginástica artística feminina (2013-2016): a competição como instrumento de educação e formação para atletas até 12 anos de idade**. 2018. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia de Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

KUNJEŠIĆ, Mateja. Parent's expectations towards children's artistic gymnastics exercise. **Science Of Gymnastics Journal**. [s.l.], p. 65-73. 2012.

LANARO FILHO, Pedro; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Detecção, Promoção e Seleção de Talentos em Ginástica Rítmica Desportiva: um estudo de revisão. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 154-168, julho/dezembro 2001.

LAVOURA, Tiago Nicola; MACHADO, Afonso Antonio. Investigação do medo no contexto esportivo: necessidades do treinamento psicológico. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 01-28, jun. 2008.

LIMA, Letícia Bartolomeu de Queiróz Lima. **Fatores Que Influenciam O Sucesso Esportivo Internacional da Ginástica Artística Feminina**. 2020. 311 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação Física, na Área de Educação Física e Sociedade., Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

LONGO, Renan Acerbi *et al.* A Permanência de Crianças e Jovens nos Esportes: Olhares para Iniciação e Especialização Esportiva. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 2, p. 121-132, jul./dez. 2017.

LOPES, Priscila Regina. **Motivação e ginástica artística formativa no contexto extracurricular**. 2009. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) -

Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.39.2009.tde-31082009-134201. Acesso em: 2022-11-05.

LOPES, Priscila; NUNOMURA, Myrian. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 177-187, jul./set. 2007.

LOURENÇO, Márcia Regina Aversani. **Ginástica Rítmica no Brasil: A (R)evolução de um esporte**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2013.

MACHADO, V. C; FILHO, R. A. F. Inclusão de movimentos básicos da ginástica rítmica nas aulas de Educação Física escolar. **EFDeportes.com**, Revista Digital, Buenos Aires. ano 14, n. 141, fev. 2010.

MACIEL, Luiz Henrique Rezende; MORAES, Luiz Carlos. Investigação da expertise de treinadores de ginástica aeróbica brasileiros usando análise de protocolo. **Revista Iberoamericana de psicología del ejercicio y del deporte**. v. 3, f. 2, p. 241-258, 2008.

MACK, Melanie *et al.* Modeling Judges' Scores in Artistic Gymnastics. **The Open Sports Sciences Journal**. Alemanha, v. 12, p. 1-9. 2019.

MANOEL, Edison de Jesus; CARVALHO, Yara Maria de. Pós-graduação na educação física brasileira: uma atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e pesquisa**, São Paulo v. 37, f. 2, p. 389-406, mai./ago. 2011.

MAXIMO, Isabela Christ *et al.* O perfil das gestoras da federação do espírito santo de ginástica e as perspectivas acerca da sua gestão. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 25, n. 3, p. 147-167, set./dez. 2021.

MAZZEI, L. C. *et al.* Centros de treinamento esportivo para o esporte de alto rendimento no brasil: um estudo preliminar. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 1, n. 1, p. 1575-1584, 2012.

MEIRA, Tatiana de Barros; BASTOS, Flávia da Cunha; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 251-262, abr./jun. 2012.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para todos: o que a praxiologia motriz diz sobre isso? **Revista Conexões: Educação física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 18, f. 020014, p. 1-17, junho 2020.



MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O Ensino da Ginástica Rítmica: em busca de novas estratégias pedagógicas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 305-318, set. 2017.

MERIDA, Fernanda Vieira. **Reflexões sobre a pedagogia da ginástica acrobática**. 262 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

MERIDA, Fernanda; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MÉRIDA, Marcos. Redescobrimo a Ginástica Acrobática. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 155-180, maio/agosto 2008.

MILETIĆ, Đurđica; SEKULIĆ, Damir; WOLF-CVITAK, Jasenka. The Leaping Performance of 7-year-old Novice Rhythmic Gymnasts is Highly Influenced by the Condition of their Motor Abilities. **Kinesiology**. p. 35-43. 2004.

MILETIĆ, Durđica; KATIĆ, Ratko; MALES, Boris. Some antropologic factors of performance in rythmic gymnastics novices. **Collegium Antropologicum**, [s. l], v. 28, n. 2, p. 727-737, Jan. 2004.

MINCIOTTI, Alessandra Nabeiro; FURTADO, Verônica Valério. Atividades Gímnicas: Uma proposta de atividade física para crianças de 4 a 6 anos de idade. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. especial, p. 132-143, dez. 2012.

MITCHELL, Debby; DAVIS, Barbara; LOPEZ, Raim. **Teaching Fundamental Gymnastics Skills**. Human Kinetics, 2002. 297 p.

MOLINARI, Caroline Inácio. **A formação esportiva na ginástica artística feminina: o desenvolvimento das categorias pré-infantil e infantil no Brasil**. 189 f. Dissertação (Mestado) – Programação de Pós-Graduação em Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

MORAES, Leticia Cristina Lima *et al.* Ginástica Rítmica: Perfil Sobre a Produção Científica em Periódicos da América Latina, Caribe e Países Ibéricos. **Pensar En Movimento**: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 1-23, 30 jun. 2019.

MORI, Patrícia Maria Araujo Martins. **A interferência da música na Ginástica Rítmica**: estado de ânimo e qualidade de movimento. 2003. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Área de Pedagogia da Motricidade Humana, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

MOROSINI, Marília Costa. A Pós-graduação no Brasil: formação e desafios. **Revista Argentina de Educação Superior**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 125-152, nov. 2009.

MOY, Brendan; RENSHAW, Ian. How current pedagogy methods games teaching in the UK, Australia and the US have been shaped by historical, socio cultural, environmental and political constraints. In: Edited Proceedings of the 26th ACHPER International Conference: Creating Active Futures, Queensland University of Technology, Queensland, jul. 2009.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas *et al.* Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 414-430, jul./dez. 2019.

NAKASHIMA, Fernanda. **Análise do comportamento parental no processo de desenvolvimento de talentos esportivos de Ginástica Rítmica**. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Uem-Uel, Maringá, 2013.

NAKASHIMA, Fernanda Soares; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do; VISSOCI, João Ricardo Nickenig; VIEIRA, Lenamar Fiorese. Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 40, n. 2, p. 184-196, abr. 2018.

NAZÁRIO, Murilo Eduardo dos Santos; GUIRLIZONI, Nicole Cerutti. Os saberes em ginástica rítmica: do mapeamento da produção à formação inicial em educação física. **Revista Pensar A Prática**, [s. l.], v. 23, n. 59614, p. 1-23, 2020.

NETO, Ivan Rocha. Prospectiva da Pós-Graduação no Brasil (2008 - 2022). **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 7, f. 12, p. 58-79, julho 2010.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, jan. 1996.

NOBRE, Franciso Salviano Sales; VALENTINI, Nadia Cristina. O contexto de desenvolvimento motor de escolares do semiárido: contribuições do modelo processo-contexto. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, f. 2, p. 132-138, abr. 2016.

NUNOMURA, Myrian *et al.* Ginástica Artística Competitiva e a filosofia dos técnicos. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 678-689, out./dez. 2012.

NUNOMURA, Myrian *et al.* Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-314, jul./set. 2010.

NUNOMURA, Myrian. Ginástica educacional ou ginástica olímpica. **Motriz**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 65-68, jun. 1998.

NUNOMURA, Myrian. **Técnico de ginástica artística**: proposta para a formação profissional. 188 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. A Ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, 2003.

NUNOMURA, Myrian; OKADE, Yoshinori; TSUKAMOTO, Mariana HC. Competition and artistic gymnastics: how to make the most of this experience. **International Journal of Sport and Health Science**, p. 0912070038-0912070038, 2009.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Mauricio Santos. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, p. 125-134, 2014.

NUNOMURA, Myrian; PIRES, Fernanda Regina; CARRARA, Paulo. Análise do Treinamento na Ginástica Artística Brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 25-40, set. 2009.

OLIVEIRA, Lucas Machado de, et al. A ginástica como tema de investigação nos programas de pós-graduação em educação física no Brasil (1980-2020). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, f. e009321, p. 1-8, 2021.

OLIVEIRA, Márcio Alves de. **Dificuldades de aprendizagem**: um olhar na perspectiva do movimento gímico. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

OLIVEIRA, Mauricio dos Santos de. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira**: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. 2010. 258 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

OLIVEIRA, Maurício Santos; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; NUNOMURA, Myrian. A relação técnico-atleta na ginástica artística feminina. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, n. 3, p. 639-650, 2017.

OLIVEIRA, Suzana. **O efeito do treinamento da imaginação, na melhora do gesto do “flic com as mãos” da ginástica artística feminina, em atletas de 8 a 12 anos de idade**. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

OLIVEIRA, Valdomiro de; PAES, Roberto Rodrigues. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **Efdeportes**, Revista Digital, v. 71, n. 10, p. 1-1, abr. 2004.

PAPALIA, Diane E. *et al.* **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Amgh, 2013. 793 p. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.] Revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva... et al.

PAZ, Bruna. **Saberes necessários para a formação de treinadores de ginástica rítmica no Brasil**. 233 f. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

PEREIRA, Artur *et al.* Da iniciação à melhor performance na ginástica artística feminina: quem treinou as melhores atletas nacionais e o que pensam eles sobre o desenvolvimento da modalidade? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, [s. l], v. 13, n. 2, p. 71-88, jan. 2012.

PEREIRA, Fabiana Kadota; DIAS, Nicolas. A importância das atividades lúdicas na iniciação esportiva. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 17, p. 52-58, 2020.

PEREIRA, Hosana Cláudia Matias da Costa. **Ginástica rítmica: um concerto para o corpo**. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

PERES, Lila; LOVISOLO, Hugo. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista de Educação Física da UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.  
PIRES, Fernanda Regina. **Ginástica artística e preparação artística**. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PIRES, Veruska. **Ginástica Rítmica: um contributo pedagógico para as aulas de educação física**. 133f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

QUADROS, Helder Madruga de *et al.* O Cenário da Pós-Graduação em Educação Física: Contextos e possibilidades na região sul do Brasil. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, Rs, v. 18, n. 5, p. 576-584, set. 2013.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Da 'Ginástica para a juventude' a 'A ginástica alemã': observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, p. 111-118, 2015.

REIS-FURTADO, Lorena Nabanete dos *et al.* Esporte e mídia social: análise do instagram da confederação brasileira de ginástica. **Journal Of Physical Education**. [S. L.], p. 1-11. 2021.

RHODEN, Juliana Lima Moreira; ZANCAN, Silvana. A perspectiva da abordagem qualitativa narrativa de cunho sociocultural: possibilidade metodológica na pesquisa em educação. **Educação**, Santa Maria, v. 45, p. 1-22, 2020.

RIBEIRO, Simoni Valente. **A ginástica rítmica como contributo na integração social**: estudo do projeto “Criança na Quadra”. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

ROCHA, Cláudio Miranda da; BASTOS, Flávia da Cunha. Gestão do Esporte: definições e desafios na área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, N. especial, p. 91-103, dez. 2011.

ROOT, Hayley *et al.* Sport Specialization and Fitness and Functional Task Performance Among Youth Competitive Gymnasts. **Journal Of Athletic Training**, p. 1095-1104. 2019.

RUBIO, Katia. Rendimento esportivo ou rendimento humano? O que busca a psicologia do esporte? **Psicologia Para América Latina**, São Paulo, 2004.

SAGAWA, Silvio Massaki. **Uma história do desenvolvimento da ginástica artística paulista**. 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2011.

ŠALAJ, Sanja; MILČIĆ, Lucija; ŠIMUNOVIĆ, Ivan. Differences in motor skills of selected and nonselected group of children in artistic gymnastics in the context of their motor development. **Kinesiology**, p. 133-140. 2019.

SANTOS, Aguinaldo Souza dos, et al. Teoria bioecológica aplicada ao esporte: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 9, f. 3, p. 234-256, dez. 2019.

SAMPAIO, Gabriela Bregghe da Silva. **Formação de treinadores de ginástica rítmica: perspectivas de aprendizagem ao longo da vida**. 2017. 196 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SAROA, Giovana. **A história da ginástica rítmica em campinas**. 2005. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

SCHAEHT, Ana Márcia. **A pedagogia da ginástica artística na visão de técnicos e professores**. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)**. 2009. 379 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia do Esporte, Área de Concentração em Educação Física e Sociedade, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **O projeto crescendo com a ginástica: uma possibilidade na escola**. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHIAVON, Laurita; NISTA-PICCOLO, Vilma. A ginástica vai à escola. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 13, n. 3, p. 131-150, 2007.

SCHRUBER, Juliano Rodrigues; AFONSO, Carlos Alberto. A Iniciação Esportiva Universal nas Aulas de Educação Física. In: VII congresso nacional de educação e v encontro nacional de atendimento ao escolar hospitalar, 1., 2007, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Uducere Saberes, 2007. p. 1218-1226.

SENADO FEDERAL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2006. Brasil.

SERON, Taiza Daniela *et al.* A Ginástica na Educação Física Escolar e o Ensino Aberto. **R. da Educação Física/UEM** Maringá, v. 18, n. 2, p. 115-125. 2007.

SIERRA, Maria Florencia. **A trajetória de formação de atletas de ginástica artística feminina na perspectiva de treinadores**. 240 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SIERRA-PALMEIRO, Elena *et al.* Longitudinal study of individual exercises in elite rhythmic gymnastics. **Frontiers in psychology**, v. 10, p. 1496, 2019.

SILVA, Giovanna Rodrigues. **Efeito do foco de aprendizagem de uma habilidade da ginástica**. 64 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Jéssica Miranda *et al.* Influência do treinamento de flexibilidade e força muscular em atletas de ginástica rítmica. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 325-331, maio/agosto 2016.

SILVA, Marcos Camargo da. **Efeitos da fadiga muscular e da informação sensorial tátil no controle postural de ginastas acrobáticos**. 62 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOARES, Ivan Alves. **Estudos sobre a Iniciação Esportiva: Revisão de Literatura Sobre Métodos e Fases de Ensino**. 2009. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, Elizabeth Paliollelo Machado de. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. 1997. 163 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SOUZA, Doralice Lange de; CUNHA, Andressa Caroline Portes da. O Perfil da produção de artigos relacionados com o esporte nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física no Brasil (2010-2016). **Movimento**, v. 26, 2022.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. São Paulo, p. 102-106, 2010.

STRINGHINI, Sérgio. **Razões da desistência da prática da ginástica artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no rio grande do sul**. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TANI, Go; BASSO, Luciano; CORRÊA, Umberto Cesar. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 339-350, abr./jun. 2012.

TEIXEIRA, Marcelo Resende; MATIAS, Wagner Barbosa; MASCARENHAS, Fernando. O financiamento do esporte olímpico no Brasil: uma análise do ciclo de Londres (2009-2012). **Revista de Ciências Sociais**, Tarapacá, v. 31, p. 86-110, 2013.

TEREZANI, Larissa Aurea. **(Des) Encontros de Gênero na Ginástica Rítmica: um estudo sobre formação profissional em Educação Física**. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2007.

THOMMAZO, Aline di. **Superando dificuldades no trato da ginástica artística na prática profissional de professores iniciantes de educação física**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia da Motricidade Humana, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

Trujillo, Ferrari A. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil; 1982.

TRZASKOMA-BICSÉRDY, Gabriella, et al. The coach-athlete relationship in successful Hungarian individual sports. **International Journal of Sports Science & Coaching** p. 485-495. 2007.

TSOPANI, Despoina et al. The effect of different teaching systems in learning rhythmic gymnastics apparatus motor skills. **Science Of Gymnastics Journal**. p. 55-62. 2012.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; NUNOMURA, Myrian. Iniciação Esportiva e Infância: Um Olhar sobre a Ginástica Artística. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 159-176, maio 2005.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. **A ginástica olímpica no contexto da iniciação esportiva**. 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia do Movimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VARGAS, Pauline Peixoto Inglesias. **Trajetória Esportiva de Atletas da Seleção Brasileira de ginástica artística masculina (2013-2021): a perspectiva dos ginastas**. 2021. 188 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

VERARDI, Carlos Eduardo Lopes; MARCO, Ademir de. INICIAÇÃO ESPORTIVA: A INFLUÊNCIA DE PAIS, PROFESSORES E TÉCNICOS. **Arquivos em Movimento**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 102-123, jul./dez. 2008.

VIEIRA, Tiago Perez; STUCCHI, Sérgio. Relações preliminares entre a gestão esportiva e o profissional de educação física. **Conexões**: revista da faculdade de educação física da UNICAMP, Campinas, v. 5, f. 2, p. 113-128, jul./dez. 2007.

WENETZ, Ileana; MACEDO, Christiane Garcia. Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância. **Movimento**: Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 25, n. 25081, p. 1-12, 2019.

WHITE, Rhiannon L.; BENNIE, Andrew. Resilience in Youth Sport: A Qualitative Investigation of Gymnastics Coach and Athlete Perceptions. **International Journal Of Sports Science & Coaching**. Australia, v. 10, f.2-3, p. 379-393. 2015.

YOSHIOKA, Caroline Ayme Fernandes. **Comparação entre dois tipos de creatina sobre a composição corporal e desempenho de ginastas peso dependentes em período pré-olímpico**. 48 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2017.



ZETARUK, Merrilee N. et al. Injuries and training recommendations in elite rhythmic gymnastics. **Apunts: Medicina de l'esport**, p. 100-106, 2006.

## APÊNDICE A – Identificação da amostra de teses/dissertações

Autor/ano	Título	IES	Objetivo	Principais resultados
Afonso (2000)	Ginástica Rítmica: Construindo uma Metodologia	UNICAMP	Propor e aplicar um programa que seja adotado no processo ensino-aprendizagem da Ginástica Rítmica (GR), visando à estruturação de uma ação pedagógica que possibilitasse a construção do conhecimento da GR oriundo das relações e percepções socioculturais do ambiente em que se deu a aprendizagem.	A proposta pedagógica buscou ensinar a GR para que os alunos entendessem a modalidade como um todo, e não somente pelo gesto técnico. A proposta diz que não se deve limitar a aprendizagem ao imitar o professor, mas utilizar diferentes estilos de ensino-aprendizagem. O estímulo e da criação dos movimentos da GR utilizando brincadeiras partes da cultura infantil foi uma ferramenta muito importante, e quando os alunos entendiam as habilidades motoras tinham maior interesse nas atividades propostas. A proposta sugere que a ordenação dos elementos corporais e de aparelhos deve seguir uma progressão segundo as habilidades básicas, e traz informações sobre estilos de ensino para aplicar em cada etapa da aprendizagem, com dicas práticas para se ter sucesso na sua aplicação. Os resultados do estudo permitiram concluir que uma proposta pedagógica para a GR que vai além do gesto técnico é possível, e permite uma melhor compreensão a respeito da própria ação, sendo eficiente no processo de aprendizagem.
Antualpa (2017)	O efeito da estratégia de intensificação e tapering nas respostas hormonais, comportamentais, de desempenho, e na imunidade da mucosa oral em jovens atletas de ginástica rítmica	USP	Examinar o efeito da estratégia de intensificação e tapering nas respostas hormonais, comportamentais, de desempenho, e na imunidade da mucosa oral em jovens atletas de ginástica rítmica.	A estratégia de 4 semanas de intensificação e 2 semanas de tapering resultou em melhora do desempenho técnico e físico (especificamente na potência abdominal e resistência de força de membros superiores) e um aumento na SIgA durante o IT. O perfil hormonal relacionando à imunidade da mucosa oral foi mantido, assim como as medidas de bem-estar e na severidade dos sintomas de infecção do trato respiratório superior.
Bernardi (2015)	A teoria da autodeterminação e o ambiente de treino de ginástica rítmica: um modelo	UFRGS	Apresentar um modelo motivacional teórico-explicativo para o treinamento de Ginástica Rítmica (GR), tomando como	O ambiente de treino contemplou as necessidades psicológicas básicas de relacionamento (73,12% dos aspectos foram atendidos), parcialmente as necessidades psicológicas básicas de competência (69,73% dos aspectos foram atendidos), porém

	motivacional teórico-explicativo		base a Teoria da Autodeterminação (TAD).	não contemplou as necessidades psicológicas básicas de autonomia (59,37% dos itens não foram atendidos).
Coelho (2016)	Inserção dos meninos no universo cultural da ginástica rítmica: pesquisa-ação na Federação Riograndense de Ginástica	UFRGS	Descrever e analisar o movimento de inserção dos meninos no universo cultural da Ginástica Rítmica (GR) a partir das iniciativas da Federação Riograndense de Ginástica (FRG).	Observa-se a participação dos meninos na ginástica rítmica, porém, são poucos comparados às meninas, já que o esporte foi pensando para elas, e nem todos os locais oferecem a prática aos meninos, por motivos pedagógicos, falta de materiais. Não há competições englobando esse público, logo falta incentivo para esses atletas.
Kukamura (2018)	O sistema competitivo da ginástica artística feminina (2013-2016): a competição como instrumento de educação e formação para atletas até 12 anos de idade	UFRGS	Descrever o sistema competitivo da GAF nas categorias de base no período de 2013 a 2016 e verificar de que forma as competições desenvolvidas podem contribuir para a educação e a formação de jovens atletas.	A análise encontrou que as competições têm adaptações, porém não se adequam as necessidades de formação técnica, pois as diferenças de níveis competitivos vêm com grande exigência técnica. Os técnicos reconhecem a importância das competições como caráter formativo essencial, porém eles têm características muito semelhantes às regras, avaliação e estrutura das competições adultas. Sugere-se realizar competições mais frequentes e menos importantes, para que a aprendizagem seja multilateral e em etapas de continuidade.
Lima (2020)	Fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional da ginástica artística feminina brasileira	UNICAMP	Analisar o desenvolvimento e a gestão da GAF brasileira, por meio dos fatores que influenciam seu sucesso esportivo internacional, considerando a percepção de gestores (as), treinadores (as), árbitros (as) e ginastas.	Identificaram 14 pilares relevantes para o desenvolvimento e sucesso esportivo da GAF, permitindo reflexões para tomar decisões coerentes com as necessidades atuais. Como pontos fracos destacaram: identificação e desenvolvimento de talentos, estrutura e organização de políticas para a GAF, participação e esporte de base na GAF, instalações esportivas, desenvolvimento e suporte para treinadores. Como pontos fortes destacaram: características da ginasta, suporte financeiro, suporte para atletas e pós-carreira, características do treinador e competições nacionais e internacionais.
Furtado (2020)	Formação Esportiva em Longo Prazo: Análise de Competições de Ginástica Rítmica nas Categorias de Base	USP	Analisar os eventos de ginástica rítmica promovidos por federações estaduais de ginástica, com foco nos anos iniciais de prática, a fim de compreender seu papel no processo de formação de ginastas à longo prazo.	Observaram que há um movimento institucional buscando realizar competições pedagogicamente elaboradas de acordo com a fase de desenvolvimento das ginastas em questão. Há competições tanto para fins participativos como competitivos, buscando maior participação na modalidade. Ressalta-se que essa organização é feita pelas experiências dos organizadores, sem referenciais teóricos. O estudo traçou direcionamentos para elaboração de eventos voltados à iniciação esportiva na GR,

				pensando que é possível formar indivíduos como pessoas como também ginastas para o alto rendimento.
Lourenço (2015)	A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o <i>habitus</i> construído	UEM-UEL	Analisar, por meio do discurso de treinadoras e ginastas, o perfil das integrantes da Seleção Brasileira de Conjuntos (SBC) de ginástica rítmica (GR) no período de 1997 a 2012, sua estrutura técnica e administrativa e o <i>habitus</i> esportivo construído.	O <i>habitus</i> construído permite identificar o funcionamento do ambiente envolvendo o treinamento. Identificou-se que as seletivas, embora não tenham um processo bem estabelecido, são eficientes. De forma semelhante, o convite e dispensa de treinadoras não tem procedimentos precisos. Observaram preocupação com a estrutura e local apropriados para a prática, para melhorar o esporte de alto rendimento. Porém, a falta de equipe multiprofissional e equipes voltadas para o gerenciamento destacaram-se, além da necessidade de políticas públicas para fundamentar tais ações. Analisando de forma geral, o segundo ciclo olímpico observado foi o mais completo, por ter condições físicas e técnicas que possibilitaram melhores resultados. Já outros ciclos foram mais interessantes para estudos, ou melhor estrutura administrativa.
Nunomura (2001)	Técnico de ginástica artística: uma proposta para a formação profissional	UNICAMP	Apresentar uma proposta que visa melhorar a qualidade de ensino da Ginástica Artística (GA), partindo-se da premissa que existe a necessidade de uma formação específica para os professores de Educação Física que querem atuar como técnico dessa modalidade.	A entrevista com os técnicos demonstra que os mesmos se mostram insatisfeitos quanto à possibilidade de se aperfeiçoarem dentro do país, ainda que apresentem resultados expressivos na modalidade. Afirmam que há uma quantidade de profissionais que desenvolver o trabalho com a ginástica no Brasil embora não tenham pouca fundamentação e conhecimento. A proposta ofereceu diretrizes para a formação de uma associação de ginástica, sobre a estrutura administrativa e comissão técnica, com cursos de diferentes níveis para capacitar os profissionais a atuarem com ginástica, sendo um espaço para especialistas e iniciantes discutirem e repassarem informações. A proposta teria como objetivo principal formar um programa permanente de técnicos de ginástica artística, podendo estabelecer vínculos com as universidades para melhorar o ensino.
Antualpa (2011)	Centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil: estrutura e programas	UNICAMP	Conhecer e descrever o contexto dos centros de treinamento (CT) em ginástica rítmica (GR), o presente estudo buscou analisar suas estruturas e programas.	O estudo permitiu enxergar o panorama de estruturas físicas e programas de treinamento de diferentes centros de treinamento de ginástica rítmica no Brasil. Os centros, sendo em sua maioria nas regiões sul e sudeste do Brasil, apresentaram estruturas físicas e organizacionais semelhantes. Observou-se que o controle de cargas deve ser monitorado durante a prática, e que há tendência de exercer atitudes tradicionais pelas técnicas,

				influenciado pelas suas vivências como atleta. Como ponto positivo destacaram o planejamento realizado à longo prazo, porém destacam que a capacitação dos profissionais é um ponto que pode ser melhorado.
Barros (2016)	Aprendizagem profissional de treinadores de ginástica artística	UFSC	Investigar a aprendizagem profissional de treinadores de Ginástica Artística (GA) do Estado de Santa Catarina.	A aprendizagem profissional ocorreu, principalmente, por experiências formativas informais, pelo compartilhamento de informações, observação de treinadores mais experientes e cursos específicos da modalidade. Além disso, as experiências vividas pelos treinadores ao longo da prática esportiva fortaleceram o vínculo e interesse por buscar mais conhecimentos.
Benck (2013)	Análise biomecânica dos fatores de risco de lesões na aterrissagem de jovens atletas de ginástica feminina	UNB	Analisar os fatores biomecânicos e musculares relacionados a lesões durante a aterrissagem de jovens atletas de Ginástica Feminina.	O estudo encontrou que o pico de torque dos quadríceps é significativamente maior que o dos isquiotibiais, resultando na razão de I/Q inferior à 0,60 em quase 90% das ginastas. Encontraram também diferença bilateral no pico de torque do quadríceps em 25% das ginastas. Esses desequilíbrios musculares colocam as ginastas em maior risco de lesões nos membros inferiores. Não foram encontradas diferenças significativas entre os diferentes grupos de idade, experiência e carga horária.
Bender (2018)	A ginástica artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes	UFRGS	Descrever e analisar a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes na ginástica artística considerando sua atuação no cenário nacional e internacional.	A trajetória esportiva de Adrian Gomes reflete muito do que significa ser atleta brasileiro/a, a dedicação necessária para o esporte, as dificuldades e as conquistas. Porém, assim como muitos outros atletas, sua história fica esquecida, dado que não tem destaque especial na mídia. Já o conhecimento de sua carreira permite reflexões sobre o sistema esportivo brasileiro, aspectos do cotidiano do atleta e problematizando o conceito do "atleta olímpico".
Benine (2018)	Pedagogia da roda ginástica (alemã): análise de uma proposta metodológica desenvolvida no clube Bayer Leverkusen na Alemanha	UNICAMP	Descrever e analisar a proposta metodológica de ensino-aprendizagem da Roda Ginástica, desenvolvida por uma especialista de renome internacional do clube alemão Bayer Leverkusen, um dos mais importantes no contexto internacional.	Foi possível observar a prática esportiva da Roda Ginástica no clube analisado, a qual é praticada e desenvolvido primordialmente de forma voluntária, utilizando métodos pedagógicos de longa data. Já a realidade alemã difere da brasileira, e deveriam ser pensadas ações e propostas pedagógicas adaptadas ao cenário cultural e econômico brasileiro.

Bernal (1992)	Estudo das lesões agudas da ginástica artística feminina na infância, a partir da população em treinamento em Campinas, SP	UNICAMP	Caracterizar aspectos das lesões desportivas agudas e no plano específico: explorar as distribuições de frequência, de tais lesões quanto a fatores como tipos, localização corporal, tempo e grupos de risco da prática da G.A.F. da população em estudo.	As lesões mais frequentes destacadas pelo estudo foram entorses e contusões, principalmente nos membros inferiores, causado pela repetição do movimento e pela repulsão em tablado inadequado para prática. Observaram que as lesões geralmente ocorriam no período medial e final do treinamento, por erros de execução, falta de concentração ou equipamentos inadequados. A média de duração das lesões era de 1-2 semanas.
Bortoleto (2000)	O caráter objetivo e o subjetivo da ginástica artística	UNICAMP	Compreender o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo) da GA de Alto Nível, procurando apontar como acontece a relação entre eles, e qual a importância de cada um na realidade prática desta modalidade, mediante a literatura existente e o discurso de árbitros e técnicos desta modalidade.	Ambos os aspectos estão presentes na fala dos entrevistados, já a literatura traz com maior força a parte técnica, já que a avaliação iniciou-se buscando objetividade. A compreensão e conceituação da parte subjetiva da GA precisa ser estabelecida, para que ginastas, técnicos e árbitros possam entender e explorar esse aspecto.
Botti (2008)	Ginástica Rítmica: estudo do processo de ensino-aprendizagem-treinamento com suporte na teoria ecológica	UFSC	Analisar a estruturação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento da categoria infantil na Ginástica Rítmica e verificar o impacto deste processo no desenvolvimento das capacidades físico-motoras (coordenação motora, flexibilidade e habilidades motoras) das atletas.	Foi observado em ambas as equipes estruturas semelhantes do processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Nas metodologias utilizadas, observaram que a equipe A utiliza o método analítico, e apresentou maior preocupação com a execução técnica correta, já a equipe B preferiu utilizar o método global. As equipes mostraram evolução nos testes motores e de coordenação motora, sem ganhos significativos na flexibilidade. Não foi constatado diferença pelo nível de experiência esportiva.
Candotti (1997)	Efeitos de um programa de relaxamento muscular na dor lombar de atletas de	UFRGS	Detectar os efeitos de um programa de relaxamento muscular na incidência e intensidade da lombalgia associada com fadiga	Os resultados obtidos pelo questionário mostraram redução significativa na incidência e intensidade das dores lombares relatadas, após o programa de relaxamento muscular. Os resultados obtidos pela avaliação eletromiográfica mostraram diminuição das dores lombares, calculado pela mediana de

	ginástica rítmica desportiva: um estudo eletromiográfico		muscular de jovens atletas de Ginástica Rítmica Desportiva (GRD)	frequência, que foi verificado como variável eficiente para avaliação.
Carvalho (2007)	O discurso midiático da Ginástica Artística	UCB	Identificar e analisar os objetivos, os valores e as ideologias veiculadas nos conteúdos das reportagens de Ginástica Artística de programas televisivos.	A análise das reportagens identificou que os conteúdos publicados mostram um esporte de grandes feitos, exaltando a história de vida e conquistas dos ginastas, apelando para o lado emocional do público pela dramatização dos sacrifícios realizados durante a trajetória esportiva. Essa dramatização remete quase um valor de troca como lucro para os atletas. Já as mídias não passam informações suficientes para compreensão da modalidade, descrevendo movimentos e eventos de forma rudimentar, servindo primordialmente para o entretenimento, deixando a dimensão educativa e participativa de lado.
Codinhato (2017)	Resiliência, estresse e lesões no contexto da ginástica rítmica de elite	UEM-UEL	Estudar as relações entre resiliência psicológica, estresse e lesões no contexto esportivo de elite.	A resiliência foi destacada como fator psicológico importantes para lidar com as adversidades, fator importante para o processo de reabilitação de lesões. Não foi encontrada relação entre o estresse e a ocorrência de lesões. As atletas do estudo apresentaram valores moderados a altos de resiliência psicológica, resultado ideal para um cenário de rendimento.
Costa, C. (2018)	A arbitragem em ginástica rítmica no Brasil: uma abordagem configuracional	UEM-UEL	Analisar as relações da interdependência no campo da ginástica rítmica no que se refere à dinâmica da arbitragem.	Os resultados mostram que poucos estudos contemplam modalidades esportivas utilizando as teorias de Norbert Elias, sendo que nenhuma delas é relacionada à ginástica. O processo de esportivização da ginástica decorreu da evolução de práticas corporais, junto com às transformações da sociedade causados por eventos históricos, resultando na hegemonia russa na modalidade. Observaram que há diversos fatores que influenciam o julgamento do árbitro nas provas de GR, entre eles o seu poder como tal, experiências e emoções vividas pelo árbitro, as características da modalidade e do código de pontuação, e as relações de interdependência entre árbitros e técnicos, ginastas, membros da comissão, dirigentes, público e outros.
Costa, V. (2018)	O encerramento da carreira esportiva na Ginástica	USP-RP	Descrever e analisar a carreira esportiva de ginastas brasileiras que encerraram a	Os resultados mostram que há diferentes personagens importantes para a permanência da ginasta no esporte, principalmente os pais e os treinadores. A relação com os pais foi observada como importante nos momentos pré, durante e

	Artística Feminina do Brasil		trajetória na GAF antes dos 20 anos de idade.	pós-carreira. A relação com o treinador foi importante para a motivação e permanência no esporte. As vitórias e a realização no esporte também foram destacadas como pontos positivos. Observaram que motivos como lesões ou cansaço, esgotamento físico e mental pode ter contribuído para o encerramento da carreira esportiva, e que elas não estavam preparadas para isso. Os resultados dizem que não há um momento certo para encerrar a carreira esportiva, mas que as ginastas devem ter orientação e apoio psicológico para que estejam preparadas para este momento.
Debien (2016)	Monitoramento da carga de treinamento na ginástica rítmica: efeitos no estado de recuperação, perfil hormonal, resposta imune e desempenho físico	UFV/UFJF	Descrever a dinâmica da carga interna de treinamento (CIT) e estado de recuperação de atletas profissionais de ginástica rítmica (GR) durante uma temporada, bem como verificar o impacto dessa organização na percepção do estado de estresse-recuperação, perfil hormonal, imunidade da mucosa e desempenho físico.	A carga de treinamento semanal (CTST), apresentou caráter ondulatório e variado, já o estado de recuperação das atletas estava abaixo do ideal ao longo da temporada. Foi observado pouca alteração no estado estresse-recuperação, exceto nos períodos pós-folga e com a presença de lesões e/ou fadiga. O cortisol mostrou-se aumentado durante a intensificação do treinamento e junto com a testosterona, elevou-se significativamente no dia da competição. O comportamento do sistema imune apresentou grande variabilidade interindividual.
Detoni (2014)	Efeito da desidratação em uma sessão de treino em respostas fisiológicas e perceptivas de meninas atletas de ginástica rítmica	UFRGS	Comparar respostas fisiológicas e perceptivas de meninas atletas de ginástica rítmica entre uma sessão de treino sem hidratação, e outra com hidratação controlada.	Encontraram diminuição na força manual de preensão na sessão sem hidratação, diminuição da coloração da urina de da gravidade específica da urina na sessão com hidratação, maior taxa de percepção de esforço no minuto 25 na sessão sem hidratação, maior sensação térmica e frequência cardíaca no minuto 105 na sessão sem hidratação, maior volume de suor na sessão com hidratação, maior nível de sódio na urina na sessão sem hidratação.
Di Thomazzo (2006)	Superando dificuldades no trato da Ginástica Artística na prática profissional de professores	UNESPRC	Elucidar os professores em início de carreira (de zero a cinco anos) a respeito da prática de ensinar Ginástica Artística (G.A.) no contexto escolar.	Os professores relataram que suas principais dificuldades foram a falta de investimento em materiais e espaço adequados para a prática, e a falta de conhecimento sobre a modalidade para realizar atividades de forma segura. Os profissionais não tiveram contato com a modalidade durante o curso de graduação, e estão apenas no início da carreira como professor. Porém, eles concordaram que é possível ministrar uma prática pedagógica



	iniciantes de educação física			nas aulas, mas que é necessário refletir sobre a parte cultural e social da prática, além da dimensão técnica e física.
Duarte (2008)	O medo na ginástica artística feminina: estudo com atletas da categoria pré-infantil	USP	Investigar a manifestação do comportamento do medo na GA.	Os principais motivos pelo medo na ginástica foram o medo de se lesionar, do desconhecido, do técnico/sistema avaliativo. Na maioria das ginastas, elas conseguem controlar seus medos, utilizando diferentes técnicas, principalmente a prática mental e práticas de relaxamento. A atitude dos técnicos, pais e colegas também foi destacado como importante para que as ginastas consigam lidar com seus medos.
Nakashima (2013)	Análise do comportamento parental no processo de desenvolvimento de talentos esportivos de Ginástica Rítmica	UEM-UEL	Analisar o comportamento parental no processo de desenvolvimento de talentos esportivos da ginástica rítmica.	As crianças cujos pais motivavam e apoiavam o ingresso e permanência no esporte favorecia a aderência à prática. O suporte emocional foi o estilo parental mais predominante e a participação dos pais no contexto esportivo foi classificada como nível moderado, sendo que este comportamento é considerado o mais adequado para o desenvolvimento do atleta. Tanto os pais quanto as mães tiveram influência de modelagem nas atletas, porém de formas diferentes, e analisando a correlação entre o estilo parental de suporte emocional e o mecanismo de modelagem, verificou-se que níveis adequados de suporte emocional demonstram menores tentativas de modelagem parental devido à estimulação dos pais para a autonomia das filhas. As invocações da organização esportiva demonstravam resultados moderados tanto para os pais quanto para as mães, sendo que as mães consideram estas solicitações pelo treinador como moderada e os pais como baixa. Os pais e mães apresentaram uma alta utilização de encorajamento, reforço, modelagem e instrução, sendo figuras importantes que assumem diversas funções além do apoio psicológico, mas também relacionadas ao investimento na especialização e participação em competições esportivas.
Ferreira Filho (2007)	Estudo sobre a estatura de ginastas na ginástica artística feminina de alto nível no Brasil	USP	Levantar dados referentes à estatura de ex-ginastas e ginastas adultas de alto nível no Brasil, para verificar possíveis evidências de que o potencial hereditário estabelecido para estatura adulta tenha sido prejudicado	Os resultados da pesquisa mostraram que as ginastas têm estatura dentro da normalidade de acordo com os órgãos nacionais. As atletas tinham estatura semelhante às suas irmãs e maior que seus pais, logo, seu potencial genético não foi afetado pela prática da modalidade. Porém, a prática de alto nível pode ser o motivo pelo desenvolvimento maturacional tardio.

			devido ao treinamento de alto nível na Ginástica Artística.	
Figueiredo (2009)	A disciplina de ginástica artística na formação do licenciado em educação física sob a perspectiva de docentes universitários	UNESPRC	Analisar a formação do licenciado em Educação Física no que se refere ao ensino da ginástica artística, sob a perspectiva de docentes universitários	Os depoimentos e a revisão de literatura permitiram observar que o currículo da licenciatura carece em alguns pontos acerca da ginástica artística, e foi identificado que ela deve ser reformulada para atender às necessidades dos professores de Educação Física na escola. Docentes relatam que a formação se aproxima dos caminhos da pesquisa e da carreira docente, e falta prática pedagógica voltada para o ensino escolar. A prática da ginástica artística na escola é dificultada por fatores como: predominância dos esportes coletivos, falta de materiais e espaço inadequado. Deve-se difundir a concepção que a ginástica artística pode ser praticada na escola, utilizando adaptações e materiais alternativos, para que o esporte possa ser vivenciado sem que esteja vinculada ao alto rendimento.
Fontana (2010)	A motivação na ginástica rítmica: um estudo correlacional entre os motivos e a autodeterminação em atletas de 13 a 16 anos	UFGRS	Testar e discutir as correlações (sinal, intensidade e significância) intra e interdimensões das dimensões motivacionais que levam à prática regular de atividades físicas e esportivas e os níveis de autodeterminação referidos em dois inventários (Inventário de Motivação à Prática Regular de Atividades Físicas e Esportivas - IIMPRAFE-126 e o Inventário de Autodeterminação para Praticantes de Atividades Físicas e Esportivas - IAPAFE-25).	A dimensão motivacional que mais motiva atletas de GR de 13 a 16 anos de idade do estudo foi o prazer, e uma correlação das dimensões de saúde, sociabilidade, competitividade, e controle do estresse. As correlações dos inventários indicam que os maiores índices motivacionais estão relacionados a modos internos de motivação.
Freitas (2020)	Relação entre carga externa e interna de treinamento de atletas de ginástica	UFV/UFJF	Caracterizar a carga de treinamento de atletas infantis da ginástica artística feminina de 11 e 12 anos de idade; descrever a carga de	Os resultados mostram que o treinamento apresenta pouca variabilidade, indicado pelo valor médio de monotonia (>2 UA), valor maior que diversos estudos. Altas cargas de treinamento, característica consolidada acerca da modalidade foi identificada, que reforça a necessidade de monitoramento da carga de

	artística feminina da categoria infantil		treinamento ao longo da preparação para o principal campeonato e verificar a correlação entre métricas de carga externa e interna de treinamento para o grupo	treinamento, por se tratar de atletas jovens. As correlações entre métricas de carga externa de treinamento e carga interna de treinamento se mostraram significativa positiva e de “fraca” força entre volume de elementos e a percepção subjetiva do esforço, e de “moderada” força entre tempo da sessão de treino e percepção subjetiva do esforço. Os métodos utilizados se mostraram eficazes no monitoramento da carga de treinamento na ginástica artística feminina, desde que observados os fatores que podem influenciar os resultados.
Frutuoso (2014)	Desequilíbrios e assimetria em membros inferiores de atletas de ginástica rítmica	UFSC	Investigar a influência da preferência lateral e do treinamento na produção de força de membros inferiores de atletas de ginástica rítmica pertencentes à categoria juvenil e adulto de uma equipe de Santa Catarina.	Observaram que a preferência lateral e o treinamento de GR influenciaram a capacidade de produção de força de membros inferiores no grupo de ginastas estudado. Os desequilíbrios parecem estar ligados ao treinamento específico, porém não foram registradas muitas lesões em virtude disso. Sugere-se realizar avaliações periódicas para controlar assimetrias e desequilíbrios musculares.
Gonçalves (2017)	O significado da dor em atletas da ginástica rítmica	USP	Analisar como as atletas olímpicas de Ginástica Rítmica experienciaram a dor e os seus significados em sua carreira esportiva.	Pelas falas das atletas entrevistadas, foi possível enxergar como a dor é uma parte integrante da cultura da modalidade. As ginastas têm em comum a vivência contínua com a dor, ela já faz parte do "normal" do cotidiano de um atleta profissional. Ela é suportada por muitos atletas em virtude da crença que o sofrimento é inerente para se tornar campeão. Conviver com a dor significa muitas vezes ignorá-la, resisti-la para que não se perca algo, como a competição ou a vaga no treinamento.
Goulart (2013)	Diferenças estruturais e funcionais dos extensores do joelho entre atletas de ginástica rítmica e ginástica artística	UFRGS	1) Avaliar e comparar as características morfológicas musculares e tendíneas entre atletas de GR e de GA; 2) Identificar quais variáveis morfológicas (musculares e/ou tendíneas) apresentam maior influência sobre a potência de membros inferiores na GR e na GA; 3) Avaliar e comparar a potência muscular, bem como a capacidade de produção de	As ginastas de cada modalidade apresentam adaptações neuromusculares diferentes, levando ao melhor desempenho nos testes que se aproximam das demandas funcionais do treinamento. Os resultados mostram a especificidade das adaptações decorrentes do treinamento de GA ou GR, reforçando a necessidade de exercícios específicos para melhorar a performance em cada modalidade.

			força de membros inferiores entre atletas de GR e GA.	
Koren (2004)	A Ginástica vivenciada na escola e analisada na perspectiva da criança	UNICAMP	Analisar o significado da prática da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica desenvolvidas em aulas de Educação Física Escolar para as crianças dos seis aos dez anos de idade.	Os resultados mostram que a ginástica é um conteúdo possível de ser incluído nas aulas de educação física escolar, permitindo um desenvolvimento físico e cognitivo significativo através das atividades gímnicas, utilizando do lúdico e da diversificação das atividades. Observaram que as práticas com maior significado para as crianças são aquelas que lhes proporcionam satisfação (95%). Quando a criança vivencia momentos agradáveis, interessantes, criativos e prazerosos, ela se sente feliz e privilegiada participando.
Lima (2016)	Representatividade da ginástica artística feminina paulista no cenário brasileiro (2011-2014)	UNESPRC	Analisar a representatividade da Ginástica Artística Feminina paulista, sobretudo da Região Metropolitana de São Paulo, no contexto brasileiro da modalidade, por meio de uma análise documental	O estado de São Paulo foi identificado como representativa na GAF, principalmente na região metropolitana. É um local importante para formação de ginastas, sendo possível observar grande participação em eventos nacionais, grande número de praticantes comparado aos outros estados, e vários locais para prática do esporte. Porém, a representatividade das ginastas oriundas de instituições paulistas na seleção brasileira é baixa, e observou-se tendência de migração para outras instituições em outros estados.
Lopes (2009)	Motivação e ginástica artística formativa no contexto extracurricular	USP	Investigar a motivação de jovens praticantes para a prática da GA nas escolas e as estratégias dos professores para estimular e manter esse interesse.	Observaram diversos motivos para a prática, sendo de origem intrínseca e extrínseca, e os de origem intrínseca estavam diretamente relacionados com características da GA. Foi identificada que o papel do professor é fundamental na motivação das praticantes, e observaram falhas no relacionamento entre professores e alunos, já que os professores não se mostravam cientes dos objetivos e fatores motivantes dos alunos. As estratégias utilizadas pelos professores mostraram-se relativamente eficientes.
Lourenço (2004)	Ginástica Rítmica no Brasil a (R)evolução de um Esporte	UNIMEP	Traçar um paralelo entre a evolução da Ginástica Rítmica no Brasil considerando as mudanças promovidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) no Código de Pontuação, com o intuito de avaliar a promoção e a	Os resultados mostram que houve crescimento das apresentações de conjunto de GR no exterior e mudanças no código de pontuação, como a maior valorização do trabalho corporal e artístico. As adaptações não ocorreram de forma rápida, porém permitiram uma evolução na preparação física das ginastas. A evolução brasileira ainda há de construir uma identidade própria a partir da criação artística das apresentações.

			(r)evolução da modalidade e assim, em um determinado momento, detectar que as trocas dos critérios passaram ou não a ser fundamentais nas alterações de posições da Seleção Brasileira de Conjuntos, objeto de nosso estudo, nos campeonatos do mundo.	
Tsukamoto (2004)	A Ginástica Olímpica no contexto da Iniciação Esportiva	USP	Investigar a estrutura e o desenvolvimento de programas de ginástica olímpica no contexto dos programas de iniciação esportiva, em clubes e instituições privadas na cidade de São Paulo.	Foi observado que a ginástica olímpica (GO) é uma praticada inclusiva, porém não é muito praticada, pela estruturação da oferta dos programas e pela forma de desenvolvimento da GO. A prática é realizada apenas por aqueles que escolhem a modalidade, e ela é voltada para o desenvolvimento motor, englobando exercícios ginásticos e participação em eventos competitivos. Observaram que é necessário realizar uma prática mais abrangente, sem as características de GO de alto nível.
Merida (2008)	Reflexões sobre a pedagogia da ginástica acrobática	USJT	Compreender como podem acontecer as práticas pedagógicas relativas à GACRO, a partir da literatura, das aulas observadas e dos depoimentos dos técnicos das instituições estudadas, e com isso, apontar diretrizes de uma proposta pedagógica para a GACRO, dialogando com a experiência da pesquisadora.	Foi possível observar que a prática pedagógica dos técnicos está intimamente ligada com suas experiências como atleta da modalidade, e de vivências informais como observação e auxílio em aulas. Relatam que para o treinamento das categorias infantil e pré-infantil a estrutura existente é boa. Destaca-se a importância da reflexão crítica acerca das práticas utilizadas, para que seja produzido novo conhecimento. Quando ao ensino da ginástica acrobática no Brasil, foi possível observar diversos constructos que permitem compreender quais práticas pedagógicas estão sendo utilizadas em São Paulo e no Brasil, e reconhece-se que é uma área em evolução.
Molinari (2018)	A formação esportiva na ginástica artística feminina: o desenvolvimento das categorias pré-infantil e infantil no Brasil	USP-RP	Descrever e analisar como o treinamento de GAF nas categorias pré-infantil e infantil é desenvolvido no Brasil, a partir do discurso de treinadores experientes e atuantes na GAF.	O estudo permitiu observar o panorama do treinamento na GAF nas categorias pré-infantil e infantil no Brasil, observando fatores que envolvem o ingresso e seleção dos participantes, e questões diárias do treinamento. Não foi possível observar uma sistematização da seleção de talentos, sendo que a atuação de cada treinador estava intimamente ligada com suas experiências, muitas vezes antiquado, reproduzido ao longo do tempo. A carga horária, estruturação de treino, preparação

				artística observada apresentaram características muito similares aos treinamentos das categorias juvenil e adulto. Porém, o controle de volume variou bastante, pois ainda estão em fase de aprendizagem e durante as tentativas ainda ocorrem muitos erros. Realizam exercícios em 3-4 aparelhos por dia, priorizando os aparelhos mais difíceis de dominar e reforçando o treinamento dos elementos básicos. O papel do treinador muitas vezes é multidisciplinar, causando o surgimento de dificuldades, por precisar exercer a função de preparador físico e artístico além de técnico.
Mori (2003)	A interferência da música na ginástica rítmica: estado de ânimo e qualidade de movimento	UNESPRC	Analisar se a música interfere em diferentes situações na Ginástica Rítmica.	Alunas após realizarem aula de GR sem música se sentiam mais "pesado", menos "inútil" e menos "leve". Nas aulas com música sentiram-se menos "tristes", com menos "medo", e mais "ativas" e "felizes". Logo, observa-se que a música interferiu com os estados de ânimo das ginastas, mas não interferiu na qualidade de movimento das mesmas.
Oliveira (1996)	Dificuldades de aprendizagem: um olhar na perspectiva do movimento gímico	UNICAMP	Investigar a contribuição da Ginástica Artística para a criança com dificuldade de aprendizagem, na perspectiva do modelo teórico de Leguet (1987), através da aplicação de um programa de atividade motora específica.	As ações motoras trabalhadas na perspectiva metodológica do estudo podem trazer contribuições significativas no desenvolvimento de habilidades motoras das crianças com dificuldade de aprendizagem. A ginástica artística pode ser utilizada de forma participativa como ferramenta para o desenvolvimento da criança, e não apenas para fins competitivos.
Oliveira (2010)	O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008	UNICAMP	Descrever o panorama da Ginástica Artística Masculina (GAM) brasileira no último ciclo olímpico (2005-2008), com ênfase nas dimensões competitiva, econômica, organizacional e de infraestrutura	Os resultados permitiram o mapeamento histórico das federações existentes, e verificaram mudanças significativas na participação e resultados em competições nacionais e internacionais, representação na arbitragem, investimento financeiro, estrutura física e organização. Os instrumentos escolhidos permitiram observar o panorama completo, identificando problemas como a realização de atividades em esferas não competitivas e desigualdades econômicas que dificultam o desenvolvimento em diferentes regiões.
Oliveira (2007)	O efeito do treinamento da imaginação, na melhora do gesto do	UFPR	Investigar o efeito do treinamento da imaginação na melhora do gesto técnico do "flic com	O treinamento imaginário, combinado com a preparação físico-técnica, comprovou ser um método eficiente para melhorar o gesto técnico "flic com as mãos". Os atletas do grupo experimental apresentaram alterações positivas no

	“flic com as mãos” da ginástica artística feminina, em atletas de 8 a 12 anos de idade		as mãos” da ginástica artística	deslocamento do centro de massa (vertical e linear), quando comparados ao pré-teste, ao grupo controle, e ao padrão de excelência.
Pereira (2014)	Ginástica rítmica: um concerto para o corpo	UFRN	Refletir sobre o corpo na GR a partir do seu entrelaçamento com a técnica, a arte e a cultura, além de ampliar a discussão sobre os esportes considerados artísticos no universo da Educação Física.	A autora, utilizando o caminho da fenomenologia de Merleau-Ponty, foi levado a redescobrir o esporte sob outro olhar, refletindo nas características históricas e das apresentações analisadas. Observaram características oriundas da cultura, a presença da arte e da técnica, entrelaçados e representados no corpo e na música.
Pires (2010)	Ginástica artística e preparação artística	USP	Identificar, analisar e discutir a preparação artística na GA competitiva do ponto de vista de técnicos e árbitros das categorias feminina e masculina da modalidade	Há desentendimentos sobre as questões artísticas da modalidade, tanto no setor feminino quanto do masculino, por parte dos técnicos e dos árbitros. Isto foi observado particularmente na conceituação, na forma de preparação dos ginastas e no julgamento da performance. Materiais de apoio poderiam auxiliar os técnicos, árbitros e ginastas e beneficiar a modalidade como um todo.
Pires (2003)	Ginástica rítmica: um contributo pedagógico para as aulas de educação física	UFSC	Verificar as variantes relevantes nas ações de três professores de Educação Física de três escolas (uma particular e duas estaduais) do Ensino Fundamental de Florianópolis, nos quadrantes administrativo, pedagógico e motivacional, na aplicação de uma proposta alternativa para a prática da Ginástica Rítmica nas aulas de Educação Física, bem como, analisar as manifestações dos alunos de 4 turmas de 4. <sup>a</sup> série e duas de 3. <sup>a</sup> série, neste processo de aprendizagem	Os resultados da intervenção mostram que o trabalho com a GR não somente é possível, mas também é importante nas aulas de educação física, utilizando adaptações mesmo que a estrutura não seja programada para tal prática. As respostas dos alunos às propostas indicaram pontos positivos e negativos nas diferentes estratégias utilizadas pelas professoras, como: utilização de jogos pré-desportivos, brincadeiras com ritmos e manejos de aparelhos. Identificaram melhora nas execuções dos elementos avaliados, e incorporação dos mecanismos motores durante a execução.

Ribeiro (2006)	A ginástica rítmica como contributo na integração social: estudo do Projeto “Criança na Quadra”	UNIMEP	Estudar as configurações e estabelecer relações sociais verificando as disputas de poder dessa configuração que surge a partir das atletas integrantes de uma equipe de Ginástica Rítmica, composta por meninas de classes sociais economicamente diferentes, seus familiares, técnicos, professores, e outros	As discussões levantadas pelo estudo permitiram observar que a GR possui um trabalho de integração entre as crianças que o praticam. Foi possível observar conflitos e disputas de interesses entre os envolvidos, porém parece que as crianças não dão a importância para a classe social, comparado com os familiares. A técnica foi apresentada como um elo entre as crianças e os pais. Observaram que o ambiente esportivo, também contribuiu para que valores positivos como a cooperação e a perseverança fossem instituídos, em vez da disputa e da desistência.
Sagawa (2011)	Uma história do desenvolvimento da ginástica artística paulista	USJT	Colaborar com as produções acadêmicas acerca deste desenvolvimento, centrando seu lócus para a cidade de São Paulo, compreendendo que muitas das ações na cidade, em diferentes contextos, impactaram no desenvolvimento da ginástica artística brasileira.	Descreve, utilizando documentos pessoais e arquivos de jornais, a história da evolução da GA feminina e masculina em São Paulo. Mostra a trajetória das ações voltadas para a ginástica, que são importantes pensando no desenvolvimento do esporte que temos hoje.
Sampaio (2017)	Formação de treinadores de ginástica rítmica: perspectivas de aprendizagem ao longo da vida	UFSC	Analisar o processo formativo de treinadores de Ginástica Rítmica, considerando as aprendizagens adquiridas ao longo da vida	Os resultados mostram que vários contextos e relações foram importantes para se moldarem como treinadoras, como o familiar, esportivo, amigos. O curso de graduação não foi uma fonte substancial de aprendizagem dos treinadores, mas sim as experiências informais, como cursos específicos da modalidade, estágios e experiências com outros clubes, conversas com outros treinadores. Foi possível observar que o processo de aprendizagem é contínuo e que cada treinador encontra estratégias para aumentar seus conhecimentos na área.
Saroa (2005)	A história da ginástica rítmica em Campinas	UNICAMP	Reconstruir a história da ginástica rítmica em Campinas – São Paulo - Brasil, pois este tema nunca foi explorado em pesquisas acadêmicas e esta é sem dúvida uma grande história, a	O trabalho conta a história da ginástica rítmica em Campinas, da sua instalação e trajetória de evolução em São Paulo, por meio da análise das falas de treinadoras e atletas. Ela retrata questões históricas e culturais que afetaram o seu desenvolvimento, como ocorreu a evolução em competições, quais ações foram realizadas para propulsionar o esporte ao longo de três décadas.



			história de vida de pessoas que passaram por esse esporte e deixaram marcas de conquistas, vitórias e paixões	
Schaedt (2006)	A pedagogia da ginástica artística na visão de técnicos e professores	UDESC	Compreender a pedagogia no contexto da iniciação à Ginástica Artística, como ensinam professores e técnicos dessa modalidade esportiva	De acordo com as respostas dos técnicos e professores, foi possível observar que uns optavam pela iniciação mais técnica (63,6%) e outros pela iniciação mais lúdica (54,5%). Observaram que aqueles que optavam pelas correções técnicas não tinham tanta preocupação com as questões pedagógicas, quanto aos que se utilizavam atividades lúdicas para o ensino, fazendo-se a pedagogia sempre presente.
Schiavon (2003)	O Projeto Crescendo com a Ginástica: uma possibilidade na escola	UNICAMP	Apontar alternativas para as dificuldades do desenvolvimento das modalidades de Ginástica Artística (G.A.) e Ginástica Rítmica (G.R.) nas aulas de Educação Física, auxiliando diretamente os profissionais atuantes nas escolas.	Durante o curso foi possível identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores para trazer a prática da ginástica no contexto escolar, como falta de estrutura e conhecimento sobre a modalidade. Assim, o curso mostrou como equipamentos poderiam ser adaptados ou construídos, como estruturar aulas, fornecendo conhecimentos básicos sobre a GA e GR possibilitando a prática inicial nas escolas. Também foi possível experimentar uma diferente forma de ensinar, baseado no não-direcionamento das ações, na qual os professores desempenhavam a função de mediador.
Sierra (2019)	A trajetória de formação de atletas de ginástica artística feminina na perspectiva de treinadores	UNICAMP	Identificar a concepção de trajetória de formação de ginastas na perspectiva de treinadores.	Os resultados mostram que os treinadores do grupo 1 e grupo 2 mostram preocupação pela formação de seus atletas, sendo que nas equipes de maior nível competitivo, estão mais preocupados com o alto rendimento. Fatores associados com o sucesso esportivo foram relacionados com os valores e princípios dos atletas, e quem não possuía estratégias para lidar com as exigências do treinamento estava mais relacionado com o abandono esportivo. Foram identificadas diversas unidades de registro que influenciam o desenvolvimento do esporte e a formação de ginastas, como o investimento no esporte e fatores socioculturais.
Silva (2018)	Efeito do foco de atenção na aprendizagem de uma habilidade da ginástica	UFMG	Investigar o efeito do foco de atenção na aprendizagem de uma habilidade da ginástica	Em ambos os grupos foram detectadas mudanças de comportamento, sendo que o foco externo (FE) não levou a melhoras do desempenho maiores que o foco interno (FI). O grupo do FE utilizou de aspectos proprioceptivos para execução da habilidade, já o grupo do FI, além de manter a atenção em

				aspectos proprioceptivos, conseguiu dividir a atenção para todas as partes da habilidade executada. O autor conclui que nas fases iniciais de aprendizagem de uma habilidade, o atleta tende a se atentar nos aspectos de execução, características do FI.
Silva (2017)	Efeitos da fadiga muscular e da informação sensorial tátil no controle postural de ginastas acrobáticos	USP	Comparar, entre ginastas da Ginástica Acrobática (grupo GYN) e não ginastas (grupo CTRL), os efeitos da fadiga muscular dos flexores plantares do tornozelo sobre o controle postural, durante tarefas de postura unipodal com e sem a presença de informações táteis adicionais (i.e. com e sem contato do dedo indicador com uma superfície externa)	Os resultados indicam que a fadiga muscular gerou oscilações nos grupos GYN (ginástica acrobática) e CTRL (controle), já o toque gerou diminuição na oscilação. Por meio da análise de sinais eletromiográficos, observaram que o grupo GYN mostrou menores ativações do músculo tibial anterior, e distribuições espectrais menores dos músculos gastrocnêmio medial, bíceps femoral e reto abdominal durante a tarefa de equilíbrio unipodal, independentemente da condição de fadiga ou de toque.
Stringhini (2010)	Razões da desistência da prática da ginástica artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino do Rio Grande do Sul	UFRGS	Analisar os fatores que levam à desistência das ginastas de Ga de alto rendimento no RS.	Identificaram 14 razões para a desistência da prática de GA de alto rendimento, relacionados tanto ao treinamento em si como a fatores externas que influenciam a prática. Porém, identificaram também fatores positivos relacionados ao desenvolvimento e a formação de ginastas.
Terezani (2007)	(Des) Encontros de Gênero na Ginástica Rítmica: um estudo sobre Formação Profissional em Educação Física	UNIMEP	Refletir sobre a formação profissional em Educação Física, investigando o conhecimento sobre gênero, presente na disciplina de Ginástica Rítmica	A maioria dos alunos mostrou-se interessado pelas discussões acerca de gênero no esporte, porém, não se recordam de haver tais discussões dentro dos conteúdos voltados para a ginástica rítmica. Na universidade 1, que possui programa de extensão em ginástica rítmica, com turmas mistas, os alunos parecem estar mais bem capacitados e cientes das teorias sobre gênero. Já as universidades 2 e 3, que estavam voltadas para o alto rendimento e para pessoas com necessidades especiais, respectivamente, parecem não ter conhecimento suficiente sobre as discussões de gênero nessa prática esportiva.
Yoshioka (2017)	Comparação entre dois tipos de creatina sobre a composição	USJT	Comparar os efeitos da suplementação de creatina HCL e monohidratada em marcadores de desempenho	Os resultados mostram que a massa magra aumentou no pré-ciclo para o pós-ciclo tanto para a creatina monohidratada quanto a creatina cloridato. A força e carga máxima, utilizando o teste de 1 RM, aumentou de forma significativa em ambos. Na

	corporal e desempenho de ginastas dependentes em período olímpico		e composição corporal em atletas peso-dependentes	comparação intergrupos, foi observado que no grupo de creatina monohidratada, houve uma diminuição do percentual de gordura. Por fim, observaram uma menor percepção de esforço apenas no grupo da creatina cloridrato.
--	---	--	---	---